



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO-UFPE
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS-CFCH
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS GEOGRÁFICAS-DCG
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA-PPGEO**

Marcos Allan Gonçalves de Araujo

LUGAR, PAISAGEM E RELIGIOSIDADE:
*moradores e romeiros no cotidiano do bairro do Socorro,
Juazeiro do Norte-CE*

**RECIFE
2016**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO-UFPE
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS-CFCH
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS GEOGRÁFICAS-DCG
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA-PPGEO**

Marcos Allan Gonçalves de Araujo

LUGAR, PAISAGEM E RELIGIOSIDADE:
*moradores e romeiros no cotidiano do bairro do Socorro,
Juazeiro do Norte-CE*

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal de Pernambuco, como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Geografia.

Orientador: Prof. Dr. Caio Augusto Amorim Maciel

**RECIFE
2016**

Catálogo na fonte
Bibliotecária Maria do Carmo de Paiva, CRB-4 1291

- A663I Araújo, Marcos Allan Gonçalves de.
Lugar, paisagem e religiosidade : moradores e romeiros no cotidiano do bairro do Socorro, Juazeiro do Norte-CE / Marcos Allan Gonçalves de Araújo. – 2016.
177 f. : il. ; 30 cm.
Orientador: Prof. Dr. Caio Augusto Amorim Maciel.
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Pernambuco, CFCH.
Programa de Pós-Graduação em Geografia, Recife, 2016.
Inclui referências e apêndices.
1. Geografia. 2. Bairros. 3. Juazeiro do Norte (CE). 4. Paisagens. 5. Memória. 6. Religiosidade. I. Maciel, Caio Augusto Amorim (Orientador). II. Título.
- 910 CDD (22.ed.) UFPE (BCFCH2016-35)



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO - UFPE
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS - CFCH
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS GEOGRÁFICAS - DCG
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA - PPGeo



MARCOS ALLAN GONÇALVES DE ARAUJO

**LUGAR, PAISAGEM E RELIGIOSIDADE: MORADORES E ROMEIROS NO
COTIDIANO DO BAIRRO DO SOCORRO, JUAZEIRO DO NORTE-CE**

Dissertação aprovada, em 26/02/2016, pela comissão examinadora:

Prof. Dr. Caio Augusto Amorim Maciel
(1º examinador – orientador – PPGeo/DCG/UFPE)

Prof. Dr. Otávio José Lemos Costa
(2º examinador – Geociências/UECE)

Profa. Dra. Tanya Maria Pires Brandão
(3ª examinadora – História/UFPE)

RECIFE – PE
2016

Dedicatória

Dedico este trabalho a todos os meus familiares que acreditam na Geografia que faço desde o dia em que entrei na Universidade Regional do Cariri. Em especial, a dedicatória vai para minha mãe Vanusa, que sempre acredita nos meus projetos e que nunca deixa de me estimular a seguir neles, mesmo em meio às dificuldades. Obrigado Dona Vanusa, pela sua parceria e convicção de que os meus estudos são importantes para mim e nossa família base, formada pela senhora e meus irmãos.

Recife- PE , 14 de dezembro , 2015, 1h e 48''

“A cidade”

“A cidade freme
Sob a pele asfixiada do tempo
Em suas molduras
A vida tinge de silêncio e suicídio
os passos
cotidianos
dos homens
desesperançados
A cidade,
fere com suas armadilha
Minhas palavras desoladas.
Dentro de seu útero radioativo,
eternizo um sonho expectante.
Capaz
de inventar no pássaro já morto
A melodia antiga
dos relógios digitais”.

“Cleilson Ribeiro” (O silêncio laminado no Casulo)

[poesia]

Agradecimentos

Em primeiro lugar agradeço a Deus pela força que sempre me delibera neste tipo de empreitada, pela vontade de sair e ir ao mundo, (eu) até temendo os desafios, porém sem deixar que esses sejam impedimentos na caminhada. Agradeço ainda ao universo que em sua mágica condição sempre emana de volta todos os pensamentos positivos que emito.

Ao chegar aos agradecimentos considerei importante não passar essa parte pelas correções de português, pois sinto que nessa condição essas palavras irão apresentar maior autenticidade em seu sentido mais íntimo enquanto forma de expressar sinceridade e gratidão para com as pessoas que se consolidaram importantes em nossa caminhada nestes dois anos.

Agradeço aqui ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) pelo apoio financeiro com a bolsa de estudos para as pesquisas de mestrado, pois sem a mesma seria impossível de minha parte se deslocar até Recife para cursar o mestrado, agradeço ainda a Propeq/UFPE pelo apoio em eventos.

A base de apoio nessa caminhada sem sobra de dúvidas é minha Família principalmente a base de núcleo duro formado pela minha mãe, irmãos e avós. Quando pontuamos aqui a importância desses deliberamos entendimentos que suscitam principalmente o apoio incondicional desses na luta que é fazer um curso acadêmico fora da minha realidade natal. A minha mãe **Vanusa** tem um papel importante ao me apoiar na ida à Recife para fazer a seleção e posteriormente cursar o mestrado, mãe obrigado pelo apoio de sempre e por acreditar nos meus projetos, que para a senhora em muitas vezes chega a ser mirabolantes (risos).

Dentro desse núcleo agradeço aos meus irmãos **Emanuel Vitor**, **Carlos Atila**, **José Anderson** e minha irmã **Isabela**. Obrigado vocês também foram importantes na minha ausência dentro de casa nesses dois anos, acredito que vocês ficaram mais experientes ao assumirem responsabilidades significantes dentro de casa. A Isabela agradeço ainda por ir a campo e fazer fotografias em momentos que não pude ir ao Cariri, neste contexto agradeço ainda ao Emanuel Vitor por ir comigo em algumas visitas de campo.

Agradeço ao meu avô João Bosco e a minha Avó Isabel por acreditarem também na minha luta e me apoiarem incondicionalmente nas minhas ideias de estudos, vale observar que isso é desde a graduação, obrigado vocês são magníficos.

Chego agora no fim de um ciclo, nessa caminhada o esforço pode até ser individual, mas as condições são dadas e criadas por pessoas que se colocam como anjos atraídos pelo o universo. Tenho que agradecer a todas as pessoas que fazem parte da minha construção histórico pessoal assim como intelectual nestes últimos anos.

Neste sentido começo com a “pequena notável” **Aurília Sousa** que foi uma das pessoas que me apoiou quando eu pensei em deixar a via acadêmica e ir para o mercado de trabalho de vez deixando o sonho que sempre tive de pesquisar. Aurília você foi muito importante no início dessa jornada ao dar muitas indicações no projeto inicial dessa pesquisa, obrigado menina esse trabalho tem o seu dedinho.

Na minha construção enquanto ser não posso deixar de lado o ano maravilhoso que tive na Escola Gabriel Bezerra de Moraes na cidade de Farias Brito-CE, pois o meu acúmulo foi imenso neste ambiente. Os meus agradecimentos dentro da escola vai em especial para o diretor de Devanio Fidelis que de prontidão me apoiou na época da seleção sem colocar nenhum empecilho para a viagem, agradeço ainda aos professores que me substituíram nessa ocasião, Edilson Primo, Gesse e Wilton Silva, agradeço ainda a todos que torceram por mim na escola, obrigado família Gabriel, vocês foram todos importantes.

Agradeço agora as pessoas que foram fundamentais na minha ida e estadia em Recife durante o período, essas pessoas foram basilares desde a época da seleção. Dentre essas pessoas destaco a Hilda Daniel que articulou os contatos com **Anderson Camargo** em relação à logística na época da prova, o próprio Anderson que foi um grande parceiro na ida à capital pernambucana (Anderson você é um das grandes pessoas que descobri neste período obrigado por tudo cara), a dona Marlene pela estadia no momento da seleção (seu carinho e recepção foram muito importantes para gente). Ainda neste contexto não posso esquecer a conterrânea de Cariri **Júccia Nathielle** que foi quem ajudou muito no início em Recife articulando com imobiliária para a minha estadia em Recife junto com o Anderson Camargo, Júccia você foi uma grande aquisição no meu quadro de amigos, precisamos nos ver mais e lembrarmos as nossas doideiras (cachaças) na Cidade do Recife (risos).

Agradeço ao professor **Claudio Ubiratan** (Bira) e a sua esposa a professora **Mônica Cox**, por serem os fiadores do meu primeiro local de moradia em Recife, obrigado por vocês acreditarem no meu potencial de pagador (risos), vocês confirmam em mim e me ajudaram bastante e digo mais vocês não sabem o quanto eu sou grato por isso, sem essa ajuda as coisas teriam tomado outro rumo (obs: mais uma vez eu reforço os agradecimento a Anderson Camargo pois foi ele quem fez o contato com vocês).

Agradeço aqui também a galera que conheci na **Vila Donina**, obrigado pela convivência com vocês, Paulo Humberto, André, Eriberto, Amanda Cristiane, Marta Mesquita, vocês com suas experiências de vida me ajudaram muito no meu crescimento enquanto pessoa no mundo. Agradeço ainda neste contexto a Marcia por ter dividido o mesmo ambiente de moradia no fim da dissertação depois que mudei da vila, obrigado por me acolher e ser tão prestativa neste momento final do meu trabalho, obrigado por tudo.

Chego agora nos agradecimentos aos amigos mais intimistas e de longa data; meu povo vocês não sabem a importância de vocês ao vir ao Recife vez por outra e matarem minha saudade do Cariri, vocês trouxeram o cheiro gostoso que só Cariri tem. Dentre essas pessoas tem Poly (**Poliana**) que prometeu que iria ser a primeira a me visitar em Recife e que de fato foi, (nega você não sabe a importância que as suas visitas tiveram nestes dois anos de solidão em Recife, você renovava as minhas energias e me fazia continuar nas minhas pesquisas firme e forte, obrigado “nem” te adoro).

Mari (**Marilene**) sua visita assim como as de Poly também me ajudou muito, é bem verdade que a sua foi rápida, mas ela foi significativa, Mari te agradeço também por ser sempre uma incentivadora dos meus projetos, eu vejo em seu olhar que você sempre acredita no que faço obrigado “nega”. **Rudge** e **Marciano**, vocês me deram a honra de visitarem minha morada na capital pernambucana uma vez cada, cada um de vocês com intuíto diferentes, (risos) um ir brincar no carnaval e o outro buscar contatos e aperfeiçoamento acadêmico, vocês assim como as meninas trouxeram para mim em Recife a referência Cariri e isso como já dito foi de fundamental importância na minha trajetória obrigado “os Cara”. Não preciso estender minhas palavras para dizer o quanto vocês quatro fazem parte da minha vida, obrigado negada.

Agradeço também as pessoas amigas que sei que torcem sempre por mim e por minhas vitórias dentre essas pessoas tenho que destacar Daniele Cruz, Flávia Livy,

Penha Coêlho, Jocineison Jorge, Roniel Alves, Cristina Pereira, Luciene Monteiro, Silvania Santos, a minha Orientadora de graduação Professora Antônia Carlos e dentre outros que peço perdão se esqueci.

Não posso deixar de fora a grade figura do **Paulo Wendel** grande parceiro de embates e pesquisas acadêmicas, Paulo obrigado pela ajuda com as fotografias e pelos debates regados a cerveja, (risos) esses também foram de fundamental importância. Nesta linha não posso esquecer-me de Joana Darck que me ajudou na coleta de algumas fotografias em romarias (obrigado menina), assim como **Daniela Medina** técnica da secretária de Cultura e Romaria de Juazeiro, suas indicações para o trabalho de campo foram importantes, obrigado. **Marcio Gleiser** e **Alirém** eu não poderia esquecer-se do apoio incondicional de vocês nas minhas jornadas acadêmicas desde a graduação, obrigado por tudo e por incentivarem as minhas lutas passadas e atuais.

Quanto a **Caio Maciel** meu orientador, os meus agradecimentos são da imensidão do universo, isso se dar desde o momento em que você aceitou me orientar mesmo não podendo por estar afastado para pós-doutoramento, Caio obrigado por ser essa pessoa sincera, (pois quando tem que falar fala mesmo), eu admiro muito isso, obrigado por tudo, sou muito agradecido por ter sido seu orientando e agradeço ainda mais por me dar condições de crescimento intelectual inimagináveis de minha parte.

Agradeço aqui também aos membros que formam essa banca e em especial ao professor **Otávio Costa** por ter se desprendido do Ceará e se colocado de prontidão a participar dessa banca inclusive custeando sua própria passagem tendo em vista a dificuldade financeira dos nossos programas, agradeço ainda a professora **Tanya Brandão** por também ter aceitado participar dessa defesa mesmo estando com vários outros trabalhos para avaliar, muito obrigado aos dois por contribuir com esse trabalho. Agradeço também aos suplentes, o professor Kennedy Santos e a professora Susana Cavani que aceitaram compor a referida banca.

Bruno Halley (seu p... risos) cara você foi um grande co-orientador neste meu trabalho, suas indicações juntas com as de Caio foram de fundamental importância pra consolidação destes escritos. Obrigado pelos debates que participei com você, obrigado por aquelas ideias do início e pelas indicações de leituras. Agradeço-te ainda por me fazer conhecer Recife de ponta a ponta, (dos morros aos empreendimentos “chiques”)

obrigado por me ensinar a Geografia do Recife, principalmente a da Zona Norte/ “Água Fria e Arruda” (“#Tem que ler [Marcos Paulo], #tem que fazer campo” [risos]).

David Barbosa eu tive o prazer de participar de debates com você durante um ano, obrigado por essas oportunidades, obrigado por promover condições para muitas das minhas ideias de paisagem, valeu cara. **Pietro Félix**, cara eu te agradeço muito ser essa pessoa de grande coração, acolhedor e protetor, mas que fala se tiver que falar, cara obrigado por tudo e por ser uma espécie de irmão mais velho que não tinha (risos) bicho tu foi uma das primeiras pessoas que conseguiu comandar uma ambiente em que eu estava, não que eu seja rebelde ou autoritário, mas sim por eu sempre ter tomado as rédeas dos ambientes (mais risos), obrigado por me fazer ver essa outra situação (tu é um irmão p...).

Agradeço pelo aprendizado com todos do **LecGeo**, tanto antes como depois da separação, dentre esses agradeço a: Bruna, Mariana, Maria José, Priscila Batista, Herivelto, Rogério, Felipe, Pedro Vilela, Marcílio, obrigado por vocês escutarem as minhas ideias e minhas falas em momentos de loucuras. Dentro do laboratório agradeço ainda a Ruth Kelles que se tornou uma grande amiga nesse período em Recife assim como agradeço também a Vanessa Rocha pela recente amizade. Agradeço pela convivência com o pessoal da Pós/UFPE, como por exemplo, Cecília, Rosy Rocha, Rinaldo Thomas, Yohhane, Jeyssi, Ítalo, o cariense Diego Coelho, Maria de Lourdes (minha ex-professora) entre outros que não me vem a memória no momento.

Ainda com relação ao pessoal da pós destaco **Zenis Freire** que vai ficar como uma grande amiga adquirida em Recife, (essa menina tem futuro) Zenis obrigado por tudo, pelos debates, pela amizade em fim você se tornou uma grande amiga. **Caline Mendes** e **Alexandre Sabino**, obrigado pela amizade, vocês são pessoas que estarão sempre no meu coração, obrigado pelas saídas e pelas ideias lançadas por vocês em nossos debates valeu casal. Agradeço ainda **Renata Barbosa** (a menina de Campina) [risos] Renata obrigado por ter entrado no meu ciclo de amizades e por ser esse pessoa gente boa e disposta a tudo, obrigado por tudo, eu aprendi a ser um pouco mais calmo com você. Outra pessoa importante para meu ciclo foi a **Ana Claudia** (Sakura) olha obrigado por tudo, você foi de suma importância na minha vivência no Recife no ano de 2014, obrigado pelos risos, obrigado pelas brigas, pelos conselhos e pela torcida para

com a minha pessoa. Outro agradecimento que eu te faço é por ter colocado o Victor no mundo esse anjo que alegra nossas vidas, (valeu menina te adoro).

Nos agradecimentos não poderia deixar de fora o grande **Eduardo Veras**, o cara que faz a pós da Geografia se mover em meio ao mar de burocracias, Eduardo obrigado por facilitar a minha vida quando precisei de você, seus serviços são de grande importância para nós acadêmicos.

Já perto do fim agradeço a todas as pessoas da/na UFPE ou de Recife que conheci em momentos de descontração como nas saídas lá para o “Bar do peludo”, no Recife Antigo, na Cocha ou em Olinda, sejam essas saídas para beber uma cerveja ou comer. Dentre essas que assim conheci eu destaco Fátima, Fabiana Cabral, Arlindo, Vitor Negão, Xando, e dentre outros que não me vem a memória ou que já foram acima citados, obrigado a todos que participaram desses momentos comigo.

A título de finalização agradeço aqui a todos os professores que tive o prazer de manter contato em disciplinas ou mesmo conversas informais, esses tanto do PPGEIO como MDU, dentre esses eu tenho prazer de destacar os professores Jan Biton, Caio Maciel, Nilson Crocia, Ronaldo Campos, Fabiano Diniz, Sueli Leal, Claudio Ubiratan, Nilo Américo, Bertrand Cosic, Doralice Sátiro, Kenedy Santos, Rodrigo Dutra, Alcindo Sá, Mônica Cox e Eugênia Pereira, desde já agradeço a experiência de ter buscado conhecimento com vocês.

Marcos Allan Gonçalves de Araujo
Madrugada de 6 de Janeiro de 2016
e revisões 26, 27 e 28

Resumo

O bairro enquanto lócus de acumulação histórico social é promotor de diversas nuances na cidade e dentro dessas pode-se destacar as condições de paisagem e de lugar, ambas caracterizadas e vivenciadas pelas ações dos sujeitos, esses aqui sendo considerados promotores de diversidades no espaço geográfico. Neste contexto acima introduzido e buscando meandros da interpretação do bairro do Socorro em Juazeiro do Norte - Ceará, observa-se que esta pesquisa tem como base contribuições da Geografia Cultural, tentando principalmente fazer um debate acerca dos aspectos da paisagem no recorte do bairro e dentro disso tentando entender como os sujeitos presentes neste contexto se dispõem e conduzem suas ações. Este trabalho busca uma construção que permeia um contexto de diversidades presentes na cidade de Juazeiro e no bairro Socorro, dentre as características desses entes é importante observar que as duas realidades são dinamizadas por aspectos de religiosidade popular, que delinea a maior parte das deliberações presentes tanto na paisagem do bairro quanto da cidade. No decorrer do texto é feito primeiramente um apanhado das condições da paisagem expressas no bairro, a posteriori realiza-se uma inserção com um intuito de entender as intersecções entre a condição de paisagem e a de lugar buscando compreender o papel que os sujeitos romeiros e moradores têm dentro dessa realidade. Ainda buscamos entendimentos que versam sobre as condições dispostas por agentes na promoção de ações públicas na criação e destruição de espaços geossimbólicos do bairro do Socorro. Esse aporte é construído através de pesquisa participante com idas a campo, construção de entrevistas e revisões iconográficas assim como pela construção de novas iconografias que subsidiam a pesquisa. Investigar e Identificar maneiras de interpretar as condições paisagísticas e de lugar de um bairro se consolida como um ato complexo numa realidade humanizada historicamente como o bairro do Socorro. Assim dentro das considerações é importante evidenciar as diferentes condições paisagísticas: de paisagem volatilizada, paisagem viva e paisagem de sazonalidade, ambas se constituindo em unicidade e ao mesmo tempo se construindo em complementariedades, amplamente configuradas de imaginários e materialidades, ambas se dando tanto nos discursos comuns como nos oficiais do estado ou de entes institucionais como igreja. Assim, o bairro do Socorro é animado e dotado de significados tanto pelos sujeitos que o vivenciam como pelos atores sociais que dinamizam essa realidade em nome do estado ou de instituições.

Palavras-Chave: Bairro do Socorro. Paisagem. Lugar. Romeiros. Moradores. Juazeiro do Norte.

Abstract

The neighborhood as a locus of social history accumulation is promoter of various nuances in the city and within them we can highlight the conditions of landscape and place both qualified and experienced for the actions of the subjects who are considered here as diversities promoters in geographic space. In this context introduced above and seeking intricacies of interpretation of Socorro neighborhood in Juazeiro do Norte – Ceará, it is observed that this research is based on contributions from the Cultural Geography, mainly trying to have a debate about the landscape aspects into a snip of the neighborhood and within that, trying to understand how the subjects presented in this context are willing and how they conduct their actions. This work seeks a construction that permeates a context of diversity present in the city of Juazeiro and Socorro neighborhood, among the characteristics of these beings is important to note that the two realities are streamlined by aspects of popular religiosity, which outlines most of these deliberations, both in the landscape of the neighborhood as the city. Throughout the text is first made an overview of the landscape conditions expressed in the neighborhood, subsequently we carried out an insert with the intention to understand the intersections between landscape and place conditions trying to understand the role that the subjects pilgrims and locals residents have within that reality. We also seek understandings that deal with conditions laid out by agents in promoting public actions in the creation and destruction of geosimbolical spaces of Socorro neighborhood. This contribution is built through participatory research with field trips, construction of interviews and iconographic reviews, and the construction of new iconography that subsidize research as well. To understand and seek ways of interpreting the landscape and place condition of a neighborhood is consolidated as a complex act in a historically humanized reality as the Socorro neighborhood. Thus, in the final considerations contexts is important to highlight the different landscape conditions: of volatilized landscape, living landscape and seasonal landscape, both constituting in uniqueness and at the same time building on complementarities, widely set of imaginary and materiality, both are giving in the usual discourses as the official state or institutional entities like the church. Thus, the Socorro neighborhood is lively and endowed with meanings both by the subjects who experience it as the social actors that streamline this reality in the name of the state or institutions.

Key-words: Socorro neighborhood. Landscape. Place. Pilgrims. Residents. Juazeiro do Norte.

Lista de Mapas

Mapa 1- De localização de Juazeiro do Norte em relação ao Nordeste	19
Mapa 2- - Juazeiro do Norte na Região Metropolitana do Cariri	20
Mapa 3- Representação do Bairro Socorro	56
MAPA 4 - Representação da centralidade do Socorro e dos pontos do estudo.....	57
Mapa 5- Representação de ruas seccionadas nas reformas do Socorro	128

Lista de Figuras

FIGURA 1- Fluxograma da movimentação dos sujeitos no bairro	41
FIGURA 2- Capela do Socorro onde se encontram os restos mortais do Pe. Cícero.....	43
FIGURA-3 Cemitério do Socorro	44
FIGURA 4- Memorial Pe. Cícero Museu de relíquias da história de Juazeiro e do patriarca da cidade.....	44
FIGURA 5- Romeira pagando promessa com bata franciscana no largo do Socorro	45
FIGURA 6- Romeiros com o Chapéu de palha representando a marca geossimbólica na paisagem do Bairro Socorro	46
FIGURA 7- Terminal de transporte público/ Rua São Francisco	48
FIGURA 8- Vista parcial do cemitério	49
Figura 9- Vista da datação da Capela do Socorro	50
FIGURA 10 Grupo Escolar Pe. Cícero, primeira escola de Juazeiro do Norte.....	52
FIGURA 11-Imagem Aproximada do Memorial	52
FIGURA 12- Barracas desativadas depois de romaria.....	54
FIGURA 13- Comércio em estabelecimentos físicos no pós-romarias	54
FIGURA 14- Romeiros como “geossímbolos vivos” vestidos de preto em julho na missa de morte o Pe. Cícero em sinal de pagamento de promessa	63
FIGURA 15 – Igreja do Socorro com painel informativo de campanha.....	64
FIGURA 16- Imagem Retirada do site da Basílica Menor da Mãe das Dores.....	65
FIGURA 17- Praça do Cinquentenário no Bairro do Socorro	68
FIGURA 18- Praça do Cinquentenário- ângulo reverso	69
FIGURA 19- Praça do Cinquentenário sendo substituída pelo memorial.....	70
FIGURA 20 - Fluxograma dos papéis dos sujeitos em relação aos conceitos	87
FIGURA 21- Croqui representando a movimentação dos romeiros no bairro do Socorro	90

FIGURA 22- Romeiros na feira de artesanato nas imediações do Socorro	93
FIGURA 23 – Romeiros em um itinerário entre a Capela do Socorro e o comércio nos arredores	93
FIGURA 24- Romeiros entre o largo e a capela do Socorro.....	94
FIGURA 25- Romeiros em peregrinação de frente a imagem do Padre Cícero e Igreja do Socorro.	94
FIGURA 26- Representação do movimento dos moradores no lugar.....	98
FIGURA 27- Representação da interseção entre sujeitos e seu referido conceito	102
FIGURA 28- Casa oferecida como rancho para estadia de romeiros no bairro do Socorro	104
FIGURA 29 - Casa para oração por temporada para romeiros	105
FIGURA 30- Romeiros na entrada de uma casa Rancho	105
FIGURA 31- Diagrama que representa a significação dos sujeitos no bairro.....	107
FIGURA 32- Romeiros em momento de descanso em um rancho no bairro do Socorro	111
FIGURA 33 – Jovens romeiros próximo a uma pousada rancho	111
FIGURA 34- Foto da Revista Cidades do Governo do Ceará representando o projeto Roteiros da Fé.....	132
FIGURA 35 – Reformas na centralidade do Socorro.....	133
FIGURA 36 – Contraste entre o antes e o depois da reforma na centralidade do Socorro	134
FIGURA 37 – Paisagem da Igreja ao Lado da torre do relógio	143

Sumário

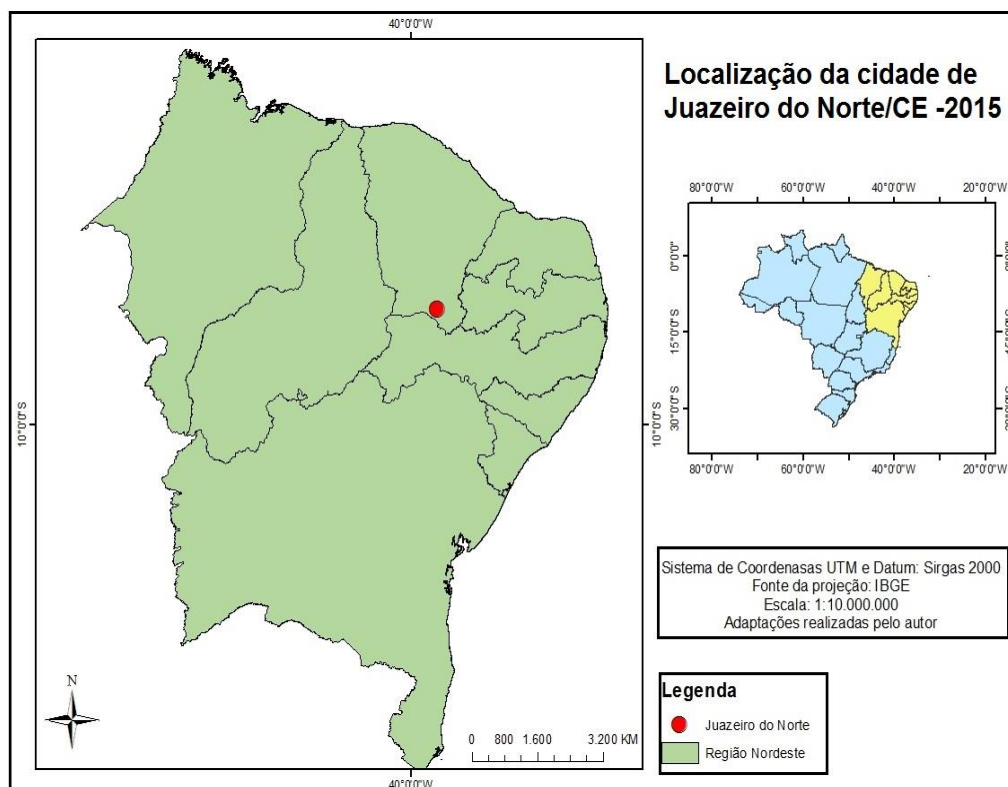
INTRODUÇÃO	19
Apresentação dos Capítulos	31
CAPÍTULO I	34
Bairro do Socorro: Memória e Paisagem Local – Os Sentidos e Significados da Religião neste recorte em Juazeiro do Norte.....	34
1.1 Por uma definição do bairro como espaço vivido territorialmente: paisagem e sentidos.	35
1.2 Registros, expressão na paisagem e evolução do bairro: significados sujeitos e meandros no visível.	48
1.3 Memórias e sensibilidades do espaço/Bairro: por uma apreensão do entendimento dos indivíduos.....	60
1.4. Religiosidade no/do bairro: contradições dinâmicas e contiguidades no sagrado... 74	
1.4.1 <i>O comércio popular e sua relação com o religioso: os laços que fazem as paisagens e transformam os fluxos.....</i>	<i>78</i>
CAPÍTULO II.....	82
Paisagem e Lugar: o Bairro e seus Geossímbolos na Apreensão da Identidade do Socorro e na manifestação dos sujeitos.....	82
2.1. Marcas e identidades da paisagem e do lugar: construtos, usos e processos no Socorro	85
2.2. Padrões de intersecções no bairro: os entremeios da paisagem e do lugar na multiterritorialidade	100
2.3 - Discursos sobre o construto urbano, formas de organização e imaginários sobre o Bairro Socorro: do singular da paisagem às tramas das entrelinhas.....	113
CAPÍTULO III	123
Ações públicas sobre os Geossímbolos no Socorro: Intensões, Sentidos, Atores e Sujeitos no Paradoxo de Construção e Desconstrução do Bairro	123
3.1. Ações, tempo e historicidade: o setor público como agente promotor do espaço no Socorro	126

3.2. O papel indutor na produção de espaço público: ações que levam ao desnudamento ou a “requalificação” das formas no Bairro.....	138
3.3 - O bairro como locus político: um objeto transformado continuamente na cidade.....	146
3.4 - Contextos Identitários e lógicas no espaço do Bairro Socorro.....	154
Considerações finais	163
Referências	168
Apêndices.....	175

INTRODUÇÃO

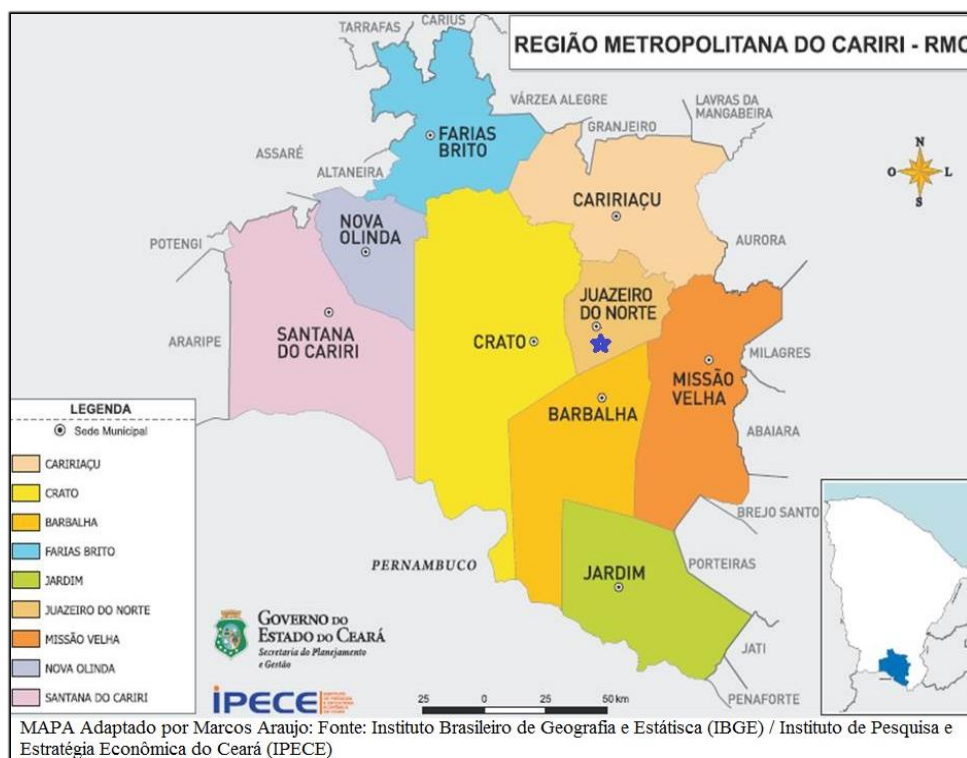
O bairro, historicamente instituído como elemento na cidade, se estabelece no âmbito da diversidade; neste sentido fazemos neste trabalho pontuações sobre três perspectivas significativas, que são as seguintes: o bairro como espaço vivido (*fruto da ação dos sujeitos, sem que necessariamente haja materialidade ou mesmo uma delimitação rígida no espaço*), o bairro como recorte delimitado (*essa delimitação é estabelecida como forma de gestão do espaço por um órgão como a prefeitura ou mesmo uma empresa que visa empreender neste recorte*) e, por fim, como mediação das outras duas perspectivas (*essa noção se estabelecendo na mescla entre os sujeitos e as ações públicas*). Apresentamos aqui uma preocupação que remete a um estudo de caso sobre o bairro do Socorro, em Juazeiro do Norte, no estado do Ceará. O trabalho tem ainda uma premissa de buscar entendimentos sobre as transformações que ocorrem no bairro, sejam essas no campo material ou no campo do imaginário. Vale observar a localização da cidade de Juazeiro do Norte-CE:

Mapa 1- De localização de Juazeiro do Norte em relação ao Nordeste



Adaptado pelo autor/ FONTE: IBGE janeiro de 2016

Mapa 2- Juazeiro do Norte na Região Metropolitana do Cariri



Adaptado pelo autor/ FONTE: IBGE/IPCE janeiro de 2016

Quando o ato de pesquisar se depara com uma realidade espacial de conteúdo urbano, dinâmico e historicamente expressivo como o de Juazeiro do Norte, é preciso que ao debruçar-se sobre o objeto o pesquisador tenha a noção das possibilidades que se oferecem à investigação científica.

O proceder deste trabalho não versa no sentido de construir definições acabadas sobre realidades como a do bairro do Socorro. As proposições aqui elencadas norteiam discussões que subentendem construções que possam fazer parte de pesquisas futuras em Geografia Humana e Cultural, assim como também possam subsidiar condições para entendimentos de realidade como essas no tocante às ações públicas sobre o conjunto do bairro, assim como os sujeitos envolvidos com fenômenos religiosos na escala intra-urbana.

A intenção sobre este campo de pesquisa advém de curiosidades pretéritas que chegaram ao seu amadurecimento nos últimos três anos. O espaço aqui apresentado é configurado por dinâmicas exógenas e endógenas, desde aspectos simples chegando até às manifestações mais amplas e contundentes na significação e transformação do espaço

enquanto lócus de apropriação de sujeitos, esses sendo direta ou indiretamente ligados a um ambiente específico da cidade.

Quando em primeira mão observamos a espacialidade do bairro Socorro em Juazeiro do Norte, lócus dessa investigação, percebe-se que a sua acepção primeira é a de um subconjunto sobreposto com uma identidade circunscrita ao longo do processo histórico de formação espacial, político e ideológico; em outras palavras, há uma sucessão de ações que subtendem um trabalho de diversos sujeitos, que se configuram como responsáveis por essas transformações sócio-espaciais na história do espaço/bairro; assim vale observar os moradores e os romeiros. Além desses sujeitos, há também o ente público que tem papel significativo nas dinâmicas sobre este bairro em Juazeiro do Norte.

O Socorro é um bairro com uma paisagem e aspectos bucólicos com ares de cidadezinha bem interiorana, porém o mesmo faz parte da gênese inicial da cidade, pois o local é “irmão siamês” do Centro e da Matriz, dois bairros vizinhos, esses constituindo o núcleo de formação histórica da cidade, como afirma Oliveira (2014). Nesta conformidade evidenciam-se ligações e nexos diretamente imbricados pelas relações religiosas e identitárias existentes neste recorte, havendo ainda condições e características do comércio que ali também se constituem; porém, a dinâmica comercial não deve fazer parte do escopo da dissertação, sendo assim vale pontuar que essas são as principais condições que fundamentam o estudo ora introduzido.

A construção de uma breve análise sobre o bairro Socorro se dá ainda pela sua condição de efervescência de manifestações culturais e religiosas, haja vista as características apresentadas aqui nessa introdução e que irão serem desveladas nos próximos tópicos do texto. O Socorro como lócus de estudo é configurado de importância elementar para o e construto social que é Juazeiro do Norte frente às suas características voltadas para a religiosidade popular.

Fazemos uso neste estudo de concepções estabelecidas no âmbito da Geografia Cultural, na qual calcamos afirmações e entendimentos em estudos feitos nesta perspectiva de ver e interpretar o espaço geográfico. Esse estudo é feito no sentido de conduzir elaborações significativas sobre o bairro, suas perspectivas correlatas de paisagem e lugar ou mesmo sua identidade territorial como parte da cidade. Constituindo um entendimento sobre o teórico, vale observar que dentre os vários

segmentos que a Ciência Geográfica produziu ao longo de sua existência é importante elencar este veio cultural que por muitas vezes foi negligenciado dentro da evolução do pensamento da disciplina

No processo de levantamento epistemológico vale salientar que a Geografia Cultural da escola de Berkeley, segundo Corrêa (2001, p. 9), tem um desenvolvimento significativo “entre 1925 a 1975 aproximadamente”, contribuindo significativamente sobre o papel da ciência e sua nova abordagem à época.

Este ramo tem como principais influências recentes os seguidores da escola norte americana, como já referenciado acima nos Estados Unidos, isso por que os geógrafos dessa tendência são os que mais enveredaram pela via morfológica de análise cultural do espaço geográfico, dentro de uma perspectiva “*Tradicional da Geografia Cultural*”¹, se é que podemos tratar estes primeiros relatos nessa condição de tradicional. Porém, o crédito de estudos iniciais sobre esta perspectiva tem que ser dado, segundo um dos fundadores desta escola, (o próprio Carl Sauer), a Ritter “com seus estudos com ênfase nas condições físicas das atividades humanas e a Ratzel, com sua *Antropogeografie*, na qual a Geografia humana até então vem se estruturando” (SAUER, 2010 p.20).

Segundo este pensamento pode-se dizer que os estudos que elegem o cultural como meio de análise surgem antes mesmo do próprio termo ser cunhado como campo da Ciência Geográfica. Seguindo essa linha, Claval (2001) diz que Ratzel, La Blache, Schlüter e Brunhes em seus trabalhos já dão certo tratamento ao cultural, principalmente quando tratam dos “artefatos criados pelos homens, dos gêneros de vidas” [...], porém o mesmo autor deixa claro mais à frente “que os fatos da cultura não são analisados sob o ângulo da atividade mental dos portadores da cultura, nem das relações que se desenvolvem entre si em tal ou tal lugar” (p.35). De fato tal tratamento não é dado a este contexto como evidencia o professor Claval, porém o mesmo faz e deixa a entender que estes não podem ser negligenciados dentro dos estudos culturais, pois é a partir de ideias como essas que surgem escolas mais consistentes, como o caso específico de Berkeley.

Ainda dentro da escola de Geografia Cultural de Berkeley podemos evidenciar que os principais temas sempre estiveram voltados para um conjunto de análises mais

¹ Esta perspectiva é entendida por mim como sendo uma análise primeira, ou seja, tradição refere-se aqui como sendo os primeiros a tratarem dentro do veio cultural.

restritas,² simplistas não nas nomenclaturas que podem muitas vezes ainda serem válidas, mas sim nas formas de abordagens, se comparadas aos estudos posteriores.

Como exemplo das temáticas trabalhadas, pode-se citar os discípulos de Sauer como seus difusores. Vale salientar aqui, Wagner e Mikesell que publicaram um artigo em uma coletânea no ano 1962 intitulado “*Os temas da Geografia Cultural*”, no qual os mesmos elegem por onde e como os estudos de Geografia cultural devem proceder.

Wagner e Mikesell (2010) trazem neste artigo introdutório uma série de levantamentos acerca dos temas pertinentes a Geografia Cultural, até então isso em meados dos anos sessenta. Falando ainda deste trabalho que a certo modo torna-se uma bula para o geógrafo cultural, o mesmo diz que os estudos sobre o cultural têm que serem produzidos sobre “Estes cinco temas implícitos — cultura, área cultural, paisagem cultural, história da cultura e ecologia cultural constituindo juntos, o núcleo da geografia cultural (WAGNER e MIKESELL, 2010, p. 28).

As análises neste texto elaboradas passam por um contexto de definições e entendimentos sobre os objetos e os temas abordados pela perspectiva acima citada, podendo as mesmas se condicionar dentro das suas similaridades e especificidades. Por fim, é evidenciada neste trabalho a definição do papel do geógrafo cultural à época, como também são explicadas as condições de suas análises dentro de uma regulação metodológica.

De antemão a crítica aqui tecida não desmerece o papel que o trabalho teve e tem dentro da Geografia cultural, porém a mesma passa por uma conjuntura que se refere a um papel de amplitudes que o trabalho deixa de lado para com as análises de cunho cultural, a exemplo dos estudos sobre as religiões, sobre as artes, como o cinema e dentre outras temáticas que são de suma importância para a Geografia Cultural dos dias atuais, ou mesmo ainda as dimensões imaginárias e os sentidos sobre o espaço.

Ao empreendermos análises na contribuição francesa sobre este veio não podemos deixar de citar os escritos de Claval (2010) onde o mesmo diz que: os estudos culturais estiveram sempre subliminares as temáticas escolhidas pelos geógrafos desde sempre e que a chamada Geografia Humana sempre esteve permeada de cultura, pois segundo o mesmo, qualquer ação humana na transformação do espaço faz correlação com as condições produzidas ao longo de uma formação social, ou seja, há cultura seja

² Este termo não vem tentar menosprezar trabalhos feitos antes na área de geografia cultural, principalmente a estadunidense, mas na tentativa de delimitar um marco significativo dos estudos apresentados por esta escola geográfica.

na economia, seja no gênero de vida ou mesmo na diferenciação de áreas ou ainda na chamada força do hábito. (CLAVALL, 2010).

A despeito dos anos 70 podemos evidenciar uma série de renovações dentro da ciência geográfica, isso passando por todos os ramos tratados por essa, e com isso não chega a ser diferente na configuração da chamada Geografia Cultural, que de imediato ganha novas formas e maneiras de se processar como veio que busca uma análise do espaço geográfico.

Dentre essas renovações podemos observar o estreitamento da gênese cultural para com uma perspectiva mais fenomenológica ou, para outros adeptos, mais humanística da ciência, que buscou estabelecer nos debates formas diferentes de interpretar por meio da Geografia Cultural. A partir disso, é importante entender que a vertente estadunidense tem papel primordial para a transformação geral da análise, mesmo essa tendo recebido um conjunto de críticas importantes, mas não perdendo o seu teor fundante nos debates.

Dentro deste conjunto de reparações que foram feitas e ainda são feitas, podemos aqui salientar o papel de alguns geógrafos culturais que revisam algumas ideias importantes fundamentadas por Sauer e seus discípulos. Em exemplo emblemático disso, vale citar James Duncan que faz uma análise significativa em um artigo intitulado “*O Supra – orgânico na Geografia Cultural Americana*”³. A respeito do conceito de *Supra orgânico*, vale observar que esse é tanto utilizado por geógrafos como por antropólogos.

Neste trabalho de Duncan são feitas críticas a respeito da “retirada do homem” e suas idiossincrasias dos estudos culturais, em que o ser humano se caracteriza apenas como um simples agente participante de algo maior que o domina, (no caso a cultura). Ainda dentro desse conceito o homem é apresentado como um simples divulgador de culturas, ou seja, a cultura é uma estrutura que o domina e o condiciona, vale ainda salientar que a crítica se fundamenta e é sustentada na falta de firmeza que o conceito de cultura apresenta para os geógrafos sauerianos (DUNCAN, 2010).

³ Este trabalho é publicado originalmente em 1980 nos Anais da Associação Americana de Geografia e republicado no livro Introdução a Geografia cultural de Roberto Lobato Corrêa e Zeny Rozendahl no ano de 2003.

Seguindo essa linha de críticas é que Denis Cosgrove vem produzir um artigo⁴ que tenta dar novos encaminhamentos para a Geografia Cultural, chegando a ponto de tentar propor uma Geografia Cultural Radical, calcada em um discurso de base materialista fazendo uma série de análises a esse respeito identificando pontos que sustentam sua argumentação.

Como já falado anteriormente, não é premissa do trabalho tentar desfazer ou questionar de modo algum a contribuição dos percussores da Geografia Cultural, além de que o propósito do trabalho não é esse. Vale salientar que o tratamento aqui dado é sobre uma historicidade, como também de revisão dos contextos dos estudos culturais, porém é necessário entender e buscar meios para uma crítica construtiva das ideias antes trabalhadas, como também das que virão a serem trabalhadas a seguir.

Dentro dessa renovação que o veio cultural sofre, não podemos deixar de lado o papel dos geógrafos franceses. A despeito da forte influência americana temos alguns nomes que surgem dentro dessa proposta na França, que é o caso de Bonnemaision, Berdoulay e Paul Claval (já mencionado aqui), e que dentro de suas propostas esses deram contribuições importantes para repensar as bases da Geografia Cultural, inclusive revisitando estudos pioneiros de Paul Vidal de la Blache. Dando andamentos a essas ideias há também o papel importante dos escritos de Yi-Fu Tuan (1980, 1983), que vêm dar fundamentos importantes sobre o conceito de lugar, como também cria o conceito de Topofilia contribuído significativamente para a Geografia Cultural e Humanística.

Nessas perspectivas recentes, vale evidenciar a renovação que se mostrou significativa na maneira como os estudos na Geografia Cultural passaram a ser consolidados em uma base mais sólida teoricamente; assim observa-se que:

Os estudos culturais contemporâneos nos ensinaram a reconhecer, acima de tudo, que as culturas são contestadas politicamente. A visão unitária da cultura dá lugar à pluralidade de culturas, cada uma com suas especificidades de tempo e lugar. (COSGROVE, JACKSON, p. 142, 2010).

Vale evidenciar que essa renovação é significativa na construção de novas dinâmicas, como também na construção de novos temas importantes para serem inseridos no debate. No Brasil não podemos deixar de lado o papel que o Professor Roberto Lobato Corrêa e a professora Zeny Rozendahl têm para a transformação dessa vertente e até mesmo encabeçando o papel de pioneirismo ao tratar do assunto,

⁴ Este artigo de Cosgrove é intitulado Em Direção a Uma Geografia Cultural Radical: Problemas da Teoria publicado originalmente em 1983 e também republicado na coletânea de Corrêa e Rozendahl

principalmente no final dos anos 80, dando seguimento nos anos de 1990, com a efetuação de escolhas e traduções de textos canônicos e/ou heterodoxos, colocando os geógrafos brasileiros definitivamente no debate sobre a espacialidade da cultura.

Feito este breve resumo a respeito da trajetória da Geografia Cultural é preciso darmos encaminhamentos sobre as outras categorias de análises eleitas pelo trabalho de dissertação ora introduzido, seguindo ainda sob os caminhos interpretativos da epistemologia.

Quando trabalhamos na Geografia Cultural, partimos de um certo pressuposto de investigação para analisarmos as transformações no espaço e as implicações dessas, com as dinâmicas empreendidas por diversos atores sociais; convém aqui salientar que este tipo de estudo é feito e produzido sob perspectivas de um acúmulo histórico social que se mostra capaz de dominar ou mesmo de “colocar em efervescência” um espaço geográfico. A exemplo disso tomamos como partida o recorte de um bairro dinamizado pela religião, no caso o catolicismo popular, e os sujeitos e atores envolvidos com os fenômenos daí advindos.

A cultura da religiosidade é um aspecto imanente da sociedade brasileira, característica essa que se reproduziu ao longo do processo histórico de formação do Brasil, contextualizando-se com peculiaridades que passam a existir somente no Brasil. A exemplo disso pode-se evidenciar no tempo e no espaço o sincretismo religioso que sempre foi produzido no espaço vivido da religião e dentre outras características existentes na construção social religiosa do país, em outras palavras, há uma série de constituições próprias existentes somente no Brasil quando se fala de catolicismo popular.

Ainda neste construto, vale dar ênfase sobre as “misturas” que encontramos nos espaços que são dinamizados pela religião, estes por muitas vezes se imbricam em significados religiosos, que vão além das divindades eleitas para a adoração. Em outras palavras, a religião, suas divindades e seus dogmas apresentam-se juntos no mesmo espaço, dividindo e/ou camuflando-se entre suas condições e aparições. Desta feita é que concordamos com a fala de Marinho (2008), onde a mesma localiza em uma pesquisa de campo que aquilo que definimos sobre o sagrado e profano na academia ou mesmo no âmbito da religião não passa de meros recortes que muitas vezes não vão ter validade significativa para explicar ou compreender uma dada organização espacial, ou seja, a realidade não permite recortes “secos”, quando se trata desse tipo de análise.

Neste sentido vale ainda observar a fala de Bonnemaison (2012) ao definir que a realidade é construída por tramas, por teias, e essas muitas vezes podem ser complemento umas das outras, fazendo desses recortes pré-estabelecidos um conjunto único que em sua forma mais cabal se constrói como unicidade, sendo um todo que em nada condiz com os parâmetros definidos de recortes simplórios, isso independente de estarmos em um espaço que tenha performance do sagrado ou profano, ou qualquer outro tipo de construto social que mitigue os sujeitos, ou que separe, ou mesmo tente diferenciar um fenômeno ou ação humana sem levar em conta as intersecções existentes.

O estudo sobre tal contexto cultural se processa de modo que a realidade deve ser perpassada por um conjunto de procedimentos que devem ser adotados para uma tentativa de entendermos a mesma, que por sua vez está sobreposta na paisagem, pois essa como um tecido, um emaranhado, merece que a interpretem de maneira precisa.

Sobre os estudos da cultura da religião, (já que o trabalho ora introduzido tem sua materialidade em um bairro historicamente envolvido com essa) é importante dar ênfase às ideias de Rosendahl, pois sua *expertise* neste campo da Geografia Cultural é inegável; porém é importante constatar que há outras referências que são importantes para o estudo, a exemplo disso podemos lançar mão das palavras da própria autora que em um texto que dá subsídios para referências, publicado em 1999, diz que os estudos sobre a religião e os espaços que a mesma produz vão além dos geógrafos produzindo desta feita estudos clássicos sobre o assunto, a exemplo de autores como Berger, Boudier, Durkheim, Eliade e Weber, não geógrafos que deram contribuições importantes para o assunto, trabalhando principalmente em temas como o sagrado o profano e relações simbólicas; em exemplo disso pode-se citar os estudos de “Berger e do Eliade”, esses trabalhando na perspectiva de estudos sobre o sagrado, já o Durkheim e o Weber dando contribuições pela perspectiva de entender as configurações sociedade pela manifestação da religiosidade enquanto construção social.

Essas pontuações são importantes serem feitas aqui, mas vale salientar que não é uma das premissas do trabalho se debruçar sobre a vasta bibliografia de estudos das religiões, isso por que o principal interesse aqui é debater os efeitos e transformações na paisagem do bairro que, por sua vez, tem este fenômeno presente em sua realidade.

Ainda falando de estudiosos vale fazer menção aqui ao Mircea Eliade, que em muito contribuiu para os avanços sobre a temática, como também pela análise feita sobre as transformações que o fenômeno religioso pode produzir, essas calcadas

segundo suas ideias nas categorias do sagrado e do profano, condições inerentes ao fenômeno da religião.

Falando de um contexto de pontuações mais geográficas vale também evidenciar a fala de Pereira e Gil Filho (2012) que ressaltam as duas correntes de Geografia da religião no Brasil contextualizando, de fato, a importância das linhas e suas essências e o papel de cada uma no fortalecimento da construção do subcampo aqui debatido, dentro disso é que:

Em terras brasileiras pode-se dizer que foi a partir da última década do século XX, e início de século XXI, que a subdisciplina Geografia da Religião toma corpo dentro das pesquisas geográficas. Não sendo monolítica, a Geografia da Religião no contexto brasileiro apresenta discussões teóricas e abordagens que passam por dois vieses diferentes; representados principalmente por dois núcleos institucionais: o NEPEC/UERJ - Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Espaço e Cultura/Universidade do Estado do Rio de Janeiro; e, o NEER-NUPPER/UFPR - Núcleo de Estudos em Espaço e Representações, e, Núcleo Paranaense de Pesquisa em Religião / Universidade Federal do Paraná.

Estas duas tendências, que vêm ocorrendo especificamente nas pesquisas geográficas sobre religião no Brasil, acabam por demarcar respectivamente duas perspectivas teóricas distintas: uma que “busca apreender as manifestações espaciais do fenômeno religioso a partir das formas religiosas já impressas na paisagem”; e outra que “busca compreender as manifestações religiosas partindo das dimensões estruturantes e do caráter fenomenológico e, posteriormente, das estruturas estruturadas da religião” (SILVA e GIL FILHO, 2009, p.76 *apud* PEREIRA e GIL FILHO, 2012, p. 37).

Fica evidente que o papel que esta subárea da geografia tem na análise espacial e em especial sobre o contexto brasileiro. Os estudos e debates acima citados têm papel bem definidos e contextualizados, cada um com vias específicas demonstrando o desenvolvimento que estes estudos vêm tomando nos últimos tempos.

Na condução de itinerário sobre o debate no bairro do Socorro buscamos ir além dos aspectos acima referenciados, já que a ideia de análise permeia outras condições além do religioso e, portanto, integramos perspectivas de alguns autores chaves que deram suporte necessário para o debate que ora se inicia. A exemplo disso citamos os principais autores e conceitos relacionados com seus escritos: quando tratamos de “sujeitos e lugar” usamos Berdoulay (2001, 2011, 2012) ; “Paisagem retóricas metonímias e políticas públicas” Maciel, (2005, 2009, 2012); “Bairro, lugar, sujeitos, identidades e paisagens” Tuan (1980, 1983); Halley (2014a, 2014b); Lynch (1997); territorialidade e identidades territoriais Haesbaert (2007, 2012a, 2012b); bairro, ativismo e lugar Sousa (1989, 213).

Na consolidação de defesa dos argumentos do trabalho foi importante dar ênfase à voz das vivências que o recorte do bairro apresenta, pois essas são de antemão configuradas de narrativas e memórias que fundamentam as pretensões de entender os aspectos da sacralidade existente neste bairro, assim como as experiências e significações que os sujeitos adotam no lugar e na paisagem.

É importante lembrar que há outros sujeitos presentes na dinâmica do Socorro, a exemplo disso os comerciantes fixos e ambulantes, os religiosos, os agentes do Estado e entre outros, porém para o trabalho foram eleitos somente os moradores e romeiros, pois estes no entendimento aqui elaborado são os que possuem maior experiência no espaço do bairro, esses se constituindo importantes para elaboração do trabalho, com maior número de informações para a melhor compreensão do que se desejou no estudo.

Ao empreender a busca de uma compreensão sobre a paisagem foi importante buscar condições dos aspectos paisagísticos de outrora, fazendo síntese principalmente sobre a memória dos sujeitos aqui eleitos, assim como também sobre a análise de acervos fotográficos e dos documentos de planos urbanísticos consolidados no espaço do Socorro como, por exemplo, a implantação da praça do cinquentenário, o Memorial Padre Cícero e os planos de implementação turística realizados nos últimos anos.

Ao buscar um entendimento coerente sobre o bairro enquanto recorte foi importante fazer uso da relação que a memória dos indivíduos tem com o espaço enquanto antro das ações de vários sujeitos e atores que o metamorfoseiam. Dentro do aspecto aqui levantado, é importante definir que ao se entender algumas condições sobre aspectos da memória foram delimitadas ações importantes.

A mais importante de todas essas foi a não definição apriorística de um quadro temporal, ou seja, nas análises das entrevistas e nas organizações das ideias sobre as dinâmicas do bairro assim como na sua feitura não se buscou definir um corte preciso, pois a intenção não é entender a temporalidade das transformações do espaço, nem tão pouco da paisagem ou do lugar, mas entender o significado desses nas ações dos sujeitos entrevistados para assim configurar uma base que dê sentido para as interrogações que foram levantadas sobre o recorte do bairro do Socorro na sua condição de espaço de vivência e de paisagem significada.

Ao buscar base para este contexto é importante definir também de qual memória estamos falando. Nos procedimentos para tal buscamos um norte em duas acepções de memórias: a) memória oral, falada dos moradores e romeiros, em entrevistas e conversas não documentadas assim como b) uma memória fotográfica sobre o referido espaço em épocas passadas, neste sentido vale observar pontuações a partir dos escritos de (HALBWACHS, 2006).

Os dois tipos de memória aqui eleitos oferecem um suporte no sentido de buscar pontuações sobre a paisagem antes das transformações e a posteriori também identificar mudanças ao longo do processo de formação identitária dos espaços eleitos no bairro do Socorro. Na interpretação desse contexto é importante eleger também que a memória aqui interpretada é acompanhada de uma particularidade, no caso é o sentido religioso que essa ganha ao longo do processo de formação do bairro do Socorro e também de sua identidade permeada de significações.

Ainda dentro dos procedimentos de coletas de dados foram feitas algumas ações no sentido de entender a paisagem a partir do lugar, ou seja, por meio de entrevistas semiestruturadas *in loco*, conversas informais e campos participantes. Todas essas ações norteiam o nosso entendimento que vem a ser apresentado em cada um dos capítulos a seguir.

Com relação à quantidade de entrevistados, ressaltamos que esse foi mais no sentido de amostragem qualitativa, pois o intuito da pesquisa não é quantificar nem tão pouco definir parâmetros a partir de porcentagens quantitativas. Os entrevistados, tanto os romeiros como os moradores locais propiciaram mais um suporte qualitativo para a consolidação das premissas que as atividades de campo colocaram assim como os apontamentos construídos como premissas.

É importante salientar que esses sujeitos possuem grande importância para a definição de diversas pontuações no decorrer do trabalho, mas suas falas são utilizadas como ferramentas que norteiam as condições que o bairro, com suas nuances, apresenta na materialização da realidade. Ou seja, as conversas informais e as entrevistas são aqui entendidas como um toque da materialidade que há nos discursos destes sujeitos que vivenciam o Socorro.

Para efeito prático interpelamos 10 (dez) sujeitos de cada uma das categorias, dividindo-os por gênero, totalizando 20 (vinte) informantes. É importante ressaltar, no caso dos romeiros, a maioria tendo sido homens num total de seis, restando quatro mulheres e no caso dos moradores, a maioria tendo sido mulheres num total de seis mulheres e o restante de quatro homens.

É importante também ressaltar para efeito explicativo que as conversas informais foram feitas quando os sujeitos não queriam sua voz gravada ou mesmo tendo sido feitas no transcurso comum das atividades de campo. Essas foram baseadas em anotações de palavras chaves e similitudes entre os sujeitos.

Quanto à utilização desse material, foi feita a partir de citações no decorrer do texto, tanto de forma direta como também de maneira indireta. Observamos também que não foram citadas todas as entrevistas e nem tão pouco todas as conversas informais, tendo sido citadas apenas algumas que remetem a idealizações gerais comungadas pelos sujeitos, essas possuindo um nível de generalização ou significância de acordo com o entendimento do pesquisador.

Apresentação dos Capítulos

A definição de estrutura do trabalho ficou balizada a partir de três capítulos, onde cada um desses vem catalisar algumas considerações importantes para o presente debate. Tentamos a partir disso fazer três blocos de discussões que visam no seu ensejo uma perspectiva interacionista do trabalho, objetivando construir ideias que estejam sempre se relacionando entre uma parte e outra do texto.

Como já mencionado aqui, o trabalho ficou dividido em três capítulos, e cada um tenta promover de maneira sucinta reflexões que permeiam desde aspectos históricos passando pela definição de alguns conceitos trabalhados. É importante ressaltar que os enredos trabalhados neles subentendem uma premissa de continuidade entre um e outro, de forma que as ideias não estejam seccionadas. Neste sentido apresentam-se a seguir as principais ideias das seções.

O capítulo I: **Bairro do Socorro: Memória e Paisagem Local – Os Sentidos e Significados da Religião neste recorte em Juazeiro do Norte.** Neste capítulo remonta-se a materialidade passada das paisagens do bairro, fazemos com esta ação

pontuações que versam sobre a interpretação da paisagem em alguns aspectos de memória de entrevistados, principalmente em falas de moradores do bairro.

É importante observar que não nos restringimos apenas à oralidade dos sujeitos locais, pois partimos para outras possibilidades de interpretar essa paisagem do Bairro do Socorro. Ainda nesta linha, buscamos entender o Socorro a partir de uma série de conceituações que versam sobre a espacialidade de um bairro enquanto recorte de estudo da Geografia, seja urbana ou Geografia cultural.

Ressalta-se ainda a importância do espaço do bairro do Socorro no contexto da sacralidade que nele se configura como latente. Essa condição é parte da morfologia do bairro, e dinamiza muitas das ações promovidas por entes estatais e sujeitos que se manifestam no bairro, sejam essas manifestações produzidas na guisa do cotidiano, sejam essas promovidas com certa periodicidade, caracterizando uma dinâmica sazonal na paisagem e que se materializam pela ação dos sujeitos romeiros.

Capítulo II: Paisagem e Lugar: o Bairro e seus Geossímbolos na Apreensão da Identidade do Socorro e na manifestação dos sujeitos. Aqui partimos para uma análise dos conceitos-chave do trabalho, neste caso paisagem, lugar e as manifestações identitárias no espaço geográfico do bairro do Socorro. Ressaltamos também no capítulo o papel geossimbólico de alguns elementos da paisagem.

No intuito de se entender a realidade baseada nas conceituações é que buscamos nesta empreitada estar sempre refletindo sobre as significações do que se está tentando explicar. Realiza-se ainda, teoricamente, um conjunto de correlações com as significações dos próprios sujeitos da pesquisa à luz dos conceitos científicos aplicados ao estudo.

À guisa de interrelacionar e correlacionar as perspectivas, são feitas ainda algumas pontuações a respeito das intersecções conceituais apresentadas na realidade do bairro do Socorro. Tais intersecções aqui se caracterizam tanto no âmbito prático quanto no conceitual, onde se observa que há no bairro um ideário onde as condições de paisagem se encontram com as de lugar. Há neste contexto também a intersecção dos sujeitos romeiros com os sujeitos moradores. É importante também ressaltar o papel que os discursos existentes sobre essas condições têm na construção material e imaginária da realidade do bairro do Socorro.

Capítulo III: **Ações públicas sobre os Geossímbolos e Festividades no Socorro: Intensões, Sentidos, Atores e Sujeitos no Paradoxo de Construção e Desconstrução do Bairro.** Avançamos neste terceiro capítulo alguns preceitos e premissas que já vêm sendo promovidos nos capítulos antecessores. Contextualizamos algumas significações sobre os geossímbolos do bairro, assim como buscamos um debate na tentativa de empreender condições de entendimento sobre as ações públicas introduzidas nessa realidade historicamente.

Retoma-se nesta terceira parte o debate que há no primeiro capítulo, mas aqui se busca privilegiar, em certa medida, apreciações com as ações últimas providas pelo ente público. Nesta via são feitas ainda algumas críticas sobre a maneira de como o ente público atua na promoção dessa paisagem de bairro, assim como pela instintiva promoção de espaço público, em muitos casos implantados de maneira vertical.

É importante ressaltar que neste terceiro capítulo é evidenciada também a capacidade que essa localidade tem na cidade de se configurar como ente político, que se caracteriza por nele estar presente a ato de negociar, a condição inerente do conciliar ou mesmo do aparecimento do conflito.

O bairro nestas condições é entendido como sendo lócus vivo e em constante transformação pelas ações políticas do estado, dos sujeitos e de atores. Esse é aqui entendido como um recorte sublinhado de poder político tanto no sentido material da paisagem como nos ideários dos sujeitos e atores que promovem ou disputam uma realidade como a do bairro do Socorro.

Pontuam-se ainda sobre este contexto as ações que levam a configurar as identidades territoriais, essa aqui sendo entendidas também como vertentes de se considerar o espaço bairro enquanto lócus do político na cidade. São assim construídas várias ações que se baseiam em entender que o bairro é a consolidação de vivacidade e hibridez tanto em sua forma como em sua essência.

Entende-se que os sujeitos são frutos dos fenômenos que ocorrem no bairro assim como eles próprios são promotores de dinâmicas significando essa realidade tanto pelos aspectos de religiosidade, quanto pelas suas condições de bairro do cotidiano. Assim se fundamentam as pontuações e críticas feitas nesta terceira parte do trabalho.

CAPÍTULO I

Bairro do Socorro: Memória e Paisagem Local – Os Sentidos e Significados da Religião neste recorte em Juazeiro do Norte.

1.1 Por uma definição do bairro como espaço vivido territorialmente: paisagem e sentidos.

Quando se busca um debate sobre o espaço geográfico, definir o recorte assim como os conceitos são pontos fundamentais para tomadas de decisões quanto ao procedimento que venha a ser adotado, desta feita, definir, delimitar, assim como implementar diretrizes se faz importante para elaboração de qualquer ideia que venha se processar como tentativa de debater a espacialidade de qualquer fenômeno. Em um trabalho que define como recorte principal o bairro, tomadas de decisões sobre este processam-se como o ponto mais crucial e importante.

Assim, é importante observar que não podemos postergar ou mesmo mensurar este enquanto produto de análise simplória, pois o recorte aqui trabalhado condiciona uma série de aspectos que merecem investigações e esses por muitas vezes não são identificados em estudos mais gerais sobre condições urbanas ou culturais de algumas cidades. Quer dizer, um bairro é muito mais do que um recorte político-administrativo do espaço urbano, vale observar como afirma Halley (2014) que esse é um espaço íntimo dos sujeitos que o vivenciam e o significam no seu dia a dia.

Condicionar um entendimento sobre este recorte é uma construção importante para quando se debate sobre uma realidade definida enquanto bairro, mas é importante também fundamentar a escolha que é feita na condição de pesquisador que tenta elucidar os construtos que se entrelaçam na conformação do espaço geográfico e nas condições que a paisagem e a morfologia apresentam para a investigação. Ainda vale observar as sobreposições, ou mesmo as intenções que há por trás de cada deliberação existente na assimilação da paisagem que é rica de significados, intentos, interesses individuais ou coletivos sobre a mesma. (SERPA, 2013)

O bairro, assim como sua paisagem é, neste sentido, uma resignificação do espaço urbano enquanto cidade, pois este é fruto de um conjunto de práticas produzidas ao longo do tempo e lembrado pelas condições da memória. Tais práticas são considerações importantes para a consolidação de uma determinada área como bairro, recorte aqui entendido além das demarcações oficiais, privilegiando conformações dos sujeitos sem a rigidez do limite (LYNCH, 1997). O sentido que lhe é atribuído é um sentido que é transversal e que se condiciona como um conjunto de fases e saberes que

se interligam na figura áurea do sujeito. Este convive no bairro e o vivencia constantemente na sua condição de cidadão que se dispõe a ser por convicções, ou mesmo sob a perspectiva da necessidade, de se consolidar como elemento detentor da ação que lhe é programada como verdade ou construção histórico social para com o bairro. Assim, suas paisagens e espaços são ressignificados pela perspectiva do lugar. (SERPA, 2011; 2013).

Conduzir, posicionar e entender um debate sobre o bairro é importante do ponto de vista que se busca apreender a realidade como repartição de condições que somente o morador do bairro assim como os seus visitantes (no caso do Socorro, os romeiros), podem entender, pois esses são donos dos sentidos mais íntimos que se pode produzir na construção de uma análise de tal porção de um espaço urbano.

A construção desse entendimento do bairro é possível através de um conjunto de sujeitos eleitos, obviamente que esses não podem ser considerados na leva de um todo, mas sim por um conjunto que se possa abarcar parte do contexto investigado, no caso desse trabalho, os moradores e os romeiros.

Essa tomada de decisão quanto aos sujeitos a serem interpelados não quer dizer que outros sujeitos não tenham importância na construção, significação e transformação da paisagem, ou seja, a figura de outros atores ou sujeitos produzindo este recorte também tem a sua importância, mas esses aqui eleitos são escolhidos por possuírem condições de intimidade para com a espacialidade investigada.

Contrapor e interpor as reações que esses sujeitos oferecem para a compreensão deste espaço é dar condições para que os indivíduos se entendam como parte deste e que neste contexto possamos entender a realidade do bairro como uma funcionalidade conclamada pela elucidação desses enquanto referência de experiência acumulada, na perspectiva individual ou via grupo social, essa experiência sendo um aporte substancial para o entendimento das relações na construção do bairro, e nas conformações dos pontos de espaço público assim como na elaboração da paisagem e suas ressignificações.

Tratar uma fatia da malha urbana dotada de singularidades próprias como o bairro e configurado como um lócus de partilha pelos aspectos de vivacidade se configura numa tarefa de experimentar o mesmo como produto socialmente

singularizado e ao mesmo tempo “supra significado”, configurando um paradoxo cheio de entrelinhas, em outras palavras, é a tentativa de compreender uma paisagem que ao mesmo tempo é fruto de apreensão do morador e do romeiro, é também paisagem de um espaço público, singularizada pela fé e sazonalmente diversificada. É preciso neste contexto construir um substrato significativo que tente transpor para uma compreensão mais plausível das interconexões existentes nesse contexto de sobreposições aqui elencadas (SANTOS, 2006; CAPEL, 2002).

O espaço geográfico do bairro confere para com o sujeito que nele habita ou mesmo o frequenta, um conjunto de centralidades significadas e ressignificadas a cada momento do tempo histórico. Em outras palavras, o bairro assim como o espaço urbano em geral de Juazeiro do Norte é constituído de uma volatilidade na sua estrutura concreta ou mesmo abstrata, afinal a paisagem do bairro pode ser material/morfológica, subjetiva no imaginário dos sujeitos ou até mesmo uma “paisagem sazonal”⁵ na qual alguns elementos vão aparecer nesta em determinados períodos do tempo cronológico.

Assim, podem ser evidenciadas conformações que se transfiguram como identidades, essas podendo ser das mais variadas vertentes como, por exemplo, o comercial, o turístico, o religioso ou mesmo de lazer. Em uma consideração é possível confirmar que o bairro é um recorte vivo, dinâmico e contextualizado pelos sujeitos que nele produz uma ação protagonista na sua transformação e consumo.

Fazendo um breve levantamento histórico sobre os estudos do recorte bairro segundo Halley (2014), podemos definir que os estudos sobre esse no Brasil se dá basicamente a partir dos anos de 1940, tendo por base a conceituação de bairros rurais, e esses estudos são desenvolvidos principalmente no sudeste do país. O bairro Urbano ganha força em seu contexto de análise um pouco mais tarde, nos anos de 1970 e 1980, contextualizados pela força dos estudos urbanos e econômicos que passam a se desenvolverem a partir da geografia teórica e crítica (HALLEY, 2014).

O estudo sobre este contexto da cidade tem dentro do campo prático importante significado para entender as correlações que a cidade exerce com o todo e as condições do sítio. No sentido mais vívido da palavra são capazes de consolidar a propulsora

⁵ Essa paisagem sazonal aqui mencionada vai ter a sua ideia retomada nos próximos capítulos, sendo assim feito o aprofundamento dessa ideia e construindo ao seu entorno aportes que a deliberem como conceitual no espaço do bairro do Socorro.

pretensão de entender a cidade como lócus de vivências e correlações entre indivíduos que dividem o mesmo ambiente e espaço, isso sem deixar de entender os encadeamentos existentes nas diversas realidades.

É claro e evidente que dentro dos estudos que usam como lupa a geografia cultural é importante compreender a ação dos sujeitos que formam e possibilitam tal estrutura existir enquanto construção de um grupo ou sociedade organizada, pois com esse veio analítico se busca um entendimento para com as intencionalidades que muitas vezes não emanam na morfologia das paisagens do bairro, mas nas subjetividades ou mesmo no imaginário dos sujeitos.

O bairro, antes de ser conceituado, é um espaço na cidade definido ideologicamente, socialmente ou mesmo culturalmente, este não é um produto do acaso que surge na cidade como outros artefatos e sim uma condição, um conteúdo, que se consolida por meio de processo histórico-social. Fazendo uso das palavras Keven Lynch (1997), o bairro faz parte da imagem da cidade e esse é parte do texto que cada cidade produz no seu tempo histórico, texto esse que pode ter como capítulos ou sub tópicos cada bairro que essa produziu ao longo da sua formação, assim pode-se afirmar que:

A cada instante mais do que o olho pode ver, mais do que o ouvido pode perceber, *há* um cenários ou uma paisagem esperando para serem explorados. [...] uma cidade legível seria aquela cujos os bairros, marcos ou vias fossem facilmente reconhecíveis e agrupamentos num modelo geral (LYNCH, 1997 p. 3)

Na elaboração assim como no processo de entendimento do bairro, podemos definir que o mesmo é significado assim como produzido por uma série de fatores e fronteiras que antes de tudo são impostas pelas características acima mencionadas, nesta via Lynch (1997) ainda afirma que:

“As características físicas que determinam os bairros são continuidades temáticas que podem consistir numa infinita variedade de componentes: textura, espaço, forma, detalhe, símbolo, tipo de construção, usos, atividades, habitantes, estado de conservação, topografia” (LYNCH, 1977, p. 75).

Nesta condição funcional, o sujeito é parte importante, pois é ele que dita o andamento ou os traços que regem a leitura da cidade, assim como sua forma no geral, implementando na configuração dos componentes que fazem parte da estrutura do bairro sua regulação em quanto agente principal nesse.

Contextualizando a condição prática desse recorte é importante ver que: “os bairros têm vários tipos e fronteiras. Algumas são sólidas, definidas, precisas [...] outras fronteiras podem ser flexíveis ou incertas [...] também existem regiões sem quaisquer fronteiras [...]” (Lynch, 1997, p. 77).

É importante definir essas características do bairro para um direcionamento nos estudos, esse pode ser ainda definido como porção da cidade na qual é imerso um conjunto de identidades próprias indo além da rigidez do espaço físico, ampliando-se ao ponto de chegarmos as fronteiras que beiram ou mesmo se definam no imaginário, fazendo-se e refazendo-se constantemente, ou mesmo intensificando a escrita do texto que é esse recorte com novos atributos, ou velhos, ressignificados no âmago do tempo ou da memória, por ações sociais ou por meio de ações políticas no espaço.

Os bairros são porções da cidade impressos na malha por um conjunto de identidades próprias, esses possuindo e organizando fronteiras específicas que os diferenciam dentro do corpo citadino. “Em um sentido mais simples, um bairro é uma área com características homogêneas, reconhecido por indicadores que se mantêm contínuos ao longo da região e descontínuos no restante do espaço urbano.” (LYNCH, 1997, p. 115).

Assim como marco histórico que é um bairro, ou mesmo impregnado de identidades, esse pode ser entendido a partir de sua paisagem, ou seja, das suas formas inerentes a sua condição prática. Neste contexto pode-se definir que essa “paisagem corresponde a uma forma, aos aspectos visuais de um território, mas também ao conjunto de narrativas e qualidades discursivas que falam e constroem esta porção territorial” (BARBOSA, 2014, p. 21).

Desta feita, os bairros com suas paisagens podem ser definidos como um discurso de um grupo social, econômico ou mesmo de sujeitos que o vivenciam e o elegem com significados e valores, em outras palavras poderíamos afirmar que a paisagem do bairro do Socorro em Juazeiro do Norte possui estes atributos na sua organização enquanto construto social materializado ou construído no imaginário dos grupos sociais que convivem nesse.

Compreender as relações exercidas no bairro por sujeitos sociais é também buscar sentidos sobre o uso do espaço urbano, assim como buscar os sentidos que esses

mesmos sujeitos grafam na espacialidade cidadina. Em palavras mais simples podemos dizer que o estudo sobre o recorte do bairro em uma cidade revela com maior precisão as identidades dessa. A lupa que investiga o espaço geográfico consegue obter maior detalhe no conjunto da morfologia, dos usos, das significações, das fronteiras subjetivas ou materiais e entre outras condições. Como já mencionado anteriormente todas essas conceituações com considerações importantes sobre o espaço investigado conduz a realidade de caráter prático e imediato sobre a cidade.

É importante ainda definir que o entendimento sobre a paisagem do bairro, assim como as suas condições de lugar, dá ao investigador um realce das condições que o recorte apresenta na consolidação desse enquanto espaço que se processa por uma série de fatores que substanciam e credenciam tal espacialidade como lócus de vivências importantes, que por sua vez essas são pautadas por ações dos sujeitos que constroem e vivenciam as condições físicas e imaginárias do bairro, pois todas as condições elencadas acima só possuem validade quando essa tem importância na vida dos sujeitos, pois são eles que dão os significados para o bairro, independentemente da função que esse tenha no âmbito maior na cidade .

A paisagem do bairro é um *imbróglio* de comunicação, ações e transmutação. Esse conjunto de situações que contextualizam o bairro são frutos do fazer do sujeito local e de diversos atores, pois o bairro como já referido é socialmente vivido e isso o faz campo de tensão e transformação por parte de sujeitos dominadores ou sujeitos contra-dominadores, assim podemos ainda ampliar essa ideia com base na fala de Tuan (1980) aonde esse diz que: “em um extremo, a cidade é símbolo ou imagem (expressa em um cartão postal ou um lema) pela qual podemos nos orientar; no outro, é o bairro intimamente experienciado” (TUAN, 1980, p. 259).

O bairro é assim compreendido como um lócus elementar na cidade, engendrando o todo que se faz fragmentado, porém articulado emitindo respostas para os vários sujeitos que significam essas duas instâncias, propiciando a inter-relação dos elementos que configuram as imagens da cidade, suas paisagens e os seus arrabaldes. Estaríamos aqui falando de um contexto que a escala se faz imprescindível?

Além dessa noção analítica que parte do princípio de escala, onde se faz alusão a uma imagem geral da cidade e em paralelo a uma noção mais intimista do bairro,

poderíamos neste contexto falar de um duplo entendimento do bairro aqui pesquisado, no caso o Socorro, em Juazeiro do Norte.

Essas duas vias elencadas são as seguintes: (**Bairro dos moradores** - *bairro do cotidiano, denso, contínuo e em manchas* e **Bairro dos romeiros** - *bairro do cotidiano transformado e mais reticulado e experienciado em pontos geossimbólicos*), essas noções do espaço são impulsos na perspectiva dos sujeitos que consomem/produzem o mesmo.

Essas duas noções são um diagnóstico dual, porém essa dualidade não é seccionada por inteiro, em outras palavras os dois contextos se complementam em algumas situações, fazendo do bairro um espaço pertencente a múltiplos sujeitos, usos e ações, que são substantiadas pelos mesmos sentidos ou sentidos complementares.

Figura 1- Fluxograma da movimentação dos sujeitos no bairro



FONTE: ARAUJO, Marcos A.G. Agosto de 2015.

Essas duas instâncias aqui elencadas, são frutos de campos⁶ feitos sistematicamente em período de romarias, assim como em períodos pós-romarias, esses campos foram configurados de interpretação do espaço na intuição de entender o bairro sobre as duas dinâmicas aqui mencionadas, pois a partir disso é que foi possível afirmar tal perspectiva peculiar ao bairro do Socorro na Cidade de Juazeiro do Norte-CE.

O bairro em questão possibilita um entendimento nas duas perspectivas, essas como já citadas acima seriam nos seguintes tempos (entre/durante/pós), as romarias, movimentos que se processam neste ambiente anualmente em um calendário relativamente sincronizado pela diocese responsável pela organização desses eventos que ocorrem desde o início de fundação da cidade por parte do seu patriarca, o Padre Cícero Romão Batista.

Esse se consolidou como figura religiosa de grande importância para o nordestino, principalmente os da região sertaneja, além de eminente liderança religiosa esse também se consolidou como importante figura política não só de Juazeiro do Norte, exercendo o cargo de prefeito, mas também com influências na política do estado do Ceará, provocando desta feita o desconforto para alguns membros tradicionais da política cearense a início de século XX, provocando a conhecida “Sedição de 1914”, pois a partir disso segundo Oliveira (2014):

Com a ascensão política do Padre Cícero segue-se grande transformações políticas na região, sendo que, no ano de 1912, surge uma grande disputa entre oligarquias cearenses, ocasião esta que levou a ocorrência do episódio histórico que ficou conhecido como “sedição de Juazeiro” ou revolução de 1914. O Padre passa a fazer parte do Partido Republicano Conservador (PRC-C), é a partir dessa ligação que o patriarca garantiu a sobrevivência de Juazeiro. O então governador do Ceará Franco Rabelo ordenou a exoneração dos cargos que o sacerdote exercia e determinou sua prisão (OLIVEIRA, 2014, p.95)

A respeito desse episódio a cidade consegue ser vitoriosa derrotando as tropas governistas consolidando a partir de então o papel significativo da cidade de Juazeiro do Norte perante o estado do Ceará e o Nordeste brasileiro. Ainda a respeito desses acontecimentos podemos citar exemplos de estudiosos do assunto como: (DELLA CAVA, 1976; WALKER, 2010).

⁶ Trabalhos de campo realizados em Outubro e Dezembro de 2014 e Janeiro Fevereiro e Julho de 2015. Esses foram feitos em momentos sem romarias, antecedendo, durante e depois dessas manifestações.

Dando seguimento as nossas ideias entende-se que os sentidos desse bairro vão além das convicções do cidadão, se constituindo neste espaço ações de cunho religioso que promovem uma alcova de significados diferentes baseados nos geossímbolos que fazem parte da paisagem. Esses geossímbolos são significados pela perspectiva sagrada que lhe é atribuído, em vista disso colocamos como exemplos as fotografias abaixo:

FIGURA 2- Capela do Socorro onde se encontram os restos mortais do Pe. Cícero



FONTE: ARAUJO, Marcos A.G. Outubro de 2014

FIGURA-3 Cemitério do Socorro



FONTE: ARAUJO, Marcos A.G. Outubro de 2014.

FIGURA 4- Memorial Pe. Cícero Museu de relíquias da história de Juazeiro e do patriarca da cidade



FONTE: ARAUJO, Marcos A.G. Outubro de 2014.

Observando esses monumentos acima percebemos a sua importância para os sujeitos que consomem o espaço enquanto sagrado, esses não são únicos, apenas se destacam na paisagem do bairro, nesta via é que destacamos o próprio sujeito romeiro como um “geossímbolo vivo” no qual suas indumentárias podem se destacar na consolidação de um geossímbolo itinerante que faz parte da paisagem de tempos e tempos, conforme a sazonalidade das romarias. Abaixo destacamos a representatividade do romeiro como um geossímbolo vivo em si:

Figura 5- Romeira pagando promessa com bata franciscana no largo do Socorro



FONTE: ARAUJO, Isabela G. 01 Novembro de 2015.

FIGURA 6- Romeiros com o Chapéu de palha representando a marca geossimbólica na paisagem do Bairro Socorro



FONTE: RIBEIRO, Joana Darque. Setembro de 2015.

Essas duas imagens acima exemplificam o que estamos chamando de geossímbolos vivos concretizados a partir dos sujeitos romeiros, esses sendo diretamente entes vivos que significam a paisagem do bairro do Socorro e da cidade de Juazeiro do Norte sazonalmente.

Podemos ainda qualificar esse bairro nos aspectos de multiterritorialidades segundo a perspectiva de Haesbaert (2012). Essas têm suas bases nos vários usos dessa paisagem, esses usos são feitos pelos moradores e romeiros e entre outros sujeitos que não ganham destaque aqui neste trabalho. A multiterritorialidade é constituída de sobreposições pelos vários sujeitos que transitam ou estão sedimentados no bairro do Socorro, já que esses sujeitos têm a capacidade de construir territorialidades fixas ou voláteis, ou seja, a territorialidade de cada sujeito é caracterizada por sua função social no espaço ou mesmo pela sua maneira de consumo sobre esse enquanto bairro dotado de sentidos.

As territorialidades têm aqui a condição de significado e sentido, obviamente que essas não configuram disposições de poder e disputas a princípio, mas em vez disso

há um convívio contíguo ou mesmo o paralelismo a partir das ações dos sujeitos que ali se familiarizam como tal. Essa fala versa pelo contexto em que os sujeitos aqui interpelados se complementam e por vezes até se confluem em uma só figura quando se contextualiza a sacralidade do espaço em momentos de romarias.

O bairro, sua paisagem e os sentidos de lugar que esse tem, é por si só uma sobreposição de ações historicamente constituídas, essas se consolidaram conforme grupos dominantes da cidade ou mesmo do bairro. No caso do Socorro, pode-se eleger ainda a igreja católica como instituição que direciona um conjunto de ações, assim como a sociedade em si que é de base católica, essa afirmação se baseada na configuração histórica da cidade de Juazeiro do Norte, como já mencionada acima.

De maneira geral, o bairro aqui em vista é um conjunto vivido que se consolidou por vários vieses ao longo da história da cidade, esses caminhos têm em seus encalces a figura dos sujeitos, a instituição da igreja e as ações do poder público. Todos esses se coadunam na elaboração, transformação e significação da paisagem, isso se dá por uma série de ações que ocorrem sob a perspectiva do movimento religioso das romarias que faz uso do espaço do bairro.

A igreja e o poder público deliberam ações que subsidiam encaminhamentos para os dois sujeitos aqui eleitos, obviamente que o morador dentro dessas ações fica em uma condição secundária, porém não perdendo a importância na organização, consumação e significação do bairro e sua paisagem. O espaço do bairro seria e em outras palavras a consolidação do imaginário dos sujeitos e ao mesmo tempo a materialização das instituições, como a igreja e a prefeitura em um contexto que põe todas essas acepções em um convívio paralelo ou mesmo em contiguidades na esfera organizacional da cidade.

O bairro ora estudado possui, como já mencionado, a particularidade das romarias, que a certa maneira o propicia exponencial diferença em relação a outras instâncias da cidade de Juazeiro do Norte. Obviamente que esse não é o único da cidade que possui tal manifestação como parte de sua dinâmica. Como esse há também outros, no caso os Salesianos, os Franciscanos, o Horto e a Matriz, todos também dinamizados pelas romarias, cada um deles com sua característica marcante, com geossímbolos diferentes, ou sujeitos com outras intencionalidades ou mesmo coincidente com as aplicadas no Socorro.

As características do espaço investigado têm singularidades que podem levar a erro de interpretação simplista, sem que seja feito um escólio denso e significativo sobre

esse. É importante sequenciar as relações que neste local são implementadas, pois dessa forma pode-se deixar de incorrer em armadilhas e neste sentido é que os tópicos seguintes darão esse padrão de continuidade na incursão sobre o Socorro.

1.2 Registros, expressão na paisagem e evolução do bairro: significados sujeitos e meandros no visível.

O bairro do Socorro é primogênito na existência de Juazeiro do Norte como cidade, sendo importante observar que assim como o núcleo inicial que se avizinha do mesmo, esse tem peculiaridades significativas para o entendimento da história da cidade. Na observação e interpretação do espaço, destacamos que o acesso ao Socorro no primeiro trabalho de campo foi feito a partir do terminal de transportes urbanos do Cariri, pois a partir desse acesso podemos destacar a centralidade do bairro no seu imediato, contextualizando o contíguo dos aspectos morfológicos da sua paisagem com os vários tempos presentes, dinamizados e metamorfoseados no tempo presente.

FIGURA 7- Terminal de transporte público/ Rua São Francisco



FONTE: ARAUJO, Marcos A.G. Outubro de 2014.

A estrutura bairro é composta de uma centralidade que é organizada no entorno de monumentos geossimbólicos da igreja católica, significados pela religiosidade popular como já referenciado na introdução, essa significação é também fruto de um processo histórico que se dá desde o passado, formação histórico social desse ambiente.

O cemitério que pode ser observado abaixo é uma construção anterior à igreja, datando do final do século XIX, já a capela do Socorro tem afixada em sua frente a data de 1908, e essa é pagamento de promessa de uma senhora chamada de Hermínia.

FIGURA 8- Vista parcial do cemitério



FONTE: ARUJO, Marcos A.G. Fevereiro de 2015.

FIGURA 9- Vista da datação da Capela do Socorro



FONTE: ARUJO, Marcos A.G. Fevereiro de 2015.

Segundo a reportagem do portal Juazeiro publicada em 10 de maio de 2011e assinada pelo Daniel Walker, essa capela tem a sua história fundada da seguinte maneira:

“No livro de Amália Xavier de Oliveira (O Padre Cícero que eu conheci) consta que a Capela de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro cuja construção foi interrompida várias vezes só foi concluída em 1908, mas não se sabe nem o dia nem o mês. Foi seu pai, José Xavier de Oliveira, quem a construiu com recursos do Padre Cícero. A capela foi construída para pagar uma promessa feita pela Sra. Hermínia Gouveia, em virtude da graça alcançada pela cura de uma doença (erisipela) da qual estava acometido o Padre Cícero. Dona Hermínia não era beata, mas uma senhora casada (depois viúva), que veio da cidade de Jardim, Ceará, para Juazeiro e aqui se tornou grande amiga de Padre Cícero, que foi seu conselheiro espiritual.

Mesmo suspenso de ordem por conta da questão do milagre da hóstia, Padre Cícero começou a construção da capela que logo foi paralisada por determinação do vigário de Crato, padre Quintino de Oliveira e Silva, para cumprir uma exigência do bispo de Fortaleza, Dom Joaquim José Vieira. Dona Hermínia ficou muito contrariada com esta decisão, mas com a chegada de Dr. Floro Bartolomeu da Costa a Juazeiro, em 1908, ela pediu sua interferência para continuar a construção, pois se encontrava muito doente e não queria morrer sem ver a capela concluída.

A pedido de Dr. Floro, o Sr. José Xavier de Oliveira, pessoa de extrema confiança de Padre Cícero, procurou o vigário de Crato e conseguiu deste a aprovação para continuar a construção, desde que Padre Cícero não tivesse nenhuma participação. Mas o certo é que a construção continuou sob a responsabilidade financeira de Padre Cícero. Quando o prédio recebeu a cobertura, dona Hermínia morreu. Então, Padre Cícero em sinal de gratidão, resolveu sepultá-la no interior da capela.

Ao tomar conhecimento deste fato, o vigário do Crato profundamente irritado tentou impedir a todo custo o sepultamento, e como não conseguiu, porque Padre Cícero permaneceu firme na sua decisão, proibiu novamente a construção da capela.

Dr. Floro assume o comando da construção.

Aí Dr. Floro, conforme disse em discurso pronunciado na Câmara Federal e depois transformado em livro, resolveu terminar a obra sem mais ouvir ponderações do Padre Cícero nem de ninguém, assumindo sozinho todas as consequências que tal decisão pudesse acarretar.

A capela é benta 24 anos depois

Embora tenha sua construção concluída em 1908, somente 24 anos depois, ou seja, no dia 10 de junho de 1932, a Capela do Socorro foi finalmente benta, segundo está no livro Formação Religiosa de Juazeiro do Norte, de Mário Bem Filho. Assim, a conclusão que se tira é a seguinte: neste ano de 2008 o prédio da Capela do Socorro completa 100 anos de construção, mas ela oficialmente como templo religioso só existe a partir da data em que foi benta. Até então, isto é, de 1908 a 1932, ela não sediou nenhum ato religioso oficial. Padre Cícero nunca celebrou missa nela, pois desde 1892 estava suspenso de ordem.”

(WALKER, 2011, p. 1)

Ainda dentro das perspectivas levantadas acima as paisagens sobrepostas se condicionam desde muito antes, a exemplo disso é o paradoxo entre as duas fotografias seguintes que retratam o memorial que data de décadas mais recentes e a primeira escola de Juazeiro do Norte que data do final do século XIX para início do século XX.

Essa especificidade se confirma na fala de um (a) morador (a)⁷ entrevistado (a) em um dos campos da pesquisa, em que fala que segundo o seu conhecimento essa é uma das mais antigas escolas de Juazeiro do Norte, se não a mais antiga.

Esse local que coloca na paisagem um paralelo entre os dois prédios revela que antes aí existiu uma rua, essa teve alguns imóveis desapropriados para a construção de uma praça nos anos sessenta. Assim como essa parte, outras ruas e casas foram também desapropriadas formando hoje na região o largo do Socorro, composto por praças e o memorial que já foi até mostrado aqui.

⁷“O grupo escolar é a escola mais antiga de Juazeiro, criada pelo Padre Cícero, é uma das primeiras escolas que eu conheci aqui a escola padre Cícero, que se chama grupo escolar Padre Cícero e as escolas normal que hoje é o Moreira de Sousa, são as escolas mais antigas daqui que eu conheço, dos prédios antigos só ficou ele exatamente da pra ver muito bem, ali tinham até uns postos de Saúde.” (entrevista realizada em 04/02/2015).

FIGURA 10 Grupo Escolar Pe. Cícero, primeira escola de Juazeiro do Norte.



FONTE: ARUJO, Marcos A.G. Outubro de 2015.

FIGURA 11-Imagem Aproximada do Memorial



FONTE: ARUJO, Marcos A.G. Fevereiro de 2015.

Os monumentos fotografados nesse entorno ficam em um aglomerado que promove a centralidade do bairro Socorro. Vale aqui observar que o bairro tem reduzida extensão territorial, comparado a outros bairros ao seu entorno. Segundo o plano diretor de Juazeiro do Norte (2000), diga-se de passagem, extrapolado no tempo de sua validade, a unidade de vizinhança do bairro do Socorro é detalhada da seguinte maneira: Unidade de vizinhança do Socorro:

Começa no ponto P16, sobre o Rio Salgadinho, seguindo pelo seu eixo até encontrar a Avenida Leandro Bezerra, por onde segue até encontrar a Avenida Monsenhor Juviano Barreto, por onde segue até a Rua Nossa Senhora da Conceição, por onde segue até a Rua da Glória, por onde segue até a Rua São Luís, por onde segue até a Rua São Domingos, por onde segue até a Rua do Seminário, por onde segue até a Rua São Pedro, por onde segue até a Rua São Bernardo, por onde segue até a Rua Delmiro Gouveia. Deste ponto, o limite segue até o ponto inicial. (JUAZEIRO, 2000, p. 5)

Em uma descrição feita numa entrevista de campo, temos essas delimitações com maior detalhe e essa é feita pelo morador que detém familiaridade com o bairro. É importante observar que na fala do entrevistado não levamos em consideração limites formais instituídos pela prefeitura, mas o contexto de significação que o sujeito fornece sobre o bairro, neste sentido vale observar que a fala do entrevistado também não foge muito do que afirma o plano diretor em relação à unidade de vizinhança do bairro:

O tamanho do bairro: ele não é muito grande, mas também num é pequeninho ele pega essas rua, rua do Rosário, a rua São Vicente, a rua das Dores, a rua da Conceição, pega um pouco da rua São José, a rua Monsenhor Juviano Barreto, é. Foge a memória, a rua Santa Cecília, um pedaço da Alencar Peixoto, um pouco da Leandro Bezerra, e vai até perto dos salesianos . (entrevista de morador 08/04/2015)

O Socorro ainda é permeado de uma organização funcional visando o atendimento dos romeiros que frequentam os seus espaços sagrados. Essa funcionalidade passa pela acepção de acessibilidade e pelas formas de comércio existentes em prol da figura do sujeito “romeiro”, a quem essa funcionalidade vem atender. Essa disposição básica do bairro em sua grande maioria é projetada e colocada em prática pelos órgãos institucionais que elegem várias “ações governamentais”, (essas serão melhor detalhadas nos próximos capítulos), visando atender ao romeiro enquanto peregrino consumidor desse recorte do Socorro.

O comércio de artigos religiosos é a principal evidência dessas características citadas acima, esse se condiciona pela máxima da religião com artigos que remetem a mesma, porém não é o único viés de comércio existente nesta centralidade do bairro

Socorro. No primeiro trabalho de campo observou-se que o espaço do comércio não estava a funcionar por completo, as barracas de ambulantes estavam desativadas sem a movimentação que lhe é peculiar em momentos de romarias, e o que estava a funcionar era o comércio de estabelecimento físico situado em frente ao largo.

FIGURA 12- Barracas desativadas depois de romaria



FONTE: ARAUJO, Marcos A.G. Outubro de 2015.

FIGURA 13- Comércio em estabelecimentos físicos no pós-romarias



FONTE: ARUJO, Marcos A.G. Outubro de 2015.

Nas imagens acima evidencia-se o paradoxo que é o comércio em períodos pós-romarias, contextualizando também uma dinamicidade sob dois polos diferentes em um pequeno espaço, no qual a sazonalidade das romarias que ali corre durante o ano dita as conformidades e dinâmicas da paisagem, corroborando assim para diligências que fogem das características de tempo e paisagem uniforme.

É possível determinar⁸, que mesmo o bairro do Socorro sendo de pequeno porte ele incrementa dinamicidade em Juazeiro, isso por conta dos seus pontos de devoção da religiosidade católica compreendendo-se assim por ser uma centralidade no sítio urbano de Juazeiro do Norte, constituindo-se pela característica religiosa em suas paisagens, porém é importante observar que essas não são as únicas presentes no bairro, sendo assim, vale observar que há no bairro, por exemplo, aspectos de residencial, haja vista um dos sujeitos da pesquisa aqui ser o morador local do Socorro.

Caracteriza-se, desta feita, funcionalidades sobrepostas que dinamizam a estrutura bairro para além da religião, mesmo essa consolidada como principal fenômeno promotor de efervescência na paisagem do bairro e que a preocupação científica aqui elencada estuda, de maneira singular, essa condição não faz dela a única nem tão pouco a mais importante mesmo que essa seja a mais incisiva na geografia do bairro do Socorro em Juazeiro do Norte.

O Socorro e sua paisagem hoje são também frutos do conjunto de intervenções públicas que foram inseridas ao longo das últimas cinco décadas, essas intervenções são ações que vêm sendo promovidas segundo levantamentos de campo e investigações com os sujeitos moradores desde os anos cinquenta com a construção da praça do cinquentenário que hoje se chama Praça Coronel José P. da Silva, em uma parte que sobrou após a construção do memorial. Vale observar que essa praça não é de conhecimento popular em Juazeiro.

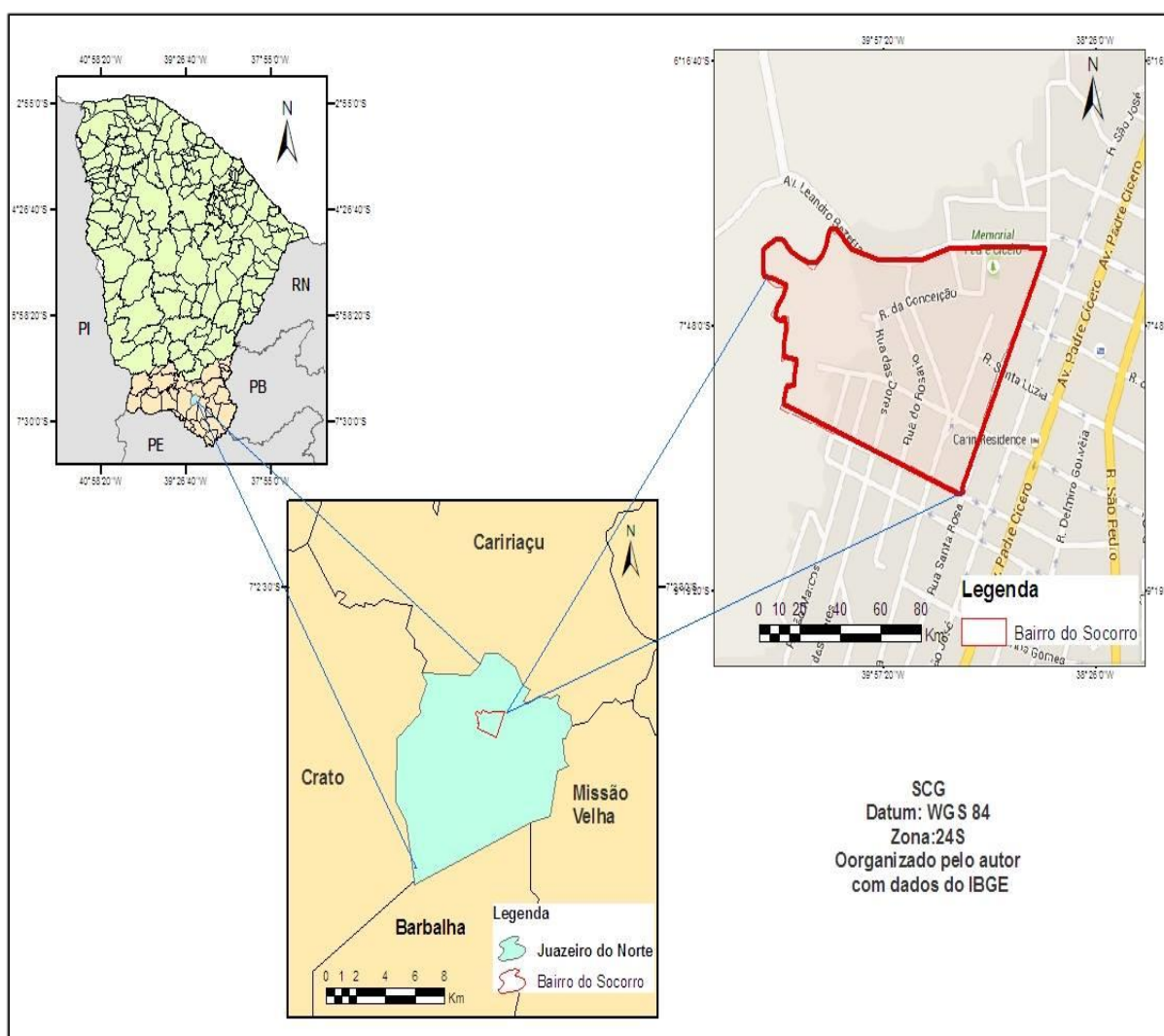
Essas são apenas algumas pontuações que são passíveis de análise no bairro do Socorro em Juazeiro do Norte, e mais adiante nos próximos capítulos ou tópicos iremos abordar essas ações do poder público na transformação das paisagens do bairro com maior ênfase. Essas intervenções são em parte de comum acordo entre os entes

⁸ Determinar: o verbo aqui utilizado, não é usado como detentor de um sentido fechado, pois não é a intenção trabalhar ideias fechadas, nem tão pouco verdades absolutas, o sentido que se quer dar ênfase ao utilizarmos esse é na vertente de delimitação de foco ou área como possibilidade de entendimento da realidade.

envolvidos, no caso a Igreja Católica, o poder público municipal e os sujeitos investigados, os romeiros e moradores.

As continuidades dessas se promulgaram constantemente nas últimas décadas desaguando na criação e construção do memorial Padre Cícero (até já citado) assim como na ampliação da praça, que mais tarde ficaria conhecida como largo do Socorro, sendo essas as principais paisagens do bairro a sofrerem seguidas alterações. A seguir, podemos visualizar um mapa do bairro que delimita o seu tamanho reticente e em seguida um mapa que possui demarcações dos pontos estudados e de maior relevância na pesquisa.

MAPA -3 Representação do Bairro Socorro



FONTE: ARAUJO, Marcos A.G. / adaptado por ALENCAR, Marciano 2106.

O bairro, como já mencionado acima, é pequeno em sua extensão territorial possuindo a sua centralidade assim como parte da sua funcionalidade bastante

se entrelaçam na malha do bairro do Socorro, e para conseguir uma interpretação significativa sobre essa paisagem do bairro é importante imbricar algumas dessas no seio das suas complementariedades, ou em relação ao paralelismo das ideias construídas para um entendimento afetivo e singular da paisagem do Socorro.

Muitas das representações, ações e significações presentes no bairro do Socorro ocorrem como já referidas pelo viés do religioso, e consequentemente na acepção de espaço sagrado ou mesmo significado com geossímbolos, assim pode-se afirmar que a religião é um fenômeno que emoldura tanto o homem quanto suas paisagens, se essa não o faz diretamente faz de maneira secundária utilizando atores institucionais para isso.

Ainda pode-se entender essa como um ato humano e ao mesmo tempo humanizado⁹, pois a mesma é caracterizada e materializada no espaço por um conjunto de fatores que assim a fazem na transformação das paisagens, assim, mais uma vez constata-se a promoção das configurações no espaço pela prática cultural religiosa que são permeados sentidos, familiaridades e pertencimento no espaço. No caso do Socorro, em Juazeiro, essas características emanam não somente no morador, mas também nos romeiros, ambos os sujeitos que significam, promovem e consomem o espaço do bairro Socorro nas suas variadas funções.

Estes fatores são entendidos numa perspectiva de singularidade que é conferida de antemão como identidade, simbolismos e territorialidades. Estas três condições da construção religiosa neste bairro, desaguam no entendimento dos espaços na intimidade dos seus sujeitos, espaços estes “vividos”, como exemplifica Bonnemaïson (2012). Este é vivido por que é sentido e consumido intimamente pelos sujeitos que assim o fazem. Há sob essa perspectiva na organização do entendimento sobre o Socorro um texto na paisagem que se consolida como tramas (BONNEMAISON, 2012; HALLEY, 2014) existentes na construção, evolução e transformação da paisagem do Socorro.

As tramas do espaço ou mesmo do território como fala Bonnemaïson (2012) constitui-se em entrelaçamentos ou até mesmo sobreposições, essas podem ser entendidas muitas vezes como uma hierarquia na orquestração do espaço ou mesmo nos

⁹ Quando falamos em ato humano e humanizado queremos dizer que toda ação produzida pelo homem é humana, porém nem todas são humanizadas, neste sentido podemos dizer que uma ação humanizada seria aquela que transcende o fazer natural para fazer do divino um fazer que suplante a própria existência do homem como ser na terra que busca uma ação chamada Re-ligare (*do latim*) que o mesmo busca dentro de suas práticas religiosas.

aspectos territoriais. Ao buscar entendimento sobre as categorias que compõem o ato religioso desaguamos no sagrado e no profano.

Definindo o sagrado logo pensamos que o mesmo venha a ser um lócus do contexto que remete ao que chamamos divino, de fato e a grosso modo podemos vê-lo dessa maneira, porém o que podemos definir como sagrado apresenta-se apenas como um conjunto superficial instituído muitas vezes academicamente, pois para quem consome o espaço sagrado este pode estar além das divindades meramente religiosas, pois antes de tudo é preciso entender que quem elege o sagrado é o fiel, a Igreja enquanto instituição só o valida, ou entra em conflito; para o fiel que é quem realmente consome a sacralidade essa pode transcender os conjuntos tradicionalmente eleitos como verdades.

Empreender dentro de uma configuração permeada pela religião e suas categorias, faz entender os sujeitos envolvidos como agentes coparticipantes e também ativos que modulam a paisagem através de suas manifestações, crenças e conflitos que perduram na mesma, contextualizando vivências e dando sentido na construção ou mesmo na consumação da paisagem em que estes se promovem como sujeitos ativos.

Em muitas situações as ações promovidas pelos sujeitos envolvidos diretamente, assim como pelas instituições constituídas, irão se imbricar em um só sentido, chegando ao ponto de não podermos mais identificar as simbologias e identidades de cada um desses grupos. É preciso que a investigação deste seja capaz de entender que este fenômeno da religiosidade católica produz dinamicidades e ao mesmo tempo conflitos territoriais e espaciais, pois naturalmente o antagonismo faz parte da paisagem e do espaço como produto de acumulação cultural, mesmo que no caso do Socorro aparentemente não tenha sido identificado tal característica.

Observando as categorias propiciadas pelo fenômeno religioso é pertinente abordar aqui o sentido que se confirma no bairro do Socorro nas definições sobre o sagrado e o profano que fazem confluências entre si.

Fazendo uma breve varredura no Dicionário Globo pelo significado e etimologia das palavras, encontramos algumas definições bem pragmáticas e que de certo modo as mesmas oferecem condições de entendimentos de maneira simplória sem alcançarmos, de fato, a sua essência aplicada à realidade, pois o entendimento mais abrangente do sagrado e do profano pode ir além das possibilidades que estão postas como verdade, neste verbete de dicionário:

Sagrado: *adj.* Que se sagrou; consagrado; relativo ao curso religioso; inviolável; venerável; santo; s.m aquilo que é sagrado; chão do cemitério (superl. Sacralíssimo.) (Do lat. *Sacratu*)

Profano: *adj.* alheio a religião; secular; leigo; oposto ao respeito devido às coisas sagradas; mundano; herético; (*p. ext.*) que não tem ideias ou conhecimento acerca de determinado assunto; alheio; s.m coisas profanas que não é sagrado leigo (Do lat. *Profanum*) (DICIONÁRIO O GLOBO).

Nessa definição acima fica clarividente que ambas são conjuntas, uma é dependente da outra, ou seja, não existe profano sem sagrado, essa começa quando a outra termina imbricando-se uma unicidade em paralelo do fenômeno religioso. Ainda no conjunto das definições observamos que “o homem toma conhecimento do sagrado porque este se manifesta, se mostra como algo absolutamente diferente do profano” (ELIADE, 2001, p. 17).

De fato, essa afirmativa é mais que pertinente, pois o sagrado se faz no espaço por suas marcas, por suas simbologias definidas na dimensão espacial, porém o profano se configura em seu paralelo, constituindo uma malha de tramas e significações a serem entendidas e que existe logo no imediato do sagrado.

Todas essas características são apreciáveis no Bairro do Socorro em Juazeiro do Norte, pois como visto no mapa apresentado acima os pontos geossimbólicos desse se consolidam também como locais sagrados para os sujeitos que ali professam a fé na religiosidade católica. A capela do Socorro, o próprio cemitério, o Memorial Padre Cícero e largo, são todos significados por esses agentes, independente desses serem romeiros ou moradores locais do Socorro.

Assim, a paisagem do bairro do Socorro, organizada principalmente na sua centralidade é intimamente transformada resignificada pelas ações de todos esses sujeitos e atores aqui eleitos, esses têm a capacidade de redirecionar o sentido do bairro como veio sendo feito nos últimos decênios de maneira a promover a capacidade atrativa do local para com as romarias que acontecem tradicionalmente na cidade de Juazeiro do Norte.

1.3 Memórias e sensibilidades do espaço/Bairro: por uma apreensão do entendimento dos indivíduos.

O bairro, entendido como uma estância do espaço urbano ditado de sentidos, expressões, marcas e símbolos configura-se por excelência em uma expressão humana, marcada, significada e construída por intencionalidades promovidas por sujeitos e grupos. Esse é um produto da materialidade da ação de um ou mais sujeito social ou grupos de sujeitos sociais, assim como também é produto da subjetividade desses.

Se materializarmos a ideia para o bairro do Socorro em Juazeiro do Norte, pode-se definir esse como um *dégradé* em acúmulo histórico cultural, no qual seus meandros interpretativos podem apresentar sutilezas e informações significativas sobre a promoção da cidade como um aporte maior, que remete a condições no recorte de bairro, propiciando explicações em ambas as escalas, nas quais a cidade pode buscar respostas no bairro para variáveis fenômenos ou o bairro pode se entender como parte da cidade buscando a referência numa imagem que a essa transcende para todas as suas locações.

A exemplo, podemos citar as marcas de núcleo históricos existentes no bairro do Socorro dando respostas para entender a cidade e ao mesmo tempo Juazeiro do Norte tendo como imagem fundante. Vale observar neste caminho a figura do seu patriarca, o Padre Cícero, que se consolida em uma imagem geral da cidade, existindo ainda entre atores influentes e a imprensa local a ideia de chamar a cidade de (Juazeiro do Padre Cícero), secundarizando o seu nome principal Juazeiro do Norte.

Numa definição mais clara é importante salientar que o bairro vai além da sua materialidade, ou seja, a sua morfologia, suas formas e sua estrutura não explicam por si só a sua condição e seu estereótipo como parte da cidade que é, apreendida e construída no tempo histórico e na demanda social na qual os sujeitos exigem para a consolidação do bairro enquanto espaço vivido e significado.

Formas, números e concreto são apenas alguns dos elementos que compõem a paisagem de um bairro, obviamente que esses elementos estruturais têm os seus valores, porém esse sem a significação instituída por algum sujeito ou instituição é apenas mais uma forma desprovida de sustentação cultural ou histórica e ainda de sentimento afetivo.

Quando elegemos dentro dessa análise ir além da forma devemos consolidar algumas indicações que o espaço do bairro materializado apresenta para isso, ou seja, é

necessário dar indicações sobre o espaço que transcende as assimilações que a forma por si só apresenta. Mostrar essas indicações encaminha os procedimentos para ações que permeiam fontes do imaginário dos sujeitos assim como a própria paisagem vista por essa perspectiva. Vale observar as perspectivas da memória como fontes significativas de se entender o bairro para além da morfologia de sua paisagem, entendendo que essa não configura na investigação uma condição concreta no âmbito das interpretações, pois é preciso que essas sejam baseadas em condições multi-escalares e que ao mesmo tempo seja também entendida sob todas as óticas possíveis, sem que o restante seja negligenciado.

Portanto, o que se buscou fazer na interpretação do bairro do Socorro em Juazeiro do Norte foi não ficar apenas nas condições visuais da paisagem, mas também tentar entender essa pelas condições imaginárias dos sujeitos eleitos na pesquisa, assim como pela perspectiva da sua memória no contexto da coletividade dos sujeitos que consomem ou vivenciam o espaço do bairro do Socorro, seja ele no sentido religioso ou no sentido de cidadão morador do bairro.

O bairro e sua paisagem, como já mencionado, é expressão humana que vai além da sua intencionalidade primeira perfazendo outros campos da condição humana como a subjetividade, a sensibilidade ou mesmo a inerência de um sujeito neste meio como parte de uma paisagem viva, “paisagem volátil” dinâmica que se faz e refaz dentro do tempo e do espaço, seja esse de curta ou longa duração apresentando em qualquer um dos casos a condição de acúmulo cultural e de experiência vivida dentro das singularidades ou complexidade das ações empreendidas nos espaços pelos sujeitos e atores sociais que promovem a tais condições a realidade que nos é dada como a consolidação de uma constante trama na promoção do espaço geográfico do bairro.

Esse pode implicar em campo de tensões ou de complementariedade entre sujeitos e instituições envolvidas na construção e promoção da paisagem. Esses atores se revezam ou promovem ações em paralelo, a exemplo, podemos citar os romeiros juntos com a Igreja católica promovendo as romarias, mesmo em alguns casos esses tendo deliberações diferentes no mesmo evento, ou seja, os romeiros podem estar buscando o transcender espiritual (ELIADE, 2001: ROZENDHAL, 2001: 2010), a igreja tentando angariar mais devotos ou fidelizar os adeptos.

Essas são duas intenções que se diferenciam, mas são conduzidas por cada uma das partes no mesmo espaço do bairro do Socorro, ambas fazem parte da manifestação do religioso no bairro e não necessariamente tentam anularem-se para que tenham sua validação na consumação ou promoção do bairro enquanto lócus de materialização dessas ações.

Em alguns casos essas podem até se imbricar numa mesma perspectiva de significação da paisagem do bairro, seja pela simples colocação de uma placa de alguma promoção da igreja católica, (como a da fotografia abaixo), seja pela forma de se vestir do romeiro se tornando um elemento da paisagem que busca o seu transcender espiritual, a exemplo disso temos também abaixo uma fotografia que representa uma aglomeração de romeiros em sua maioria vestidos de preto em sinal de pagamento de promessa, pois o vestir preto no dia vinte de cada mês é um ritual de promessa para muitos romeiros que visitam ou vivem em Juazeiro, pois esse ato faz menção ao dia de morte do patriarca da cidade, o Padre Cícero, que faleceu no dia 20 do mês de julho de 1934. O preto da roupa, por sua vez, representa a batina de mesma cor que virou marca registrada do padre Cícero.

FIGURA 14- Romeiros como “geossímbolos vivos” vestidos de preto em julho na missa de morte o Pe. Cícero em sinal de pagamento de promessa



FONTE: ARAUJO, Marcos. A.G. Julho de 2015

Na fotografia a seguir temos a igreja do Socorro, grande ponto de devoção na cidade de Juazeiro do Norte, ao seu lado temos um painel informativo de uma campanha da paróquia de Nossa Senhora das Dores, que faz um chamamento aos

romeiros para ajudar em algumas obras de responsabilidade dessa. A exemplo podemos citar o teor da campanha:

A Campanha Romeiros da Mãe das Dores nasceu no ano de 2010 com a finalidade de tornar a Basílica de Nossa Senhora das Dores em um ambiente cada vez mais acolhedor e de encontro com Deus. Através da doação espontânea, de qualquer valor, dos benfeitores da Mãe das Dores está sendo possível a manutenção deste lugar sagrado que recebe, anualmente, milhares de fieis peregrinos.

A cada dia, a nossa Família Romeiros da Mãe das Dores recebe novos devotos que afirmam o seu "sim" perante a devoção à Virgem Maria. Ao fazer adesão a esse projeto missionário, você nos ajuda a concretizar a obra de evangelização da Casa da Mãe das Dores, a fim de que sejamos uma Igreja ainda mais acolhedora, romeira e missionária. (BASÍLICA MENOR, 2010, p.1).

FIGURA 15 – Igreja do Socorro com painel informativo de campanha



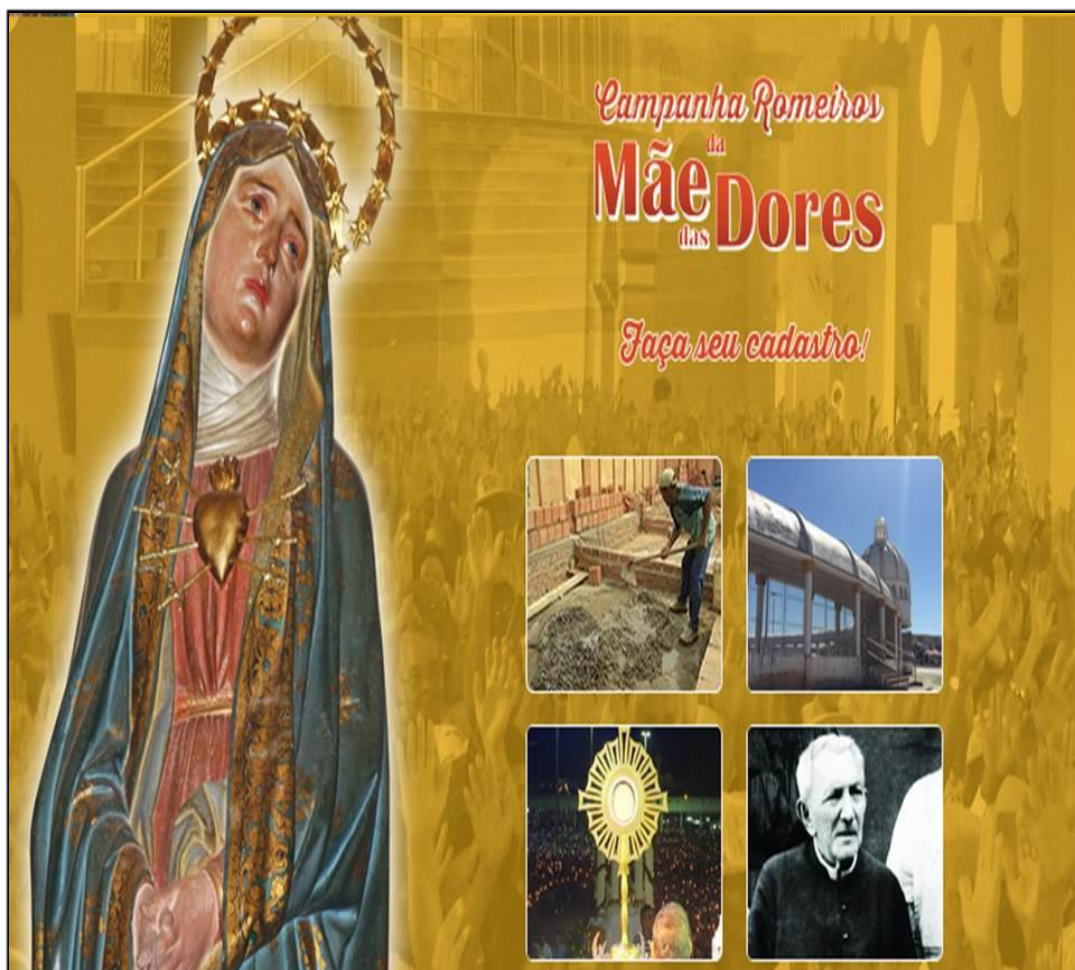
FONTE: ARAUJO, Marcos. A. G. Fevereiro de 2015.

Observamos que a igreja enquanto instituição faz uso da paisagem assim como dinamiza esta, da mesma forma os sujeitos que visitam esse bairro e o consomem ou significam fazem isso em paralelo à igreja. Em determinados momentos as intenções que ambos nutrem desaguam em uma mesma via, promovendo a sacralidade do espaço e consequentemente incrementando ações sobre a paisagem do bairro, ou seja, a igreja

pede donativos aos romeiros e moradores em prol da melhoria das estruturas religiosas, os sujeitos aqui eleitos contribuem em devoção e fazendo uso do imaginário das obras e dos espaços sagrados revitalizados com os seus donativos.

Essa fotografia não mostra nitidamente o teor da campanha, mas abaixo podemos observar isso a partir de uma fotografia retirada do site da Basílica, em que a figura ilustra visivelmente a campanha que materializa a intencionalidade da Igreja Católica na promoção, significação e uso da paisagem do bairro do Socorro, em Juazeiro do Norte. Obviamente que a campanha não faz menção em revitalizar pontos somente deste bairro, mas sim de vários outros que possuem instalações visitadas pelos romeiros.

FIGURA 16- Imagem Retirada do site da Basílica Menor da Mãe das Dores



FONTE: (<http://maedasdorejsuazeiro.com/campanha>)

Essas pontuações feitas acima são perspicazes no sentido de se entender as dinâmicas do bairro do Socorro processadas atualmente, porém dentro das deliberações acima eleitas é importante darmos ênfase também no papel que a memória tem dentro

das ações que vieram transformando e significando a paisagem do bairro em momentos pretéritos.

Essa se caracteriza de modo importante no aspecto de consolidar interpretações sobre os motivos pelos quais foram implementados, mudanças de base estrutural na paisagem ou mesmo qual grupo social implementou mudanças na morfologia da paisagem do bairro ao longo da história da cidade de Juazeiro do Norte.

Alguns aspectos da paisagem do bairro que fazem parte do contexto histórico, não possuem mais a materialidade física, essas estando apenas na memória dos sujeitos, onde os quais para fazerem articulações do espaço no passado utilizam alguns pontos materiais para essa análise.

Tendo apenas como suporte o intelecto dos sujeitos que vivenciam o espaço enquanto íntimo, é importante fazer uso de sua capacidade interpretativa para elucidar algumas pontuações sobre a paisagem do bairro do Socorro. A exemplo disso pode-se observar as ruas vicinais à centralidade do bairro que possuem trajetos estreitos e entre outras características.

Neste conjunto de situações, chegamos a um aporte que consubstancia à transcendência de apontamentos sobre os espaços, as paisagens e o bairro, esses vão além das condições morfológicas, dessa ou mesmo das suas interpretações imediatas, pois o entendimento deste espaço em questão sobressai à materialidade, na qual não necessita-se de formas presentes mas sim de formas passadas, ou seja, da materialidade da memória dos sujeitos familiarizados com o espaço do bairro, no caso do Socorro os romeiros do Padre Cícero e o moradores locais.

A memória dos sujeitos contextualiza uma remontagem ou mesmo uma constatação de fatos que suplantam as formas e em alguns casos fazendo pontuações em alguns marcos significativos na paisagem, produzindo ligações entre a verificação dos fatos que lhe pertence com o espaço em que esses aconteceram e que a certo modo deixam fragmentos nessa realidade, fragmentos esses que são, em sua maioria, significados por um grupo social, contextualizando assim uma memória coletiva, mesmo que essa venha de cada indivíduo (HALBWACHS, 2006).

É importante observar que as falas individuais se consolidam com referências de um sujeito para com o outro, observando-se desse modo a conformação de um círculo

dos que são donos das ações que se concretizam como apreensões de vivências construídas dentro do contexto mais íntimo da memória dos ávidos espectadores que ao mesmo tempo são também formadores de ações sobre o que foi o passado do espaço da paisagem do bairro.

A memória aqui deve ser entendida com um ponto de difusão entre os indivíduos que vivenciam certa espacialidade ao longo de um processo histórico e social, isso no cunho de uma condição de práticas culturais que os sujeitos, enquanto sociedade são capazes de formatar na consolidação da paisagem, do lugar ou do bairro, esses sendo o cerne de sua materialização.

A memória tem a capacidade de invocar acepções pretéritas que outrora fizeram parte da materialidade do espaço e que em muitos casos, como já citado, não são mais alegoria da paisagem. A exemplo disso vale aqui lembrar a fala dos sujeitos moradores do bairro do Socorro que referenciam o largo do Socorro quando nesse não existia o memorial Padre Cícero, por sua vez, ali existindo um quartel de tiro de guerra para treinamento de praças, que segundo a fala dos moradores foi demolido para a construção da praça do cinquentenário erguida para as comemorações dos cinquenta anos de emancipação política da cidade de Juazeiro do Norte.

O professor e memorialista Daniel Walker, em um texto documental e jornalístico afirma que:

Quando Juazeiro comemorou seu cinquentenário de independência política (1961) o prefeito Antônio Conserva Feitosa construiu uma praça para perpetuar o evento. Mas depois, na administração do prefeito Manuel Salviano, a mesma foi destruída e em seu lugar foi construído o Memorial Padre Cícero. Na época ninguém reclamou e por isso Juazeiro perdeu para sempre aquele marco significativo do seu cinquentenário. (WALKER, 2012, p. 1)

FIGURA 17- Praça do Cinquentenário no Bairro do Socorro



FONTE: (<http://www.portaldejuazeiro.com/p/nao-existe-mais.html/> Daniel Walker)

FIGURA 18- Praça do Cinquentenário- ângulo reverso



FONTE: (<http://www.portaldejuazeiro.com/p/nao-existe-mais.html/> Daniel Walker)

Observa-se a partir do texto acima referenciado, assim como pelas fotografias que a paisagem do bairro do Socorro ora estudado é, ao longo do tempo, alvo de transformações bruscas, principalmente pelas ações do poder público, que imbuído de sua força orquestrou transformações significativas no decorrer do tempo.

Vale observar que esse, nas suas ações de transformação da paisagem, fez pouco caso em relação à memória dos cidadãos residentes no bairro destruindo a praça que foi marco comemorativo dos cinquenta anos de emancipação política da cidade. Na fotografia a seguir, é retratada a destruição do monumento que foi substituído pelo memorial Padre Cícero. Observa-se pelos discursos dos moradores em entrevistas e

através dos textos jornalísticos de Walker, que o ideário primeiro da paisagem do bairro é completamente pertencente ao imaginário dos sujeitos, já que as constantes transformações configuram bruscas quebras na historicidade que a paisagem pode revelar enquanto materialidade espacial.

FIGURA 19- Praça do Cinquentenário sendo substituída pelo memorial



FONTE: <http://www.portaldejuazeiro.com/p/nao-existe-mais.html>

Neste exemplo de explicação da memória da paisagem percebe-se, através dos moradores que vivenciam o bairro todos os dias, a capacidade dos mesmos de remontar a memória das formas que antes faziam parte da paisagem local. Essa condição nos leva a buscar dentro da pesquisa significações por parte desses sujeitos para com a paisagem do bairro, no intuito de entender o que essa foi, o que é e o que poderá ser futuramente, pois a partir das formas, da morfologia da paisagem é que podemos chegar às suas características mais subjetivas, como por exemplo, os seus significados geossimbólicos, suas imagibilidades¹⁰ [observando a perspectiva que Lynch, (1997) elenca] e as suas

¹⁰ A condição de imagibilidade é dada pela significação que o indivíduo que vivência a cidade consegue estabelecer, de modo que os marcos são partes significativas dessa imagibilidade da cidade e produzem em alguns casos referências e significações para alguns moradores ou mesmo visitantes de certa cidade;

tensões no cerne das territorialidades criadas e recriadas pelos sujeitos aqui investigados.

Essa condição de rememorar a paisagem, o morador é o sujeito que tem maior capacidade de elencar pontuações significativas, como por exemplo, as características pretéritas, o porquê das várias transformações bruscas, assim como os benefícios ou prejuízos causados por essas ações do poder público historicamente implementadas no bairro do Socorro.

As concretudes de uma investigação da paisagem pela memória conduz para uma compreensão cultural e social dessa, que por sua vez é subsidiada por um breve levantamento histórico da realidade que permeia o bairro de outrora e, neste sentido, rever as ações empreendidas na transformação do espaço e os atores responsáveis por essas, assim como as intencionalidades desses na promoção dessa ação na morfologia do bairro do Socorro. Podemos citar neste contexto os seguintes trechos de entrevista em pesquisas de campo:

Entrevista com Morador do Socorro: “eu moro a cinquenta e seis anos aqui no bairro e acompanhei todas as transformações aqui, a trinta quarenta anos eu achava uma região fraca sem asfalto, quase não tinha calçamento, era uma coisa completamente diferente as casa era todas diferentes; hoje eu vejo outra rua outro bairro melhor. Lembro da época da praça do cinquentenários, ali antes era uma pracinha sem nada ai depois na gestão de doutor Feitosa, um senhor que foi prefeito duas vezes, ele fez e a ferra de amostra com inauguração tudo, antes disso ali era a sede do tiro de guerra, depois na gestão de Salviano ele fez aquele prédio, esse que tá hoje pra ser o memorial, e dai pra cá melhorou muito graças a Deus, ficou bem melhor achei essas mudanças positivas, quando eu conheci o bairro do Socorro as coisas eram muito diferentes eram muito fracas, mas hoje eu vejo bem melhor, essa pracinha que fizeram, uma coisinha ai diferente, ai fizeram o memorial padre Cícero ai veio o asfalto ai veio o melhoramento o pessoal melhorou, as casas, tinham muitas casas aqui que era bem fraquinhas hoje eu vejo prédio ai graças Deus eu acho bem melhor. As transformações; elas foram muito importantes pra os romeiros também, pra romaria, eu achei vejo muita coisa, todo mundo ver tem uma boa visão dela, antes era mais acanhado pra os romeiros, tinha menos romeiros, antes tinha muitas barracas ai nas ruas era cheio de barracas ai, as eram estreitas por causa dos barraqueiros ficava tudo apertado por causa dos barraqueiros, depois que fizeram o memorial melhorou muito ali era tudo cheio, ai tiraram tudo e colocaram ali mais ao lado, alia ao lado padre Cícero alia aonde você já deve ter passado, entre o padre Cícero e rua da Conceição botaram lá agora, melhoraram muito fizeram umas barracas agora, ali tinha umas barracas umas casa de umas pessoas fabricavam santos, isso tudo foi retirado dali, pagando indenização uns achavam pouco outros achavam mais, com tudo foi tirado, um

em exemplo disso, podemos citar a estatua do Padre Cícero no bairro do Horto como imagibilidade e referência de Juazeiro do Norte, no caso do Socorro a capela e o cemitério constituindo essa imagibilidade visual desse bairro e também da cidade.

transtorno, contrariado insatisfeito mas, a lei fala mais alto né? É desse jeito.” (Entrevista de Campo realizada no dia 04/02/2015).

A partir dessa fala citada observamos a riqueza de detalhes que o sujeito tem sobre as várias transformações da paisagem do bairro Socorro ao longo das últimas décadas, com isso observa também que há uma assimilação de uma série de ações promovidas pelo poder público, mesmo essas tendo, a certa maneira, causado transtornos em sua execução tanto do ponto de vista da obra como do ponto de vista da remoção de pessoas.

A perspectiva de análise instituída aqui pelos aspectos da memória dos sujeitos se consolida quando este (a) entrevistado (a) faz sempre referência ao coletivo, o mesmo no decorrer da conversa sempre vai buscando a validação das benfeitorias que o bairro desfruta a partir das constantes mudanças ali orquestradas, a exemplo quando na fala esse diz:

“achei essas mudanças positivas, quando eu conheci o bairro do Socorro as coisas eram muito diferentes eram muito fracas, transformações: elas foram muito importantes pra os romeiros também, pra romaria, eu achei vejo muita coisa, *todo mundo ver* tem uma boa visão dela, antes era mais acanhado pra os romeiros”. (Entrevista realizada no dia 04/02/2015)

No trecho acima destaca-se a fala sobre as melhorias no bairro ao longo do tempo e, por fim, a pessoa entrevistada faz uma breve referência sobre os aspectos visíveis para toda a comunidade na paisagem do Socorro.

Os moradores são nesta leva o ponto de partida para a consolidação de um entendimento que se faz necessário para a compreensão das dinâmicas empreendidas no bairro do Socorro em Juazeiro do Norte. O sujeito romeiro que aqui também tem o seu papel significativo compreende outras formas de entendimentos mais voltados para as condições do bairro enquanto local de peregrinação, os quais ressignificam a cada momento a paisagem e dão sentido ao lugar, ao espaço de promoção e expressão da sua fé. O morador também tem dentro de si a essência de romeiro, porém esse é enraizado e vive em consonância constante com as dinâmicas que o bairro apresenta no seu dia a dia e ao longo de sua formação e transformações em sua paisagem primaz.

Sob essa perspectiva de interpelar os moradores locais é que foi feito um conjunto de entrevistas com esses, assim como conversas informais em espaço público (no largo do Socorro, por exemplo), ou na casa das próprias pessoas. Essas duas vias de

pesquisa se dão na tentativa de remontar através das falas e memória passada algumas características que ali não se encontram mais, como por exemplo, edifícios, as ruas sinuosas e entre várias características de outrora, isso para eleger situações na pesquisa e no seu corpo propriamente dito de modo a entender as questões pro trás de todas as partes das modificações nessa paisagem do bairro do Socorro, em Juazeiro do Norte.

Fazemos usos neste contexto interpretativo de considerações com base em Halbwachs (2006) onde esse denota que:

“Quando inserido numa parte do espaço um grupo o molda à sua imagem, mas ao mesmo tempo se dobra e se adapta as coisas matérias que a ela resistem. [...] A imagem do meio exterior e das relações estáveis que mantém com este passa para o primeiro plano da ideia que tem de si mesmo”. (2006 p. 159)

Incrementando dentro da análise os aspectos subjetivos da realidade, remontados na memória que cada sujeito entrevistado reproduz em sua fala, é importante observar que o indivíduo fala em sentido comunal, como já observado em trechos na entrevista acima citada, fazendo com que essa realidade seja entendida sob a perspectiva individual de cada uma das respostas sobre o todo, porém com encaminhamentos específicos que levam às ações interpretativas para um contexto escalar mais amplo que se embasa na perspectiva da memória coletiva.

Podemos ainda afirmar que o lugar de um grupo social, por mais que seja imensamente transformado, esse vai ter vestígio de passado que promove, em contrapartida, uma memória significativa e importante constituindo assim uma realidade pautada de marcas e vestígios que remetem a um concílio da memória de um grupo social.

Na ótica aqui em pauta é de suma importância observar que essas são ações que possibilitam a leitura ou entendimento do espaço nas condições mais intimistas que esse pode apresentar no âmbito da sua construção como acumulação histórico social de um grupo ou mais de um.

A concretização do entendimento sobre a memória do bairro Socorro, não deve ser entendida neste trabalho como uma condição única, pois os sujeitos aqui eleitos são donos de algumas impressões sobre a paisagem do bairro e essas são voltadas para as vivências do cotidiano e religiosa, neste sentido é importante colocar que há outros sujeitos e atores que também demandam ações sobre este espaço e que como os

moradores e romeiros também possuem memórias sobre as transformações na paisagem do bairro, a exemplo disso pode-se citar os comerciantes e os agentes do estado, representados pelos que fazem o poder executivo desse município, etc.

A memória do morador analisada aqui dá subsídio para a construção de um sentido capaz de retomar a paisagem concreta do passado, de forma a empreender sobre uma realidade subjetiva que não faz mais parte do concreto físico, estando apenas no concreto da memória de cada sujeito ou na memória de uma coletividade de indivíduos que comungam das mesmas práticas sociais, como no caso da religiosidade popular apresentada na paisagem volátil do Socorro ou mesmo no conjunto de vivências passadas que apresentam-se na memória do morador do bairro aqui trabalhado.

Em algumas situações, as memórias passadas sobre o bairro do Socorro dos sujeitos aqui trabalhados se inter cruzam, possibilitando confluências significativas na compreensão da paisagem do bairro, assim como na significação dos lugares considerados sagrados ou importantes para ambos os grupos de sujeitos que promovem ações sobre o espaço do bairro Socorro e o vivenciam nas celebrações sazonais de romarias ou no dia a dia na condição de habitante do bairro.

1.4. Religiosidade no/do bairro: contradições dinâmicas e contiguidades no sagrado

A paisagem e os aspectos que formam o Socorro são valorados de sentido e sacralidades, principalmente os que fazem menção ao patriarca fundador da cidade, esses ganham consenso na ótica geossimbólica presente na paisagem ou mesmo essa sendo o próprio geossímbolo, que se transforma em interlocução entre a fé do romeiro ou mesmo do morador e a paisagem física material, muitas vezes tratada como equipamento turístico produzido pela figura institucionalizada do poder público.

O bairro, com seu aspecto característico de centralidade religiosa, tende a assimilar para sua gênese configurações fixas e imaginárias num complexo e amplo conjunto de relações entre indivíduos e espaço bairristico consumado no cerne religioso e contextualizando sentidos na sacralidade em pontos eleitos pelos sujeitos ora trabalhados.

Esse contexto em que o espaço vivido é significado pela importância em algum ícone religioso ou de fundamento histórico é consubstanciado pela indolente linha de

acumulação cultural de grupos sociais que se constroem em capacidade e prevalência de alguns que hegemonizam ou ganham validade e contextos de convenção social.

Quando partimos para entender a paisagem, de antemão, logo imaginamos que essa condição é pautada por uma visão imediata ao que se coloca em nossa vista como verdade, porém é preciso que entendamos que a paisagem que se coloca à frente de nossos olhos pode estar além do que vemos, pois uma paisagem se faz e se desfaz em questão de tempo, essa pode ser compreendida a partir do passado, sendo necessário que o olhar vá além das formas presentes ou essa com sua condição sazonal e com elementos que se apresentam em certos horários do dia configurando mudanças significativas sobre sua interpretação, em outras palavras, a paisagem não é só forma fixa, ela é também forma volátil, que faz e se refaz, assim como fala Bauman (1999) em “modernidade líquida”, em que poderíamos dizer que há uma paisagem líquida, que se processa não apenas em formas fixas duras, essa possuindo de fato uma condição liquefeita que se adapta e se constrói conforme as ações de sujeitos em variados tempos presentes da realidade.

Ainda nesta perspectiva, Berdoulay (2012) diz que o sujeito é mediador, então se observarmos isso na prática pode-se afirmar que este sujeito em consequências se torna parte do lugar e da paisagem na sua ação mediadora, essa também se condicionando sobre ótica personalizada e condicionada pelo imaginário. Em palavras mais claras, a paisagem pode ser também construto social e do imaginário de cada sujeito que a produz e a dinamiza enquanto dono de sua ação, seja essa constante que se materializa como forma ou mesmo fluida, criando e significando geossímbolos na conformação do bairro enquanto produto social.

Fazendo um resumo das ideias acima, a paisagem do bairro Socorro, em Juazeiro do Norte, no Ceará é um exemplo significativo da sobreposição ou justaposição desse conjunto de ações impressas na cidade e dinamizadas pelos sujeitos que significam essa enquanto espaço de sacralidade.

Todas as características mencionadas acima fazem parte da urbanidade do Socorro, porém ao empreender sobre contexto de tais condições paisagísticas é preciso confrontar um conjunto de juízos passando por aspectos que sempre devem ser levados em consideração. A exemplo disso os fluxos comerciais, de moradores e deromeiros que ali frequentam e fazem usos distintos da paisagem.

Ao se buscar uma argumentação ou entendimento sobre as condições do espaço/bairro é importante caracterizarmos o mesmo minuciosamente, pois só assim é

que as condições de entender os espaços vividos e as suas sobreposições de paisagens se solidificam. A formação territorial que se dá no passado e no presente se configura conforme as preponderâncias e eminência dos sujeitos que produzem o mesmo.

Esses são, antes de qualquer coisa, os donos da ação concreta, ação que se materializa no espaço através de formas físicas e imaginárias. Essas são frutos de um tempo histórico que pode ser entendido pela memória, seja ela arquitetônica ou mesmo imaterial.

Todas essas condições apresentam-se como sendo importantes para a relação que os sujeitos exercem no espaço/bairro, pois essas são conjuntos indissociáveis da sociedade e dos sujeitos que a produzem pelo contexto de uma acumulação cultural que se processa em seu dia a dia impondo ou não características de um grupo social dominante no espaço, a exemplo da religiosidade católica que constrói o bairro sobre a ação dúplice que se apresentam por trás da religiosidade, isto é: os espaços e ações sagradas, e os espaços e ações profanas.

O que se percebe de imediato é que as condições sagradas do Socorro operam uma ligação direta com características de outros bairros no seu entorno, constatando-se que, os aspectos que remetem à religiosidade popular são demasiadamente interligados e se processando em forma de itinerário para o romeiro que se consolida como o principal consumidor/efetivador desses espaços em linhas retas do sagrado no bairro do Socorro e nos outros bairros iguais em paisagens significadas pelos romeiros e seu próprios moradores.

É importante salientar que essa característica de interligação entre esses recortes é um tanto quanto natural do ponto de vista de formação da cidade e dos seus espaços sagrados, pois esses fazem referência a um mesmo contexto de religiosidade e estão relativamente próximos em um raio significativamente conexo na cidade de Juazeiro do Norte, seria ingenuidade se não fossem levadas em voga essas características.

O relato aqui apresentado vai de encontro a um entendimento do bairro, não sendo possível esquecer-se das redes de religiosidade popular¹¹ que se formam entre um bairro e outro.

¹¹ Rede de religiosidade popular: esse termo é colocado aqui com o intuito de dar um entendimento sobre a necessidade que o romeiro tem de fazer um itinerário dentro da cidade percorrendo os seus locais sagrados não se resumindo somente a um espaço ou outro dentro do sítio urbano juazeirense.

Todas essas condições expressas acima têm suas marcas na paisagem e essas revelam os engendramentos nas relações eleitas no bairro e as semelhanças que o bairro exerce em comunicação com outros pontos, criando a certa maneira com esse contato uma imagem geral da cidade que é criada e articulada no recorte bairristico, mas que faz a relação escalar em Juazeiro do Norte como um todo. A exemplo disso podemos citar um enunciado de rádio que elege Juazeiro do Norte como a Meca¹² do Nordeste, dando assim a impressão e criando um imaginário de uma paisagem contínua na cidade que revela uma impressão do geral, fazendo pouca referência no escopo do bairro, seja o Socorro ou seus irmanados.

Essa imagem geral ou para alguns uma paisagem maior de Juazeiro existe sob o contexto e perspectiva de acumulação, experiência e aceitação por parte de grupos sociais e seu sujeitos, pois uma imagem, seja ela local, focada no bairro seja ela focada no todo é assimilada e consumida, pois se essa não tem sua validade aceita por consenso, em vez de uma única irá existir um caleidoscópio multifacetado.

Todavia, o que fica claro na acepção primeira da paisagem é a condição que essa tem de se confluir na consolidação de um espaço de escala mais ampla que se articula no recorte do bairro.

Os geossímbolos expostos em fotografias, em páginas anteriores, se complementam no sítio urbano de Juazeiro do Norte. Esses monumentos geossimbólicos se completam na construção da identidade da cidade e sua vocação romeira, esses equipamentos como o memorial, a capela do Socorro, o cemitério, a praça e o largo, são todos dispostos em acepção reticulada tal qual a marca imposta pelos romeiros ao pontuarem os seus locais sagrados, ou seja, a paisagem com seus geossímbolos é incrivelmente marcada pelas ações impressas no espaço pelos romeiros, e essa observação é válida na perspectiva de seus itinerários.

É importante revelar também que o Estado interfere (às vezes radicalmente) na transformação desses espaços, produzindo políticas públicas no encalce de ordenamento territorial. Antes é importante indagar até que ponto esse tipo de ação de figuras institucionais interfere na sacralidade dos espaços. Será que o sujeito que vive a romaria necessita de tanta intervenção do Estado? E o sujeito morador, se beneficia até que ponto em vista a essas ações de transformação do espaço geográfico?

¹² Referência feita pela rádio (tal) em comercial que faz propaganda da terra do Padre Cícero.

Essas são perguntas que são feitas no subconsciente do pesquisador ao se deparar com tamanha hibridez do espaço. É importante entender se essa não interfere na construção social que os seus sujeitos criaram ao longo do seu processo histórico e formador do mesmo, isso como indivíduo que é dono de suas ações, especificadas em seus imaginários, sua fé, vivências, ganhos, acumulações e perdas na espacialidade bairro, seja no arcabouço das redes de religiosidade popular formada, seja pelas condições simplesmente de existência de sagrado dentro das formas que condicionam este espaço/bairro do Socorro.

As indagações feitas acima ganharão maior destaque nos próximos capítulos e tópicos. É importante frisar que o bairro Socorro se consolida nesta nuance de problemáticas que possuem várias origens, assim como vários responsáveis do ponto de vista das ações dos sujeitos ou mesmo dos poderes públicos constituídos.

1.4.1 O comércio popular e sua relação com o religioso: os laços que fazem as paisagens e transformam os fluxos

O papel que o comércio exerce sobre esta fatia do espaço juazeirense é significativo e importante, já que o mesmo tem um papel preponderante na construção da religiosidade popular de Juazeiro, fortalecendo o bairro aqui trabalhado no que se refere a sua dinâmica e sua característica de itinerário dos visitantes que seguem em visita para o bairro do Horto, portanto possuindo condições para fluxos comerciais, mesmo que esse seja caracterizado por certa sazonalidade devido a periodicidade das romarias que ocorrem de forma intercalada durante o ano.

O comércio a que nos referimos aqui é um comércio popular de pequeno porte que existe no bairro, porém este mesmo não é desconexo do resto do comércio da cidade que tem uma condição de maior diversidade para contextos dela e da região do Cariri em geral. Em exemplo, podemos citar os trabalhos (VAN DEN BRULE, 2011) e (PEREIRA, 2014) ambos tratando como maior precisão sobre o comércio e suas disposições em Juazeiro do Norte.

É importante caracterizar que o comércio no bairro do Socorro também possui características de ser fixo em equipamentos comerciais, essa fatia é caracterizada pela condição de ser um comércio especializado. Essa especialização gira em torno de artigos religiosos e o comércio de serviços como, por exemplo, bares e restaurantes

configurando uma concentração de serviços em paralelo às formas sagradas da religiosidade popular presentes no bairro.

O comércio neste sítio é parte da forma de ser do bairro do Socorro, assim como na cidade em geral que possui vocação para tal atividade econômica. Assim como pelas condições apresentadas pela religiosidade popular, o bairro do Socorro também se conecta pela condição do comércio com os bairros circunvizinhos, essa se conformando em uma relação mais estreita com o bairro Centro e o Salesiano.

O comércio que se apresenta além do bairro Socorro não é segmentado como o do mesmo, este que vai além é multifacetado, possuindo ramificações das mais variadas possíveis, como por exemplo, equipamentos e suplementos para a atividade da ourivesaria¹³, ou mesmo o ramo do comércio de implementos agropecuários. Este comércio diversificado e sofisticado, em muitos ramos tem uma atratividade muito complexa, trazendo uma clientela das mais variadas regiões do Ceará como é o caso dos Inhamuns, Centro Sul, Sertão Central e até mesmo do Sertão Oriental, um pouco mais distante. É importante evidenciar também que esta atratividade se estende para os estados vizinhos como Pernambuco, Piauí e Paraíba, atingindo aproximadamente um Raio de trezentos quilômetros.

Objetivar uma análise sobre o Juazeiro do Norte e a sua realidade e não fazer a mínima menção ao comércio e a sua religiosidade é antes de tudo deixar uma lacuna significativa em qualquer discurso proferido sobre essa realidade, que paritariamente é produzida sobre estas duas manifestações humanas, ou seja, Juazeiro é um construto social que tem como base a religiosidade popular e o comércio de base e varejo forte. É óbvio que há outras atividades ou manifestações importantes tanto quanto essas duas, porém as duas aqui citadas são as bases para a consolidação dessa cidade como propulsora do crescimento da Região do Cariri cearense.

Nessas condições aqui elencadas vale fazer a seguinte indagação em relação ao comércio e a religiosidade popular em Juazeiro do Norte: Paralelos ou irmãos siameses? Essa é uma pergunta intrigante quando fazemos uma análise da acepção histórica desta

¹³ A ourivesaria é uma atividade que envolve a manipulação de metais preciosos e semipreciosos, assim como pedras preciosas, semipreciosas ou mesmo matérias para a produção de semijoias, folheados e bijuterias de metais em geral. Há certamente relação entre objetos religiosos (crucifixos, correntes, imagens, etc.) e esta arte no lugar em estudo

cidade, comércio e fé, que são condições básicas para a existência de Juazeiro como tal. A cidade em sua formação inicial tem base na fé como é conhecida por quem a visita, pesquisa ou faz qualquer outro tipo de atividade na mesma.

É importante sabermos que mesmo com a fé sendo o ponto de partida do crescimento da cidade, essa não foi uma condição bem quista pela própria Igreja Católica, já que o movimento religioso que funda e consolida a cidade não foi bem aceito pelas bases conservadoras da religião católica.

O religioso, sendo o principal dinamizador desse espaço, não se condiciona como o único, a premissa levantada aqui é de que o comércio da cidade, partindo para um viés da economia é quem produz a cidade paralelamente com o fenômeno religioso que ali existe. É importante evidenciar que o comércio vai além do religioso, esse é atemporal¹⁴ na dinâmica e organização de Juazeiro.

No entendimento da cidade de Juazeiro do Norte independente de ser como um todo ou mesmo em recorte de bairro é fundamental que se busquem as correlações a partir dos bairros e suas acepções dentro da malha citadina, essas não devem ser entendidas no âmago do isolamento de linhas ou viés de entendimento.

As centralidades e as condições existentes nessas são antes de tudo uma formatação ímpar que em muitas situações podem advir do religioso, ou religiosidade, em outras palavras, a acepção primeira dessa cidade e de seus bairros se dão entorno do fenômeno religioso, porém, como já expressado acima, o mesmo não é o único que fundamenta o cerne das transformações, de modo que essas atividades e dinâmicas sugerem ou se colocam sobrepondo-se umas sobre as outras nas formas físicas e imaginárias da paisagem.

Citando Marinho (2008) em um trabalho no qual são analisadas as teias do turismo religioso em Pernambuco, o comércio no entorno de muitos cenários da religiosidade popular é condicionado a ter certa segmentação “o grosso do comércio,

¹⁴ Quando esta condição de atemporal para o comércio de Juazeiro do Norte é colocada, enfatiza-se que o mesmo é independente do fenômeno da religiosidade popular, desta feita, não havendo problemas com a sazonalidade das romarias e à atividade em si, isso falando de uma maneira mais macro na cidade, sem segmentar ou evidenciar a dinâmica de algum bairro ou outro, que pode por sua vez possuir um segmento comercial mais forte do que outros.

principalmente voltado ao lado “profano”, estando situado fora do ambiente analisado (MARINHO, 2008).

Essa análise feita pela autora é situada em um santuário rural, porém quando observamos o comércio no bairro do Socorro, em Juazeiro do Norte, percebemos que esse é muito similar em algumas condições, principalmente no ensejo de recorte espacial de bairro, já as ramificações desse quando faz contatos com outros bairros da cidade é mais amplo, diverso e denso, condicionando uma redefinição da rede comercial da cidade de modo diferente da análise feita por Marinho (2008), isso fica claro quando acima falamos de alguns tipos de atividades comerciais na cidade e em outros bairros.

Quando se faz um recorte no objeto de estudo tem que se levar em consideração as relações que este exerce como os agentes deixados de fora ou mesmo os espaços vizinhos negligenciados, ou ainda descartados no bojo da pesquisa, é preciso que entendamos as relações que o recorte exerce como um todo, o jogo de escala se faz preciso para um bom entendimento dos processos e vivências que o espaço permite, independente de ser um contexto de análise mais amplo ou não.

Compreender as imbricações do espaço é antes de tudo como analisador do mesmo estar preparado para atentar-se às correlações que existem sobrepostas na realidade e essas, por sua vez, incrustadas umas nas outras ou sobrepondo-se, contextualizando uma dificuldade a mais no entendimento do recorte e suas adjacências. O bairro faz correlações com o todo da cidade, isso independe da estrutura que a cidade apresente, neste sentido, suas atividades, suas dinâmicas ou mesmo suas modificações enquanto paisagem ou território produzido significativamente nessas condições.

De modo geral, por mais localizado que ocorra o fenômeno, existe em seu cerne uma relação com uma dinâmica mais ampla, e com o bairro do Socorro não chega a ser diferente, nem tão pouco com suas duas características principais, no caso as manifestações de religiosidade popular e o comércio segmentado que existe nesse, ambas as características pautadas pelos sujeitos moradores e romeiros que exercem papéis significativos sobre essas duas, impondo suas ações, condicionando sua validade, suas significações assim como imprimindo apropriações escalares na paisagem.

CAPÍTULO II

**Paisagem e Lugar: o Bairro e seus Geossímbolos na
Apreensão da Identidade do Socorro e na manifestação
dos sujeitos**

A condição que a cidade e seu espaço geográfico apresentam é variada e diversa, tanto na sua concepção como na sua transformação ao longo do processo histórico nela imbricado. Ou seja, a morfologia da cidade e suas nuances são em sentido mais genérico resultado de acumulações que se programam ao longo do tempo na expressão que essa representa para a sociedade que a construiu e a usufrui enquanto espaço locacional e de funcionalidades.

Em vias de entender todo esse contexto que se faz perante a essa apreensão é importante contextualizar que toda essa dinâmica acima elencada também faz parte das variadas formas de ver a cidade enquanto espaço geográfico socialmente constituído e dinamizado. É importante ver que a sua paisagem constituída ao longo da sua formação, assim como o espaço referenciado de lugar, também são constituições que possuem suas nuances e prerrogativas para a sua constituição enquanto fruto de grupos sociais constituídos na espacialidade das cidades.

A paisagem seria, assim como o lugar, a noção mais intimista da cidade no que se refere a sua apreensão e entendimento na perspectiva do espaço reduzido na escala dessa e de seu limiar urbano. A exemplo dessa redução escalar temos o bairro, considerado aqui enquanto recorte de estudo.

Há nessas duas perspectivas conceituais da geografia uma complexidade de discursos e ideias inerentes às mesmas, tornando essas construções mais complexas quando levadas para o entendimento efetivo no espaço geográfico enquanto produto constituído de natureza humana na cidade. Nesta situação é importante ver que a cidade não é uma construção sólida, ou seja, ela está em constantes transformações. Os conceitos utilizados para entendê-la também não podem ser compreendidos na perspectiva unilateral, fechados, propostos como verdade absoluta, pois a sua base de sustentação não se consolida na rigidez do conceito, nem tão pouco na rigidez de análise nela inserida.

É importante sentir o caminho que se deve percorrer quando se tenta interpretar a cidade com um conceito ou mais, pois é só a partir desse esforço que as soluções vão aparecer para se entender parte desse todo ou mesmo de um recorte escalar, como é o caso do bairro, que neste construto se caracteriza em um estudo de caso que por si só é imbricado nas mais variadas situações problemáticas e conceituais, isso quando se parte

para as soluções na consolidação de compreensão de ações que foram implementadas por diversos sujeitos e atores.

O sentido dado para a paisagem do bairro, assim como a elucidação buscada para o contexto de lugar tem que se basear na construção de vias que levem em consideração os sujeitos que permeiam essa realidade social, pois esses possuem em detalhes a noção ou mesmo a ação que se implemente em qualquer tempo no espaço geográfico. Todos os envolvidos na construção da cidade, assim como na sua significação ou na sua simbolização como marco, que a faz com sua imagem uma construção exógena, têm seus papéis e sua importância quando se busca interpretar a espacialidade, pois essa se constitui a partir do embate e das tensões existentes para todas as consolidações aqui citadas acima.

As tensões e conformações que há por trás dessa têm que ser entendidas no encaixe de sua formação e na sua base de conflitos juntamente com as transformações, levando em questão os sujeitos responsáveis pela leva de ações que fazem a cidade e suas paisagens existirem e se metamorfosearem conforme o tempo passa, ou conforme o grupo de sujeitos dominantes insira ações significativas no espaço, seja essas no espaço do bairro ou da cidade ou mesmo ações promovidas em algumas pontualidades como nas paisagens ou referências geossimbólicas existentes nesses recortes ora citados.

O lugar com seus sentidos exprimem simultaneidades e singularidades conduzidas por sujeitos em sua maioria constituídos na localidade. Em meio a essas caracterizações que são antepostas e promovidas por esses sujeitos, vale elucidar a condição social e as nuances em que este lugar é significado por cada um dos que o faz, é substancial que a carga de sentidos que propiciam tais condições na sua organização enquanto produto da prática cultural de uma sociedade seja compreendida em sua gênese e no conjunto de sensibilidades que esse invoca ou nele é invocada.

De modo geral, as suas configurações têm que ser compreendidas em muitas situações pela mesma via em que buscamos entendimentos sobre as paisagens, ou seja, fazendo uso do papel que os sujeitos têm sobre essas duas categorias e dos sentidos nelas presentes. É importante entender as dinâmicas dos sujeitos dominantes ou mesmo as ações institucionais que são promovidas neste ambiente, pois muitas vezes essas são conduzidas em detrimento de certos grupos ou ainda promovendo relações que são configuradas entre os diversos sujeitos dominantes. Todos se consolidam como

responsáveis sobre esse contexto da paisagem e do lugar que se instituem no bairro como foco de análise.

2.1. Marcas e identidades da paisagem e do lugar: construtos, usos e processos no Socorro

O processo de acumulação histórico-cultural na paisagem humanizada é em grande parte fruto da ação social de grupos, esses compostos por sujeitos que detêm o protagonismo da ação, que por sua vez se baseando em significação, transformação ou em uma carga sentimental sobre a paisagem.

O bairro, como fruto de análise geográfica é constituído de uma série de características que permeiam desde acumulação de formas geossimbólicas passando pela mutação de sua morfologia enquanto forma concreta produzida no espaço da cidade. Há assim dentro dessa fala acima a constatação de que o recorte do bairro com suas paisagens, suas marcas geossimbólicas, assim como o seu sentido de lugar são para o sujeito e a sociedade repletos de demandas que esses conferenciam como paisagem apropriada e apropriável contextualizando as tensões existentes nessa assim como os dispositivos que a fundamentam.

Além dos fenômenos sociais, o sujeito também exerce papel importante na formação da paisagem da cidade e dos bairros, pois esse é quem conflui a demanda social que é o bairro e suas formas. Em outras palavras, não há significação sem sujeito, não há demanda de identidade paisagística se não houver quem a signifique, portanto, o sujeito, as paisagens e os lugares por ele significados estão intrinsicamente ligados do ponto de vista geográfico.

Nesta via é importante observar que a ação social de um grupo de sujeitos ou mais de um é quem ao longo do tempo delega as condições imaginárias assim como as validam no cerne de seu entender coletivo, pois o sujeito é indivíduo que se explica por sua ação e condição coletiva assim como pelas significações que seu grupo social assegura ao lugar e paisagem.

Neste estudo de caso, o bairro do Socorro em Juazeiro do Norte, como já mencionado antes é possuidor de dinâmicas que se constroem ao longo do ano conforme as condições que se apresentam no cerne da religiosidade católica que ali se faz assim como nos aspectos de vivência cotidiana dos moradores desse bairro.

A construção de entendimentos mais aprofundado da cidade de Juazeiro do Norte pode se basear pelo entendimento dos seus bairros, principalmente os de formação inicial da cidade, pois esses perpassam por meandros do imaginário assim como da paisagem e imagem que os sujeitos produzem dessa cidade, independente desse sujeito ser fixado no lugar ou apenas vivenciar a paisagem de maneira sazonal se fazendo parte dela.

Há nesta construção um cunho social, que se consolida ao longo dos processos históricos e no cerne das intencionalidades pautadas nas tensões que existem no transcurso orgânico da paisagem (WYLIE, 2007), isso independente dos atores dominantes ou de ações institucionais, ou seja, para cada sujeito que compreende a cidade ou sua paisagem esse se consolida de forma elementar e singular, pois esse tanto pode ser promotor de tensões como dissipador dessas, construindo e significando essas na esteira da história. Vale ainda observar que:

A paisagem resulta de um processo de acumulação, mas é, ao mesmo tempo, contínua no espaço e no tempo, é uma sem ser totalizante, é compósita, pois resulta sempre de uma mistura, um mosaico de tempos e objetos datados. A paisagem pressupõe também um conjunto de formas e funções em constante transformação (SERPA, 2013, p.170)

Desta forma confluímos no sentido de entender que as marcas na paisagem codificadas como construtos são impressões significativas que se consolidam das mais diversas maneiras, essas marcas são vistas aqui pelo viés que Berque (2012) estabelece, ou seja, como uma impressão de resultados que configuram essa paisagem como marca que existe em uma relação direta com o sujeito coletivo que a tem como modelo de referência e que ainda é permeada de sentidos que inspira esse enquanto parte diretamente ligada a essa noção de espaço.

Todas essas condições são visivelmente aparentes no percurso de análise do bairro do Socorro em Juazeiro do Norte, isso independentemente da resposta que se busque sobre tal espacialidade, ainda assim é importante se fazer certas indagações sobre essa paisagem vista como marca, pois é neste caminho que a pesquisa tem que proceder, por que no Socorro podem-se considerar, como parte dessa marca, os romeiros no seu papel de sujeito, que se faz presente de maneira sazonal conforme as demandas do calendário das romarias organizadas pela Igreja e por conseguinte a manifestação desses sujeitos romeiros nessas paisagem enquanto marca.

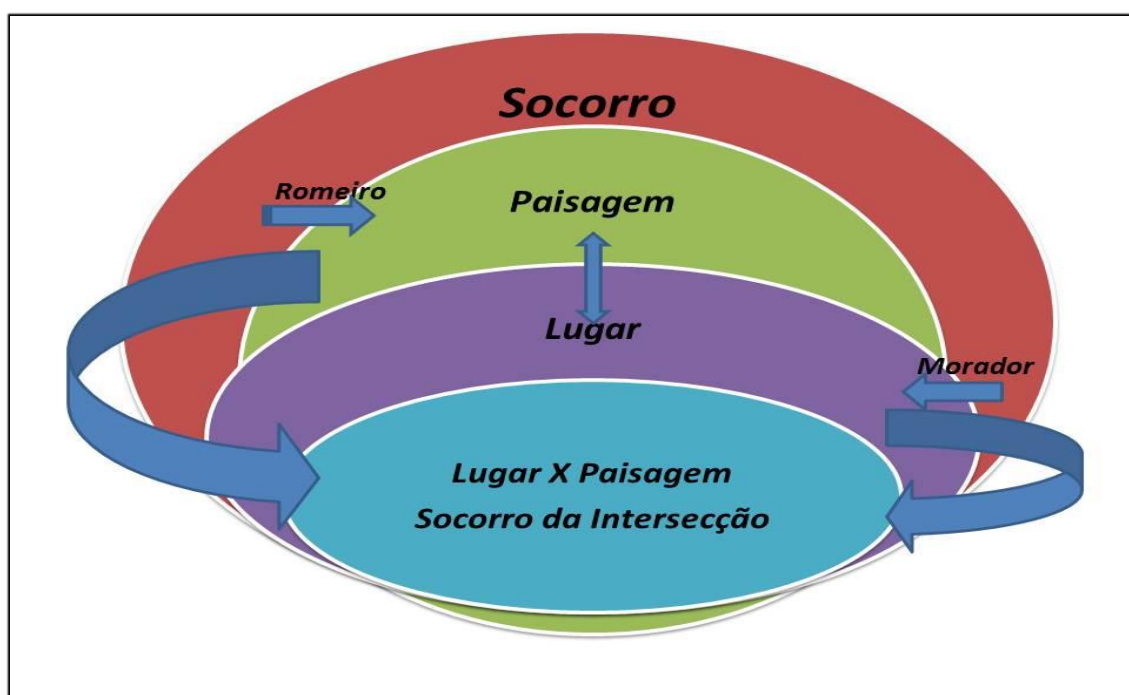
A construção acima produzida confirma de maneira eficaz que a paisagem vai além da sua condição física e estrutural se construído assim por outras condições que

vão além das tradicionalmente conhecidas e esses caminhos do além-físico permeiam, por exemplo, o imaginário dos sujeitos, como já até citado, que se envolvem com a mesma assim como pelo contexto das intencionalidades de grupos sociais, assim como do poder público na consolidação de políticas públicas que promovem independente dessa se consolidar como paisagem marca ou paisagem matriz (BERQUE, 2012).

Tais nuances podem ser formadas por atores que exercem o papel de agentes transformadores das paisagens, assim como representam também interesses de setores em detrimento de outros na paisagem enquanto construção social, mas ainda sim o sujeito morador é também importante para a elaboração de entendimentos no bairro, pois esse é quem vem dar o sentido de lugar ao bairro e nas dinâmicas nele presentes.

O bairro do Socorro, recorte de estudo aqui analisado concilia dois sujeitos aqui mencionados de maneiras subliminares, pois esses conseguem nos seus itinerários configurar dinâmicas importantes de modo que hora se encontram, hora se distanciam na malha morfológica do recorte. Os dois grupos de sujeitos tem papéis significativos para a compreensão da paisagem e do lugar. Neste sentido, vale observar no organograma abaixo o papel de cada sujeito na apropriação e significação do bairro do Socorro. Esse processo é indicado pela disposição das setas presentes na ilustração.

FIGURA 20 - Fluxograma dos papéis dos sujeitos em relação aos conceitos



FONTE: ARAUJO, Marcos A. G. Outubro de 2015.

Neste organograma fica evidenciado o papel de cada sujeito no ideário do bairro do Socorro, onde para cada categoria geográfica se usa um sujeito para buscar entendimentos, vale salientar que nenhum dos dois são absolutos em fornecer informações sobre as dinâmicas no bairro, de modo que no organograma apresentamos uma espécie de intersecção dos dois sujeitos e sua importância para a análise sobre o bairro do Socorro.

A construção das delineações sobre as dinâmicas dos bairros são importantes no sentido de se entender os processos que se consolidam na linha do tempo em que a paisagem e o lugar se formam como partes importantes para entender a cidade.

É importante o entendimento do espaço da cidade pela paisagem, assim como por algumas abordagens importantes como, por exemplo, a noção de paisagem imaginária, paisagem-marca e paisagem-matriz, (BERDOLAY 2012; BERQUE, 2012), assim se faz importante também constituir meios para os aspectos eleitos por sujeitos que vivenciam esses lócus aqui acima citados.

A noção que o sujeito tem sobre essas paisagens bairristicas se fundamenta como o meio mais importante para o entendimento de tal especificidade no caso do Socorro em Juazeiro do Norte. Nesta via é importante entendê-la sob o julgo do concreto e da sua imagibilidade (LYNCH, 1997) independentemente do estudo ou da matriz teórica, assim pode-se entender ainda que a paisagem é marca e é matriz, ou seja, ela é marca por expressar uma civilização, e ela é matriz por configurar a percepção, concepção e ação cultural (BERQUE, 2012).

Complementando essa fala pode-se ainda entender a paisagem sobrepondo à estética ou o belo, esses aqui não entrariam como nuance principal da paisagem, pois esse ir além dela faz emergir o contexto em que essa é uma construção cultural contextualizando-se segundo a ordem da imagem, independente da sequência dessa mesma (BESSE, 2006), em outras palavras, a paisagem como forma e maneira de entendimento que permeiam variáveis dimensões.

A paisagem como já mencionada seria modelo de referência e sentido que inspira ou obriga algo ou alguém, dessa maneira criando e configurando o contexto que se refere às ações sobre seu desenvolvimento, enquanto parte da cidade que não se dá isoladamente caracterizada por um bairro que se relaciona com outras parcelas da cidade que passa a ser entendida por uma terminologia que é cunhada antes mesmo da consolidação da paisagem como parte de um bairro ou recorte da cidade, se constituindo

por sua vez em uma paisagem impressa historicamente e socialmente significada pela acumulação cultural.

Assim pode-se afirmar que todo esse enredo seria a consolidação de uma característica ou uma antecipação antes mesmo da forma que se imprime nos dias atuais na paisagem do bairro, ou seja, existem neste jogo intenções de sujeitos, instituições ou movimentos sociais, ações para a conformação e consolidação de um determinado lócus como uma paisagem que é impressa anteriormente no cerne da retórica e só a partir daí é que essa vai se consolidar com outras características e acepção morfológica propriamente dita. Essa consolidação seria no percurso da metonímia na/da paisagem “porque ela possibilita formular sínteses potenciais da vida social” (MACIEL, 2012. p. 37).

Essas condições apresentam-se nas paisagens de alguns bairros da cidade de Juazeiro do Norte. Neste estudo de caso fazemos usos das características que o bairro do socorro apresenta para a sua apreensão como subsidio de entendimento da cidade de Juazeiro. Quando mencionamos esse entendimento estamos levando em considerações as relações que o espaço propicia dentro do itinerário urbano, levando em conta para essa ideia a relação escalar que este exerce com outros setores da cidade.

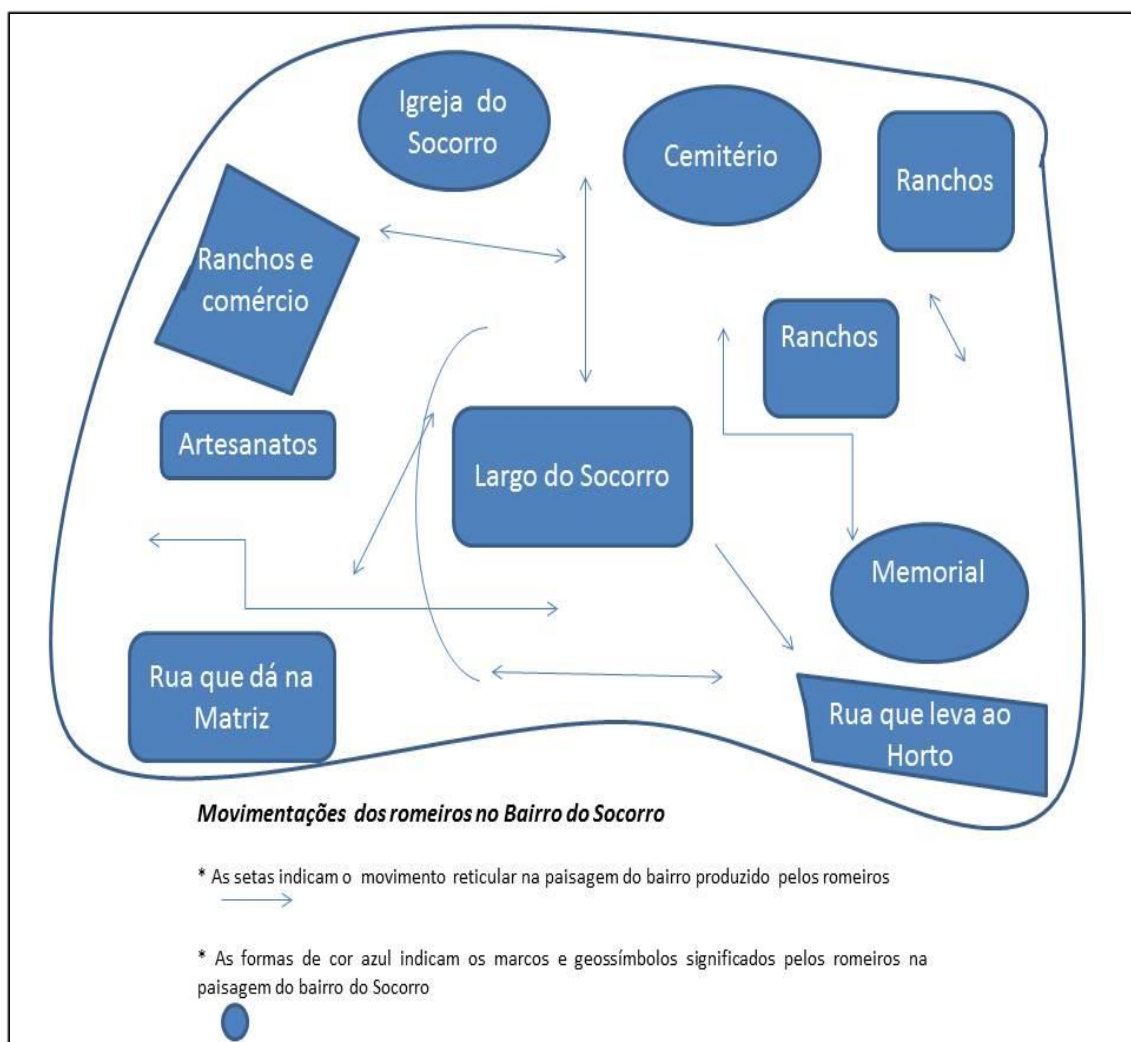
Quando se busca o itinerário e as condições fixas dos dois sujeitos (o romeiro e o morador), constata-se que os dois têm assimilações que em vários momentos se diferenciam na sua construção social de sujeito que dinamiza, consome e transforma o bairro, suas paisagens e seus sentidos de lugar. Como já introduzido, poderíamos de maneira superficial definir que o bairro do romeiro se faz sob a mecânica da paisagem, já que o consideramos como parte dessa e neste sentido o conceito que mais se aproximaria estaria interligando-o ao entendimento que aqui buscamos.

Para se ter maior precisão é importante constatar-se que neste contexto dinâmico de entender a paisagem como um dado não absoluto vale evidenciar que um simples ônibus que estacione no bairro e esse traga romeiros para alguma romaria ele irá se consolidar como parte de uma paisagem que se produz na sazonalidade dos eventos religiosos que nesse bairro acontece, ou seja, é importante ver que essa paisagem do bairro suplanta a “*paisagem normativa*”¹⁵ através de ações no espaço produzidas por esse sujeito romeiro como parte itinerante dela, sujeito esse que se

¹⁵ Essa seria a paisagem que é colocada como natural, com as formas, as construções, as casas, enfim, seria assim essa paisagem vista pelo senso comum. Esse é um entendimento que necessita de debate acerca da sua validade enquanto algo firmado em um texto dissertativo.

constitui em pontos geossimbólicos confluindo para articulações na paisagem que configuram linhas que se produzem a partir dos geossímbolos com conexões presentes no bairro do Socorro em Juazeiro do Norte, ou mesmo em outros bairro. Segue abaixo:

FIGURA 21- Croqui representando a movimentação dos romeiros no bairro do Socorro



FONTE: ARAUJO, Marcos A. G. Outubro de 2015.

Este exemplo acima, mesmo que seja um simples croqui digital, resume de maneira inteligível como se dá o itinerário dos romeiros e seu comportamento enquanto parte da paisagem do bairro do Socorro em Juazeiro do Norte, essas pontuações em observações que remetem aos campos nos levar interpretar essa movimentação reticulada desse sujeito que de maneira sazonal se constitui parte dessa paisagem geográfica e isso remete ainda para entendimentos que direcionam um leque de interpretações significativas sobre o conceito de paisagem e a sua capacidade de dar

subsídios para compreensão da cidade como obra produzida e transformada por sujeitos e atores sociais.

Ainda neste âmbito de observações das assimilações da pesquisa vale aqui observar trechos de entrevistas concedidas por dois romeiros diferentes. Nas falas abaixo podemos constatar mais indicações do uso da passagem por parte desses sujeitos, assim como a sua capacidade de fazer parte da mesma.

A sua significação e coparticipação na paisagem do Socorro se dá de maneira sazonal configurando mais uma vez a prerrogativa do calendário litúrgico que delinea as romarias durante o ano no bairro e em Juazeiro do Norte.

Segue-se abaixo trechos que subsidiam observações aqui relatadas. Ainda colocamos algumas fotos com indicações que fortalecem o exemplo dado nas falas e no croqui.

Romeiro de Boca da Mata- AL

Para o senhor de onde até onde fica o Socorro? :

R: Bem aqui mermo eu num tenho certeza onde chega o Socorro, eu faço a romaria aqui, vou ali a pé a São Francisco, de São Francisco venho aqui pro Socorro, pra o Horto que é lá em cima, então eu fico fazendo a romaria aqui três ou quatro dias aqui no setor da cidade mermo/ num vou nos franciscano e depois lá pra riba, nu vou pra li de banda então eu fico só aqui no pátio, na mãe das Dores do perpétu Socorro, senhora Santa luzia ali em baixo a casa de padim pade Cíço que nem já venho de lá, fico fazendo essa romaria trazendo um hostinha pra um irmão afragelado dando cinquenta a um , um real a outro dez a outro cinco centavo a outro, butando uma ostinha nas igrejas num canto boto dez outro canto boto vinte outro boto cinco e ai tudo vai se coisando.

Quais os locais que não podem faltar?

R: Se num vier aqui num tem graça, o caba vim a Juazeiro e num fazer as romaria que deve fazer, a gente vem pra venerar muichos aqui pode num respeitar mas agente vem com um respeito grande de vim fazer aquela romaria de achar a aquelas cosias muito bonita as cosias as obras de pade Cíço e fica tudo olhando o movimento do povo

O memorial, o senhor visita também?

R: não eu num nego a minha visita é aqui na igreja de São Francisco no primeiro dia no segundo dia vem aqui no perpeto Socorro, então amanhã, amanha mermo eu vou pro Horto sai de manha vou pear carro ali em baixo, eu sempre todo ano ia de pé mais to prejudicado aqui do cotovelo ai pego o carro ali e vou até lá em riba ai faço a romaria vou po final do horto mesmo, no final ai venho e pego a carro e volto pra casa.

Estão chegando mais cedo agora?

R: é por que chega mais cedo é por causa do negócio de rancho por que os caba se aproveita chega em cima da hora e fica mais caro ai você pagava cinquenta o caba já bota pra sessenta, cem, setenta oitichenta não tem condição cinquenta sessenta pessoa numa casinha assim.

Romeiro de Quebrangulo –AL

Há quanto tempo o senhor visita Juazeiro?

R: *É a terceira vez, a primeira vez que eu vim aqui foi em oitenta e cinco, oitenta e sete quando tava construindo isso aqui, o memorial quando tava em construção ainda, oitenta e sete e agora quando eu vim o ano passado já tava com vinte sete que eu tinha vindo aí vim com saudade aí esse ano deu pra mim vim aí estou chegando novamente por aqui hoje.*

E essa praça aqui (ao lado do memorial)?

R: *não num tinha não, que tava construindo isso aqui o memorial, era terra ainda num tinha isso não.*

O museu aqui o senhor já visitou?

R: *o museu é aonde, ah já visitei aqui, visitei também por que a atração da gente é contar de tudo, as vezes o caba pergunta assim o caba já ta contando né, ver e conta pra os amigos que num vei visitar e a gente contar como é que ta atração daqui.*

Os lugares que o senhor mais gosta de orar ?

R: *É todos , qual quer lugar ta bom, por que chega aqui no Socorro muita gente, chega na Matriz muita gente, a gente chega na São Francisco muita gente chega na coração de Jesus muita gente se vai ao Horto cada canto que chegar tem um missa né um pade celebrando uma missa aí uma atração ta ali aí a gente se sente, a gente se sente tão bem que passa aqui três quato dia e passa passa tão rápido que a gente num espera , cada lugar é importante, onde tem a palavra de Deus num há tempo ruim, por que a palavra de Deus é uma só num há diferença em cada igreja, pra aquele que crer pelo batismo com vocação e ensina o evangelho.*

O senhor acha que esse museu essa praça, o senhor acha que foi importante pra o romeiro?

R: *Foi importante, muito espaço né, toda causada muito espaço ficou muito bem organizada tem espaço pra todo mundo.*

Todos esses exemplos fundamentam as ações reticuladas na paisagem propiciando o entendimento do bairro pela figura do romeiro, contextualizando seus passos em pontuações geossimbólicas na paisagem do Socorro e com ligações em outras partes da cidade.

É significativo observar que na fala desses dois exemplos identifica-se noções de ações desses sujeitos que se caracterizam na *reticularidade* das formas espaciais, ou seja, a paisagem sendo modificada e usada a partir de pontuações que se dão no bairro e se interligam no itinerário que esses estabelecem como roteiro de fé e adoração na cidade de Juazeiro do Norte.

As falas acima são revelações a partir da observação dos sujeitos interpelados e essas são notadas em trabalhos de campo realizados no itinerário da pesquisa. Essas observações foram em muitas situações conduzidas em plano de voo, tentando estabelecer o mínimo de prejulgamentos para assim fazer uma correlação com as falas.

Abaixo segue-se um conjunto de fotografias que indicam pontuações sobre o itinerário relatado acima.

FIGURA 22- Romeiros na feira de artesanato nas imediações do Socorro



FONTE: ARAUJO, Marcos. A.G, fevereiro de 2015.

FIGURA 23 – Romeiros em um itinerário entre a Capela do Socorro e o comércio nos arredores



FONTE: ARAUJO, Marcos. A.G, fevereiro de 2015.

FIGURA 24- Romeiros entre o largo e a capela do Socorro



FONTE: ARAUJO, M.A.G, Janeiro de 2015.

FIGURA 25- Romeiros em peregrinação de frente a imagem do Padre Cícero e Igreja do Socorro.



FONTE: ARAUJO, Marcos A. G. Fevereiro de 2015.

Ao enveredarmos sobre a interpretação do Socorro pela figura de um sujeito baseada no conceito de paisagem isso não impossibilita de se interpretar algumas lacunas pelo conceito de lugar, pois mesmo que o sujeito romeiro não tenha a

capacidade de sedimentação no bairro, esse também pode dar algumas repostas significativas através do conceito acima citado. Essas tratativas entrarão sob a perspectiva de intersecção que os dois conceitos podem apresentar para a interpretação do bairro, assim como pela capacidade que os dois sujeitos podem apresentar para compreensão do bairro Socorro.

No quadro de fotografias observa-se a completa interação do sujeito com a paisagem do bairro do Socorro, esse sujeito (romeiro) é parte imanente da paisagem, e se constitui como parte viva e que se “consolida” no que chamamos aqui paisagem volátil ou *volatilidade da paisagem* ¹⁶, esse caracterizando-se como o principal agente que dinamiza a paisagem do bairro do Socorro em períodos de romarias na cidade de Juazeiro do Norte.

É importante observar que mesmo o sujeito, independente dele ser romeiro ou morador, esse tem os protagonismos em suas ações, pois o mesmo não exerce um papel de um ator social, ao não exercer esse construto ele é por si só produtor do seu próprio roteiro na complexidade em que ele se encontra.

É significativo lembrar que os agentes institucionais como a Igreja, as ONG's ou mesmo prefeitura no papel de estado muitas vezes delineiam as ações dos sujeitos, ou seja, é importante no contexto de pesquisa observar todos esses encaminhamentos de ações e não ser ingênuo a ponto de concluir e defender delimitações ou papéis prévios e rígidos de sujeitos. Isso é o caminho que se deve buscar na solução de problemas quanto a um objeto de pesquisa escorregadio como é o caso do sujeito apresentando-se como roteirista de suas ações.

Na guisa de entendimentos sobre o bairro no percurso de transmutação (transformações por políticas) e *a posteriori* dessas é interessante compreender a capacidade que os sujeitos têm de recriar e resignificar a noção de bairro como marca e imagibilidade da cidade, possibilitando após essas ações outras características na paisagem concretizando-a no cerne da matriz, composta por percepções e concepções do sujeito ativamente experienciado nela (BERQUE, 2012).

As características e intencionalidade de sujeitos ou instituições que colocam marcas no espaço formando a paisagem a partir de condições preestabelecidas para a consolidação do bairro e suas dinâmicas são bem aparentes no Socorro, é interessante

¹⁶ Essa preferência de nomenclatura se dá no sentido de não nos comprometermos com uma ideia que ainda é embrionária, mesmo que essas tenham grande capacidade para debates. É importante observar que não estamos fugindo da ação de cunhar conceitos, mas em busca de um amadurecimento sobre a ideia de paisagem volátil.

elencar as transformações supracitadas no primeiro capítulo deste trabalho, pois elas ao longo do tempo vieram a certa maneira definindo o campo de ação dos sujeitos nesse recorte da cidade. A título de aprofundamento retomaremos esse debate no contexto de intervenções públicas no terceiro capítulo do trabalho.

O bairro com sua paisagem é um recorte na cidade que é substanciado por uma série de características próprias que se consolidam em duas vias principais, que são as seguintes: os sentidos que os sujeitos promovem para a imagibilidade, assim como nos discursos que são proferidos sobre a mesma e as ações institucionais que promovem a configuração da imagem da cidade a partir de um bairro ou da sua paisagem, marca conhecida por seus moradores ou mesmo sujeitos externos ao bairro.

Essas caracterizações acima citadas podem assim ser consideradas geossimbólicas e significadas no construto social, em que essas imprimem na sua formatação condições que suplantam a simplicidade empirista da morfologia paisagística da cidade, neste sentido, poderíamos afirmar que “em um extremo a cidade é um símbolo ou uma imagem (expressa em um cartão postal ou um lema) pela qual podemos nos orientar; no outro é o bairro intimamente experienciado” (TUAN, 1980, p. 259).

O bairro e sua paisagem segundo esse entendimento seria a experiência íntima que reluz na cidade. No caso do Socorro, essa experiência é compartilhada por ambos os sujeitos aqui eleitos, só que enviesando pela perspectiva de bairro como paisagem (como já exemplificamos mais acima em organogramas e croquis) e o outro na perspectiva de bairro como lugar, a ser exemplificado mais à frente.

Em um contexto de exemplificação pode-se afirmar que o imaginário completa a paisagem de Juazeiro do Norte e essa é significada conforme o sujeito que é ascendente neste espaço, esse é configurado nos bairros que têm a circunscrição geossimbólica, a exemplo do Socorro que é um geossímbolo e uma paisagem que faz parte do imaginário sobre o que é Juazeiro.

Esse imaginário segundo Berdoulay (2012) e Hiernaux (2012) é primado pelos sujeitos roteiristas das ações nas paisagens, pois esses com suas ações imaginárias conseguem ir além da construção historicamente conhecida sobre paisagem e sobre lugar, ou seja, a paisagem na sua forma imaginária é sentida, significada assim como transformada para além do formato concreto espacialmente falando, em outras palavras a paisagem não é só física, pois o físico mentalizado é também significado assim como

transformado por ações de cada um dos sujeitos que se envolve com a paisagem assim como no seu grupo social.

Isso fica claro ao interpelarmos um romeiro fora de Juazeiro, pois esse tem a capacidade de simbolizar e delinear ações imaginárias sobre a paisagem de vários bairros que faz parte do seu itinerário de fé. Em nosso caso, temos o Socorro como um dos principais bairros de Juazeiro do Norte, que forma paisagem imaginária da cidade, que se consubstancia para além do morfológico e estrutural, por vezes delineados de ações por atores com suas intencionalidades na elaboração do espaço bairro.

O bairro como parte da cidade seria então o espaço íntimo, imaginado assim como significado pelos sujeitos, dessa forma, os autores (TUAN, 1980; LYNCH, 1997; HALLEY, 2014a, 2014b) elegem este, como sendo o espaço de trocas e convivência, contextualizado sob a ótica do sujeito que tem seu imaginário ligado a duas instâncias principais: a imagem da cidade e sua condição de articular-se do bairro para o todo dela em si, sem que as essências de cada uma das instâncias sejam perdidas no contexto de articulação e capacidade de que o recorte do bairro tem de se entender endogenamente como signo da cidade socialmente produzido na esteira da acumulação histórico cultural.

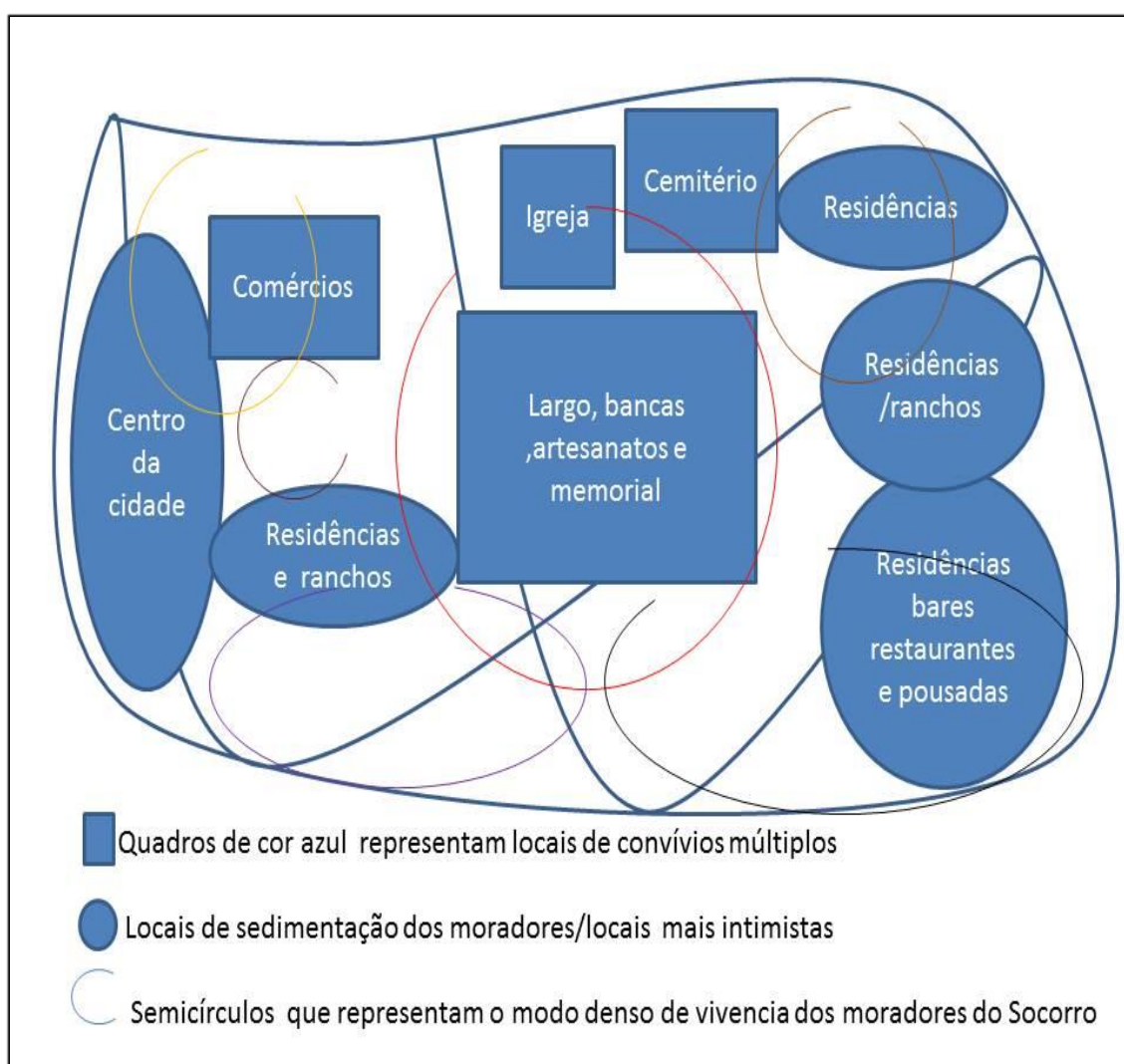
Nesta via vale aqui salientar o papel que o sujeito morador tem para a compreensão desse espaço enquanto fragmento em articulação na cidade, e estaríamos aqui nos imbricando para outras consolidações de análises do espaço geográfico do bairro do Socorro, promovendo-se assim considerações a respeito desse pelo viés do lugar e esse lugar seria do íntimo do morador local por si só caracterizando-se como o sujeito da sedimentação no fixo que influencia no cotidiano do bairro de modos diferentes aos dos romeiros já mencionados.

Ao chegarmos a essa consideração pode-se assim fazer pontuações contextualizando esses escritos sobre o bairro na perspectiva de lugar sentido e vivido, (TUAN, 1983). É importante elencar a condição deste como espaço vivido caracterizado por marcas ou vivências que são construídas por tais sujeitos em análises. Contextualizar as ações desse indivíduo no bairro é experimentar um conjunto de signos que suplantam todas as predefinições estabelecidas nesse como um simples recorte do espaço urbano da cidade. É preciso que saibamos compreender as relações sociais que são evidenciadas na perspectiva de lugar que esses recortes fornecem como objeto de estudo de grande valia.

Concatenado para algumas deliberações apreendidas a partir de entrevistas com os moradores, análises itinerantes da paisagem, pesquisas participantes, observações e conversas informais, poderíamos fazer aqui algumas considerações a respeito das acepções de lugar presentes no bairro do Socorro em Juazeiro do Norte, que estariam pautadas em pontuações apresentadas por esse sujeito e considerações autorais, essas estando mais no plano dos debates sobre a capacidade de lugar que o bairro nos leva a crer que tem.

Nesta perspectiva, apresentamos a seguinte ilustração abaixo para um diagnóstico prévio do bairro sob a perspectiva de lugar do morador com sujeito ativo no contexto deste recorte.

FIGURA 26- Representação do movimento dos moradores no lugar



FONTE: ARAUJO, Marcos A.G. Outubro de 2015.

Ao apresentar este croqui digital neste momento do texto pretende-se demonstrar de maneira simples o comportamento dos sujeitos moradores na sua concepção de bairro. Vale observar que essa constatação se dá por meio das entrevistas e empreitadas de campo no decorrer do trabalho.

Neste elemento o que se quer passar é que os moradores possuem dentro do bairro do Socorro ações mais densas e sedimentadas no espaço físico, produzindo dinâmicas mais consolidadas ao longo do tempo, assim como no processo de transformação do bairro e da cidade, em outras palavras, o que há de diferente no comportamento desse sujeito em relação ao sujeito romeiro é que esse, como se quer representar nos semicírculos possuem vivências mais elaboradas no contexto da cidade como forma presente em seu cotidiano, que está pautado pelas suas próprias ações como pelas ações dos romeiros, do estado e da Igreja, ou seja, esse tem sua vida cotidiana enrustada no lugar fazendo relações com agentes que se comportam de maneira exógena à vida do bairro do Socorro. A leve metáfora do semicírculo aberto quer demonstrar isso para quem ler.

Os semicírculos abertos representam ainda a vivência desses que se dá de maneiras mais orgânicas para com o lugar, ou seja, o seu bairro é substanciado por características que sugerem ao sentir, ao experienciar as dinâmicas, emergindo ou convergindo para o que se apresenta no bairro de tempos em tempos com as romarias que ali acontecem, ou mesmo no enclave das ações institucionais da prefeitura na figura de estado.

Como já mencionado antes, a condição que se coloca neste trabalho de entender o bairro pela figura do sujeito que detém respostas no lugar não encerra a capacidade que o morador tem de fornecer repostas pelo viés da paisagem; mais à frente tentaremos fazer algumas pontuações que levem nesse sentido, principalmente no âmbito de interpor as entrevistas de coletas de campo com algumas posições mais conceituais sobre paisagem e lugar e as suas possíveis intersecções.

É significativo observar que o lugar se consolida nas entrelinhas de entendimentos do sujeito morador enquanto agente atuante no Socorro, pois o mesmo constroi ao longo do tempo significados e sentimentos que vão além do religioso ou mesmo do geossimbólico, isso não quer dizer que esse sujeito não seja religioso como

os visitantes romeiros, pelo contrário esse morador é tão religioso quanto o romeiro, isso fica claro em alguns trechos de entrevistas em que esses dizem o seguinte:

“eu prefiro ir na igreja daqui do Socorro em dias que não tem romaria, em dias de romaria fica muito cheio, muito lotado é ruim, prefiro quando não tem pois a gente reza mais tranquila”, quando tem romeiros só vou no dia de encerramento. (*Grifos de entrevistados*)

No breve trecho pode-se destacar a religiosidade do morador para com o bairro, mesmo esse, por entrelinhas, se diferenciando do romeiro em seus momentos de oração nas dependências do bairro. É importante observar a carga de familiaridade e cotidiano que a sua fala exprime em relação ao bairro, principalmente no fato de que o evento da romaria não entra no sentido de excepcionalidade para esse sujeito, pois ele já vive na Cidade do Padre Cícero, ele já mora próximo ao seu túmulo, ou seja, o seu cotidiano é estabelecido ali nos por menores que o bairro apresenta enquanto recorte da cidade de Juazeiro do Norte. Assim, o sentido de espaço vivido e de lugar fica mais evidente na via de esclarecimentos sobre bairro nas dinâmicas empreendidas por esse sujeito (morador) do que para com os romeiros que são mais influenciados pelos aspectos geossimbólicos da paisagem do bairro.

2.2. Padrões de intersecções no bairro: os entremeios da paisagem e do lugar na multiterritorialidade

A partir das relações que se estabelecem no contexto de dinâmica do bairro Socorro é importante observar que há dentro dessa um contexto de sobreposições que muitos irão chamar de multiplicidade do espaço, isso levando em conta os agentes, os fatores, os sujeitos, as ações assim como as interpretações que há subjacentes sobre todo esse conjunto.

As características de sobreposições estariam imbricadas no contexto relacional que se estabelece entre os sujeitos e as suas ações no espaço no bairro do Socorro, ou seja, seria de certa maneira o contexto de intersecção entre os atributos do lugar com as nuances da paisagem, isso contextualizando a função que cada sujeito estabelece na dinâmica que cria os dois conceitos e suas capacidades interpretativas sobre o espaço geográfico.

Neste contexto do bairro do Socorro é significativo entender que o sujeito é por essência o desatador de nó no processo investigativo sobre o espaço geográfico, ele é

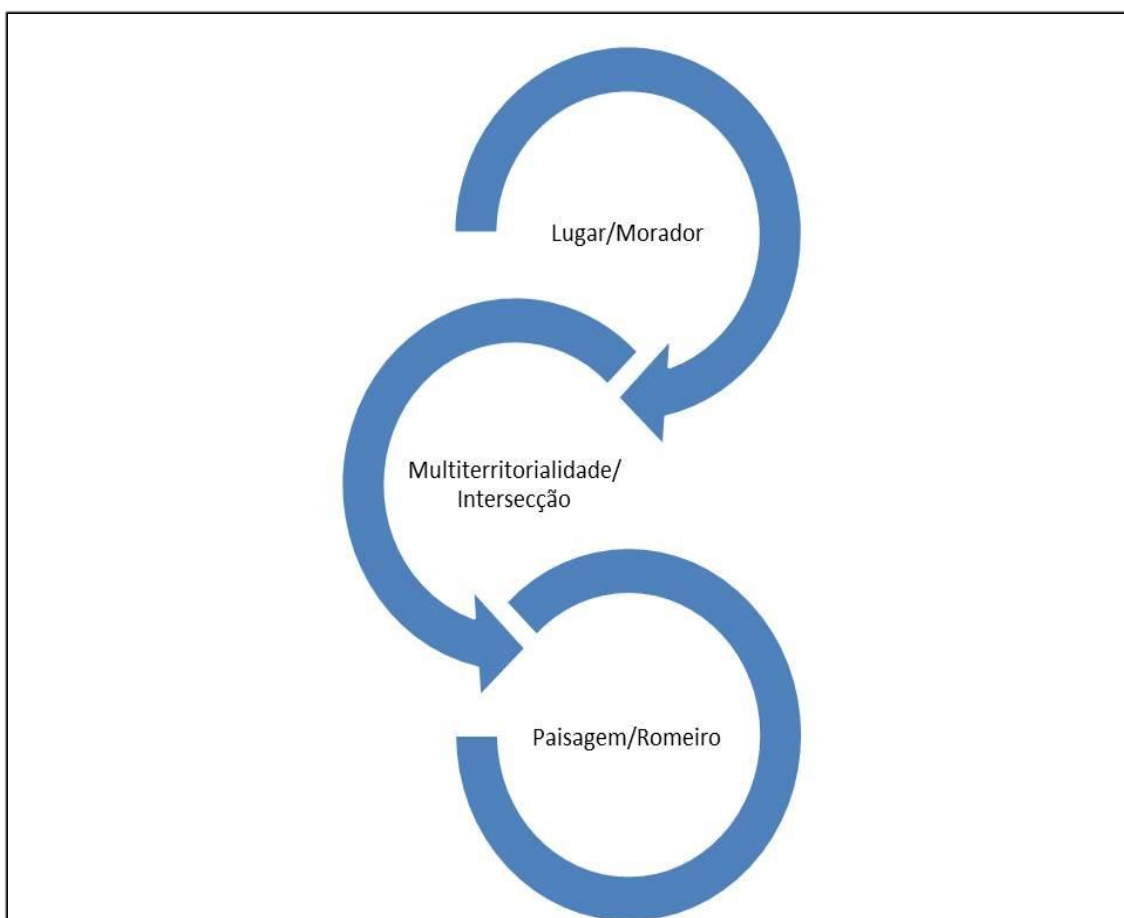
quem por excelência denuncia, revela, e desvela as normativas que subsidiam as interpretações do pesquisador, assim, vale observar que o conceito e sua capacidade de desvelar o espaço só existem quando esse tem a capacidade de ser significativo para os agentes e sujeitos que o produziu ao longo do seu processo de acumulação histórico e cultural.

No bairro do Socorro esses sujeitos, como já referenciado no tópico anterior, têm essa capacidade de dar o subsidio necessário para algumas indagações da pesquisa; nesta via é que podemos aqui afirmar que ao juntarmos as duas interpretações de mundos dos sujeitos da pesquisa conseguimos chegar ao ponto que aqui estamos chamando de sobreposições no espaço, porém para conciliarmos um aspecto científico com as interpretações de campo iremos fazer uso da conceituação de Haesbaert (2007; 2012) aonde o qual vem eleger tais caracterizações sobre a ótica da multiterritorialidade, perfilando um contexto de análises que suscitam relações entre sujeitos e suas dinâmicas sobre o espaço no qual esses se correlacionam em vias de consolidar o que estamos aqui chamando de multiplicidade no espaço.

Aqui se busca os entremeios do conceito de paisagem e lugar, e através desses podemos desaguar em interpretações da multiterritorialidade, porém é importante delinear que essa fala, assim como esse trecho do trabalho não anda sob o julgo da confusão conceitual, mais sim na tentativa de buscar a contribuição que o conceito pode dar para a interpretação da realidade do bairro do Socorro em Juazeiro do Norte.

Esse ponto vem ainda tentar fundir as duas visões interpretativas até agora debatidas sobre o bairro e com isso é importante evidenciar e construir não só o entrelaçamento de visões, mas também uma perspectiva conceitual sobre essas, isso na medida em que estas conceituações não se reprimam como em um campo de tensões, em vez disso é signficante que se confluam para a interpretação substancial da realidade, assim, nessas circunstâncias é que coloca-se abaixo neste organograma o exemplo mais prático evidenciado até o momento através das palavras:

FIGURA 27- Representação da intersecção entre sujeitos e seu referido conceito



FONTE: ARAUJO, Marcos, A.G. Outubro de 2015.

O exemplo acima tenta mostrar de maneira prática o que se quer explicar pela escrita. A intersecção mencionada aqui como multiterritorialidade se funda na complementariedade do espaço pelos conceitos que cada sujeito pode construir no contexto da sua contribuição. Ao se falar em multiterritorialidade estaria aqui se debatendo sobre noções em que os dois sujeitos são parte do mesmo espaço ou ainda se organizam da mesma forma no espaço, cada um criando suas interações com o bairro sem necessariamente entrarem em um contexto de tensão no uso e significação do bairro do Socorro.

Essa intersecção poderia ser pautada no uso do espaço público do bairro (no caso, o largo), ou mesmo nas dependências da Igreja do Socorro em momentos de orações durante as romarias. Esses dois exemplos são importantes do ponto de vista interpretativo na paisagem do bairro do Socorro, assim como pelo ponto de vista do lugar no qual os sujeitos moradores significam o bairro pela sua sacralidade ou mesmo pelos aspectos de singularidade desse, porém são dois exemplos que não estão imbuídos

de grande significação no espaço do bairro, pois o espaço público do bairro é muitas vezes subtilizado pelos moradores locais e a confluência dos dois sujeitos nas imediações da Igreja se dá de maneira tímida, não sendo tão visível nos períodos de romarias, tendo mais visibilidade nos dias de culminância do evento.

Neste conjunto de análise, vale salientar que o ponto máximo desse encontro entre os sujeitos romeiros e os sujeitos moradores se dá na aparição dos ranchos¹⁷ para romeiros, e esses locais são pontos em que podemos confirmar um encontro significativo entre o morador encrustado de sua “*lugaridade*” e o romeiro intrinsecamente ligado aos aspectos paisagísticos e às suas características geossimbólicas.

Nessas condições estaríamos em um local condicionado de multiterritorialidade no qual há uma significação de intimidade por parte do morador no âmbito do acúmulo de experiência e significação por parte do romeiro no sentido de comodidade e proximidade dos aspectos geossimbólicos do Socorro. Para o romeiro, a casa que o abriga seria na paisagem do Socorro só mais um ponto que o articula com os outros presentes no bairro e no restante da cidade, ou seja, o rancho se caracteriza apenas em mais um nó nas linhas reticuladas das ações que o romeiro promove. Porém, é de suma importância evidenciar o rancho como o ponto de encontro mais notável entre esses sujeitos que promovem a imagem do bairro enquanto parte da cidade, ou seja, o rancho que abriga o proprietário é o mesmo que abriga o crente advindo de longe.

Assim, vale observar que o Socorro estaria vinculado a aspectos essencialmente simbólicos para os sujeitos, de modo que esses contextualizam a multiterritorialidade essencialmente pelos aspectos afetivos e sentidos, constituindo-se no valor do “lar” enquanto abrigo independente do sujeito que esteja demarcando ou buscando apropriar-se do bairro seja esse o morador dono da *casa rancho*, seja ele o romeiro, que mesmo vivenciando o espaço de maneira sazonal a certo modo promove assimilações do ponto de vista afetivo principalmente quando esse busca uma centralidade ao contratar um rancho no bairro do Socorro.

¹⁷ Esses ranchos são caracterizados pelos moradores locais alugarem cômodos de suas casas ou elas por inteiros para os romeiros nos períodos de romarias. Essas casas se transformam em hospedarias improvisadas que em relação ao mercado formal de hotelaria apresentam baixo custo para os sujeitos ali instalados.

Desta feita, vale observar que esse é um espaço concebido e vivido por ambos os sujeitos no bairro do Socorro. O mesmo também é consolidado e socialmente produzido no conjunto da multiterritorialidade dos usos promovidos pelos sujeitos e dos aspectos do espaço-tempo-vivido (HAESBAERT, 2012) ora presentes nestes ranchos. Abaixo são mostradas fotografias que reluzem ao exemplo acima citado.

FIGURA 28- Casa oferecida como rancho para estadia de romeiros no bairro do Socorro



FONTE: ARAUJO, Isabela G. de. Setembro de 2015.

FIGURA 29 - Casa para oração por temporada para romeiros



FONTE: ARAUJO, Isabela, G. Setembro de 2015.

FIGURA 30- Romeiros na entrada de uma casa Rancho



FONTE: ARAUJO, Isabela A. Setembro de 2015.

As condições estabelecidas por estes dois tipos de sujeitos no Socorro são múltiplas e estão baseadas ainda na capacidade organizativa destes nas condições que o espaço apresenta. Essas capacidades estão voltadas para as características que o bairro exerce sobre a morfologia da cidade, no sentido do mesmo se condicionar em uma centralidade religiosa, se localizar próximo a uma série de serviços, assim como por ser tranquilo no ponto de vista do morador comparado com outros recortes da cidade.

Quando aqui falamos dessas condições perpassamos pelo sentido de compreender os atrativos que esse lócus da cidade tem, porém é importante observar que as mesmas entram aqui no sentido de fazermos menção superficial, pois no trabalho não é interessante o seu aprofundamento, pois isso o levaria para outras formas de pesquisar o bairro. Vale aqui observar que o tratamento dado ao analisar o Socorro se dá por meio do debate que vem sendo feito aqui pelo caminho da paisagem e os aspectos de lugar, ambos compreendidos nas perspectivas dos sujeitos neste mencionados.

As ligações entre os dois sujeitos já mencionadas aqui são, em partes, decorrentes destas disposições que o bairro apresenta. É importante entender que mesmo os dois sujeitos sendo entendidos de maneiras diferentes esses são, de certo modo, condicionados no bairro por tais características acima citadas. Esse condicionamento não os faz de fantoche das dinâmicas e das intensões de outros atores ou mesmo sujeitos.

Na via que se quer chegar aqui, subtede-se que, por mais que os sujeitos sejam protagonistas de seus papéis, ou seja, escritores do seu roteiro na paisagem ou no lugar, os dois são ainda influenciados por condições e intencionalidades de terceiros, isso não quer dizer que ambas sejam capazes de mensurar ações destes sujeitos no Socorro, porém é signficante compreender que eles não estão inertes a elas e tampouco elas a eles. Tanto as condições e intencionalidade de terceiros exercem força sobre os sujeitos como esses exercem força sobre elas. Um exemplo claro disso é a religiosidade católica estabelecida pela igreja enquanto instituição e à assimilação que o romeiro tem sobre essa na organização do bairro do Socorro, ou seja, esse bairro recebe esses sujeitos que dinamizam sua paisagem por que lá existem condições preestabelecidas por essa instituição.

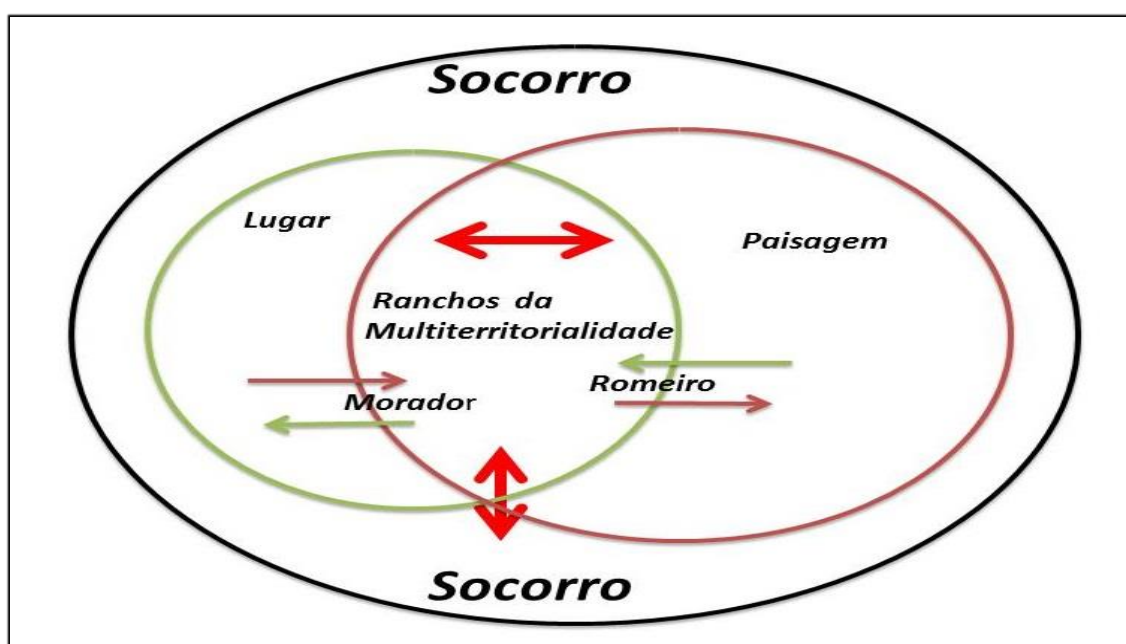
Essa característica é outra importante que revela mais aspectos de multiterritorialidade, pois no mesmo espaço do bairro temos ao mesmo tempo

impressões de dinâmicas variadas e marcas significantes, desta forma não se pode ser ingênuo neste tipo de análise e dizer que a interpretação que aqui buscamos é única e verdadeira em sentido absoluto. Essa conclusão se confirma por vias que nos levam enquanto pesquisadores por linhas diferentes, haja vista o exemplo acima já citado que se refere a outras possibilidades de análises.

As interseções são, em muitos casos, reveladas na dinâmica do Socorro por suas condições de se confluírem para aspectos que levam para um entendimento integrado do espaço. É importante ter ideia de que esse entendimento integrado tem que ser norteado pelo inteligível, pois o mesmo é que possibilita o discernimento significativo da realidade com seus fenômenos, sejam eles integrados e confluindo em rota de tensão ou mesmo em completo antagonismo, mas se constituindo no mesmo espaço-tempo.

Voltando para o viés de entender os ranchos para romeiros no Socorro como ponto de interseção entre paisagem e lugar é importante conduzir entendimentos que são baseados sob a prerrogativa que se constroem no espaço do bairro e essas são estruturadas nas atitudes que os sujeitos configuram nesse lócus, assim é importante construir um ideário que se forma nas dinâmicas do Socorro, que de antemão é marcado por um processo que normatiza as caracterizações aqui relatadas ao longo do trabalho. Neste sentido, vale observar:

FIGURA 31- Diagrama que representa a significação dos sujeitos no bairro



FONTE: ARAUJO, Marcos. A. G. Novembro de 2015.

O diagrama acima exemplifica a dinâmica comportamental dos sujeitos romeiros e dos sujeitos moradores na significação do bairro a partir do seu ponto de interseção ora mencionado (os ranchos). As entrelinhas apresentadas mostram o movimento de entrada e saída no campo de entendimento um do outro, e esse movimento é criado na tentativa de caracterizar o bairro do Socorro como um sistema integrado, mesmo que esses sujeitos diferentes introduzam ações díspares ou mesmo ações que coincidam, como é o caso do exemplo.

As setas acima, que apresentam-se em paralelo e em cores diferentes, podem ser entendidas no sentido que representam o encontro dos dois sujeitos no Socorro. Esse encontro é sugerido no aspecto das trocas que os dois promovem ao se encontrarem, e fica evidente quando da prestação de serviços pela figura da dona do rancho na dinâmica do bairro. Essa é também moradora desse bairro, ou seja, ela está reluzindo uma nova faceta na dinâmica local interagindo diretamente com o outro sujeito que até então só se encontra de maneira esporádica com o morador em geral do bairro.

Essa capacidade de se constituir através de facetas diferentes conflui mais uma vez para o fato de enquanto pesquisadores não vemos os objetos, os conceitos, e os sujeitos isoladamente e absolutos em sua forma e essência. É preciso construir entendimento que suplantem as visões mitigadas sobre esses, pois os mesmos ao se metamorfosearem no espaço são promotores de variáveis diferentes no contexto interpretativo do espaço e isso no Socorro, com todos os exemplos aqui já dados, apresenta-se bastante significativo.

O julgo da interseção destes sujeitos, aqui chamada de multiterritorialidade, é em suma uma elucidação no contexto do Socorro que perpassa as dinâmicas institucionais e formais, ou seja, elas existem independentemente das condições preestabelecidas por essas instâncias acima citadas. Essa intersecção se faz pela ação conjunta do dois sujeitos que, neste caso têm sobre suas ações o mínimo de interferência exógena, para não falar que essa ação de encontro é totalmente livre desse caráter. Vale aqui ressaltar que o encontro ocorre pela periodicidade das romarias, mas não necessariamente esse se dê sob direcionamento da igreja como instituição.

O rancho, nesse diálogo estabelecido no bairro do Socorro é o lugar do morador se tornando o lugar do romeiro. Ele é também a paisagem do romeiro marcada em pontos e como ponto que se transforma em paisagem para o morador haja vista a função

que o território da casa exerce na dinâmica do recorte, afinal, o rancho de romeiro é uma marca na paisagem, é uma forma que se consolida enquanto algo concreto baseado em um acúmulo histórico e cultural.

A mensuração dessa dinâmica por este contexto intercalar e de múltiplos espaços calcados em sentidos diferentes assim como significado de diversas maneiras é um contraponto que se incrusta na “multi-escalaridade” (vivências de vários papéis), que se inscrevem nas migalhas de espaços e que se comportam como descontínuos (HAESBAERT, 2012), haja vista as temporalidades das romarias que nesse bairro ocorrem, ou mesmo a breve mutação que sofre o morador que passa a locar a sua casa para o atendimento dos visitantes do bairro ora analisado, afinal ele como seu corpo pode também ser entendido numa dimensão escalar, na qual o seu corpo e a sua performance ou ação se fazem nas relações e concepções exógenas a si mesmo, complexificando as suas demandas e relações no bairro.

As facetas que o bairro apresenta nas suas entrelinhas estão dadas, e todas essas tentativas de entendê-las são empreitadas baseadas principalmente em observações de campo, que são substanciais para que sejam percebidas todas as relações estabelecidas pelos sujeitos, pelas instituições, assim como pela prefeitura no seu papel de estado.

As sobreposições de relações presentes na dinâmica do bairro Socorro, como já mencionado antes, é acúmulo cultural presente na paisagem e no lugar, que em um estabelecimento resultam em outras concepções do espaço do bairro como lócus dos sujeitos, os quais neste trabalho são vistos como especializados na constituição analítica do Socorro.

Em suma, pode-se entender que por mais que o sujeito seja especializado na construção analítica (de modo que se usa um conceito para entender suas ações) do bairro, ele enquanto agente do espaço vivido produz relações como acima exemplificada, e não se comporta como um na transformação ou significação do bairro, pois por mais que tenham papéis definidos esses se refazem conforme a suas necessidades ou lógicas preestabelecidas no Bairro.

É significativo entender que essa lógica está na sua condição de sobreviver no espaço do bairro, de significar as relações que esses estabelecem assim como de criar novas empreitadas no construto diário do bairro do Socorro. Então, o que se vê na

relação estabelecida entre os sujeitos no bairro do Socorro em Juazeiro do Norte é a condição de um sujeito ser capaz de se metamorfosear no bairro conforme sua capacidade assimilativa, ou seja, o morador que se transforma em locatário de espaços para romeiros ele assim o faz por que é de sua vontade, portanto sua relação estabelecida com os sujeitos romeiros cria novas perspectivas do espaço do bairro, como já exemplificado aqui o caso da multiterritorialidade.

A junção desses dois sujeitos é produzida também em uma relação de troca comercial se configurando na oferta de um serviço e de sua procura em momentos de romarias. Vale observar que este serviço se estabelece não só no bairro do Socorro, podendo ser encontrado também em outros bairros nas adjacências, como é o caso do Centro, da Matriz e dos Salesianos. O serviço se constroi na informalidade, sendo estabelecido o combinado entre as partes envolvidas, no caso os romeiros e os moradores proprietários das casas a serem locadas.

O que se entende nesta conjuntura é que este é o momento de encontro mais significativo no bairro entre os dois sujeitos, configurando a sobreposição de usos do mesmo espaço, assim como construindo territorialidades não conflituosas. Vale observar que essa interseção aqui já chamada de multiterritorialidade dos sujeitos, não é induzida pela ação do estado (no caso, a prefeitura) ela se produz nas necessidades dos romeiros que têm uma demanda que exige baixos custos.

No caso, pode-se observar que a falta de políticas de acolhimento aos romeiros ao longo do processo histórico formativo do bairro do Socorro, assim como da cidade de Juazeiro, essa falta promoveu o aparecimento destes estabelecimentos informais na sua morfologia enquanto cidade. Abaixo podemos observar imagens de como funcionam esses ranchos para romeiros.

FIGURA 32- Romeiros em momento de descanso em um rancho no bairro do Socorro



FONTE: ARAUJO, Isabela, G. Novembro de 2015.

FIGURA 33 – Jovens romeiros próximo a uma pousada rancho



FONTE: ARAUJO, Isabela, G. Novembro de 2015.

As fotografias desses espaços revelam o tamanho da interação desses sujeitos em pequenos espaços com grande ocupação. Como já mencionado no tópico anterior em uma entrevista feita com um romeiro, o rancho é muitas vezes preferido pelos romeiros

por que fica próximo ao evento da romaria, assim como bem imediato a uma das principais centralidades do fenômeno em Juazeiro do Norte (a capela do Socorro), ambiente que é ainda escolhido pelos romeiros pelo baixo custo, isso levando em comparação à rede hoteleira da cidade.

Mesmo essa forma de estadia em Juazeiro sendo mais econômica, ela muitas vezes infla de preços como também observado em falas e conversas com romeiros, pois os donos visam maximizar os lucros com a grande procura que se dá nas romarias que tem o bairro como maior foco, no caso a Romaria das Candeias, que vai do final de janeiro e culmina no dia dois de fevereiro, e a Romaria de Finados, que vai do final de outubro culminando no dia dois de novembro.

O que se percebe com essas informações é que o bairro do Socorro ganha mais essa via de entendimento de suas dinâmicas que se baseia na interação dos sujeitos que significam o bairro. Tal característica registrada nesse encontro entre os dois sujeitos pode estar de certa maneira com um latente enfraquecimento à vista, já que o estado juntamente com a prefeitura finaliza a obra do centro de apoio ao romeiro, no qual visa o melhor recebimento possível dessa clientela em suas instalações com serviços diversos e quartos que apontam para o conforto desses romeiros na cidade de Juazeiro do Norte.

Essa ação pública vai ser detalhada um pouco mais no terceiro capítulo deste presente trabalho, pois iremos dedicá-lo às ações públicas na paisagem do bairro, porém vale salientar que o foco principal dessas ações é o bairro do Socorro, tendo em vista que o equipamento acima citado fica no bairro da Matriz. É importante fazer aqui o chamamento para essa obra porque a mesma pode fazer interferências significativas na característica do Socorro em épocas de romarias, pois essa obra é um exemplo prático do que estamos aqui chamando de ações exógenas ou mesmo movimentos multiescalares entre o bairro e o restante da cidade, ou seja, o bairro não está em isolamento na cidade, se fazendo entender a partir de outros por meios diversos a exemplo do Centro de Apoio podendo ser um divisor de águas na aparição ou desaparecimento do rancho no bairro do Socorro em épocas de romarias na cidade.

Ainda sobre este viés, o centro de apoio ao romeiro pode não ser suficiente para encerrar as demandas por estadia em Juazeiro do Norte em épocas de romarias, não alterando em muita coisa as caracterizações aqui elencadas ao longo do tópico sobre o

bairro do Socorro, seus sujeitos e suas intersecções aparentes. Essa premissa se dá no sentido do grande número de romeiros que a cidade recebe em cada ciclo de romarias, ou seja, a oferta do equipamento ora citado pode não ser suficiente para suprir as exigências dos romeiros por acomodações nos períodos festivos das romarias.

De todo modo geral, o que se entende é que a interseção que existe entre os sujeitos no bairro do Socorro aparece mais forte com os ranchos, mas estes assim como os próprios sujeitos não estão isolados no bairro, ou seja, as relações que existem entre o bairro, a cidade, os sujeitos e ações institucionais estão interligados significativamente, com essas não se constituindo de maneira fixa e elementar no espaço do Socorro.

Observa-se assim que as relações estabelecidas por esses estão no campo da volatilidade (termo esse já mencionado para a paisagem), se confluindo conforme as demandas, as dinâmicas ou mesmo as tensões existentes na paisagem e no lugar, em outras palavras, no caminhar desses sujeitos, das suas ações e das instituições, assim como o estado há caracterizações que levam para dinâmicas que se adaptam com as condições do bairro e da cidade de Juazeiro do Norte.

Todas as ações promovidas por estes agentes e sujeitos acima citados são originários de demandas que foram criadas e estão sendo criadas pela sociedade que atua em conjunto indissociável, mesmo que em muitas situações apresentem-se em pares dialéticos ou em confluência na criação, transformação ou significação do espaço da cidade ou mesmo do recorte bairro.

2.3 - Discursos sobre o construto urbano, formas de organização e imaginários sobre o Bairro Socorro: do singular da paisagem às tramas das entrelinhas

O tópico anterior deste trabalho vem fazer um alerta significativo quanto ao caráter de entendimento de uma realidade como a do bairro Socorro, em Juazeiro do Norte. Esse caráter tem que ir além do que está colocado como verdade, no sentido de produzir condições importantes no rumo da investigação científica, para que essa venha fluir além das formas e dos discursos sobre a paisagem que normatiza o bairro ou a cidade.

Essa revelação aqui comentada está no sentido de entender o bairro além das romarias que ocorrem na sua centralidade, ou seja, a romaria está além da igreja, pois

ela está no rancho, ela está na pousada, no abrigo ou no ônibus que chega com o romeiro e fica fazendo parte da paisagem ou mesmo no comércio em torno de todo esse evento.

A construção de um discurso assim como de uma imagem geral de um bairro ou de uma cidade é elementar a uma prática rotineira no campo da interpretação científica, porém no contexto do Socorro é preciso que se observe a capacidade que o bairro tem de apresentar elementos que quebram uma noção de aspectos comuns sobre essa espacialidade. Desta feita, é preciso dentro dessa discursão suplantar a maneira comumente usada de interpretar a paisagem do bairro do Socorro, no sentido de sairmos da zona de conforto, dando voz somente no centro das ações que são latentes nesse bairro.

É preciso perceber que há outras ações importantes necessitando de interpretações, haja vista os mencionados ranchos para romeiros que não são tão evidenciados no discurso sobre o bairro. É preciso que a noção de imagem sobre o bairro permeie estes recantos esquecidos, pois só assim é que se pode criar condições de visibilidade para todas as formas presentes no Socorro, assim como todas as significações que estão vinculadas a ele, pois a romaria como um evento de cunho popular tem que ser entendida sobre essa égide. É obvio que a Igreja, enquanto instituição formal que é não perde o seu papel perante o movimento, mas é preciso dar voz a outras ações ou acepção que se fazem no bairro do Socorro e que se condicionam como importantes também.

As imagens e os discursos cunhados sobre o bairro têm que ir além das formas e instituições tradicionalmente conhecidas, isso é legitimar parte que por alto é sempre esquecida quando o assunto é significar o bairro com seus atributos e características. Assim, se faz importante eleger, por exemplo, o rancho de romeiros como uma marca elementar do bairro e que muitas vezes passa meio que despercebida, eleger e dar visibilidade as essas imagens no Socorro é tão importante quanto dar voz às imagens geossimbólicas já tradicionalmente conhecidas.

O que se observa é que essa marca (BERQUE, 2012) na paisagem, por caracterizar-se como simplória é esquecida no discurso midiático e paisagístico. Esse fato pode ser condicionado por vários fatores, mas não cabe aqui elegermos isso nessas linhas, pois esse debate seguiria por outras vertentes do que buscamos aqui, sendo

assim, entende-se que é a imagem ou a marca que é o rancho, não pode ser negligenciada enquanto geossímbolo na paisagem do Socorro, pois esse é constituído de sentidos e significados no bairro, como evidenciado na fala abaixo de um romeiro de Alagoas quando perguntado sobre os aspectos importantes no bairro.

*P- O lugar, esse bairro, é importante pra o senhor? Na cidade, é aqui onde começa, eu sempre venho aqui nessa igreja, tem que vim logo **quando eu cheguei, tinha uma turma que chegou comigo a umas trinta brasa, ali onde tava arranjando num deu pra nós, que uma família** num queria ficar ai fumos lá pra baixo pra outra lá perto da matriz.*

No trecho acima citado da entrevista, destacamos em negrito o momento em que o romeiro, dentro de sua fala, dá ênfase ao espaço do Rancho (quando ele fala “a trinta brasa” ele está se referindo ao rancho que se localizava nas proximidades de onde conversávamos) se referindo com certo saudosismo por não ter ficado arranchado no espaço a que se referia. Mesmo que de maneira superficial, observa-se a importância que tem os ranchos para os romeiros que se hospedam nas proximidades da capela do Socorro. Destaca-se ainda nesse breve trecho que o rancho no contexto do Socorro é uma referência importante para estes sujeitos.

As condições de hospedagem ou mesmo os preços cobrados pelos donos das casas/rancho não são destacados aqui por enviesar mais uma vez em outras vertentes, que não é da intensão do trabalho a sua abordagem aqui. O que se quer dando destaque a este elemento na paisagem do Socorro é condicioná-lo como integrante importante dos atributos morfológicos da paisagem do bairro, como os outros já destacados aqui durante toda a nossa fala, ou seja, os ranchos como parte da complexa condição de paisagem do bairro do Socorro, assim como pelas suas capacidades de ser interpretado como o lugar de interseção entre o romeiro e morador, se constitui importante no transcurso de marca no bairro, e é preciso fazer dela parte importante de um discurso sobre o Socorro. Dar voz a todos os elementos geossimbólicos do referido bairro é significativo, mesmo que esse não se caracterize no âmbito do sagrado no bairro ou no institucional.

A pesquisa ora aqui relatada não visa dar receitas prontas sobre os aspectos que configuram a paisagem e os lugares do Socorro, mas o debate acerca dos ranchos como elementos geossimbólicos é importante. Esse debate poderia ser baseado no âmbito de enquadrá-los em ações e políticas públicas que visassem um substancial atendimento ao

romeiro com parcerias entre os sujeitos e os agentes envolvidos nos contextos de romarias.

Este debate poderia ganhar outros rumos que levariam pelo caminho da patrimonialização destes espaços no bairro do Socorro e na cidade de Juazeiro do Norte, pois os ranchos são signos que pertencem à cidade e que em pouco tempo pode se encontrar em vias de extinção ou desaparecimento total. Se esse argumento tem validade, só debate acerca do mesmo é quem vai dar as condições de enquadramentos dos ranchos nestas características apresentadas acima.

As entrelinhas e tramas estão apresentáveis no Socorro, essas merecendo interpretações sobre si e neste caminho interpretativo precisando de debate, e esse construirá condições em que evidenciará se tais afirmações feitas acima podem ser tidas como importantes do ponto de vista institucional.

Na capacidade de se constituir como imagem significada na paisagem para o romeiro, o rancho já se caracteriza substancialmente e neste sentido todas as propostas de visibilizá-lo no Socorro encontram-se na esfera de promoção do discurso que se pode empreender sobre a paisagem do bairro, esse por sua vez deve ser entendida no campo de preservação do bairro como acúmulo histórico cultural de Juazeiro do Norte, haja vista as várias intervenções do poder público que o Socorro sofreu nos últimos cinquenta anos.

Essas intervenções se deram em análises superficiais sem se levar em consideração inúmeras questões importantes como, por exemplo, a destruição de patrimônio arquitetônico e cultural dos imóveis, as remoções de moradores para que essas acontecessem e entre outras deliberações indevidas que ocorrem nas reformas que se sucederam no bairro do Socorro ao longo do tempo.

Desta forma, é importante considerar o construto orgânico da paisagem do bairro no sentido de que não deve deixar elementos importantes de fora, como é o caso dos ranchos. A importância desse elemento se dá nas vias em que o mesmo se condiciona como geossímbolo e se apresenta para o romeiro como forma de contato direto com as sacralidades do Socorro e os serviços do Centro, ou seja, essas marcas significadas produzem para os sujeitos que necessitam delas inúmeras situações de articulações com as dinâmicas do bairro e da cidade, nas quais o mesmo ao usar um ambiente como esse

passa a ser um sujeito ativamente apropriado da condição que é a cidade e seus elementos para os diversos sujeitos que nela vivem, convivem ou buscam transcendências espirituais nos períodos de romarias.

Essa seria a significação de lugaridade que o espaço ganha pela perspectiva dos romeiros, porém sem que esses percam a sua essência primordial, que é sua condição intrínseca de vivenciar a paisagem do bairro em pontuações de maneira reticulada para com os geossímbolos nela presentes, em outras palavras, até mesmo a lugaridade criada pelos romeiros (ao se estabelecerem em um rancho) é articulada como geossimbólico do ponto de vista prático em que esse se condiciona mesmo que significado pelo cerne de familiaridade como uma marca que se relaciona com os outros elementos do bairro ou da cidade em geral.

Nesta via, vale aqui observar também que há de maneira perspicaz um imaginário sobre a cidade, suas paisagens, seus lugares ou geossímbolos. Esses são acúmulos culturais de um determinado grupo, e esse imaginário se faz parte imanente dos sujeitos que criam as condições necessárias para isso, principalmente no sentido de materialidade que esse imaginário tem, ou seja, o imaginário passa a ser parte significante da materialidade visto que os sujeitos têm a capacidade de subsidiar tal performance na elaboração dessas nuances para a construção social e cultural que é a cidade.

Seguindo essa via, é importante observar as colocações de Berdoulay (2012) e Hiernaux (2012), que elegem pontuações sobre quão é ligado o imaginário do sujeito com a perspectiva de lugar e também as dimensões que esse imaginário possui na cidade e sua capacidade de se materializar conforme as condições eleitas pelos sujeitos que assim o fazem conforme suas emergências enquanto ser social. Em outras palavras, os ranchos de romeiro têm tamanha importância na paisagem do Socorro tanto quanto outros geossímbolos presentes nela.

O Socorro, em Juazeiro do Norte, com suas paisagens e seus aspectos de lugar e sua importância, não importando para qual sujeito se condiciona também sobre essa vertente imaginária do espaço, isso pela normativa que sua morfologia oferece, que em grande maioria é ligada ao sagrado da religiosidade católica e ao significado que essa tem enquanto lócus de peregrinação e romarias durante partes do ano.

Essa noção imaginária se coloca como estruturante nas ações do romeiro como sujeito, pois esse faz questão em seus ritos de subsidiar construto sobre tais dinâmicas, haja vista as observações feitas em entrevistas¹⁸, nas quais esses sujeitos fazem questão de levar um imaginário de Juazeiro para os romeiros que não podem vir em alguma oportunidade, ou seja, ele leva a materialidade em sua capacidade imaginária, fazendo com que o romeiro que não veio crie o seu imaginário sobre o espaço do bairro da cidade e dos geossímbolos.

As entrelinhas dessa espacialidade do bairro são dadas como texto que tem que ser interpretado no seu dia a dia e essa interpretação não pode ser construída em vias de superficialidades, pois os sujeitos com suas ações promovem aspectos densos sobre a paisagem e o lugar, haja vista essa capacidade que o romeiro tem de criar condições imaginárias para as formas geossimbólicas do bairro do Socorro ou da cidade. Essa assimilação promovida por esse não se constroi no cerne da simplicidade, é preciso o entendimento do sujeito na sua ação contínua no espaço geográfico.

Essa sua ação é configurada de um conjunto de tramas que são elaboradas nos entrelaçamentos que ele promove enquanto sujeito ativo na cidade de tempos em tempos. Vale observar que mesmo essa ação do romeiro sendo sazonal, ela não se capacita como mesmo densa em relação ao sujeito morador do bairro. Cada um prove a densidade de uso e significação do bairro a seu modo, sem que nenhum sobreponha ou mitigue um ao outro, o que há como já elencado neste texto, é um construto de multiterritorialidade que se baseia nas múltiplas ações que tais sujeitos exercem no bairro do Socorro.

Essas são interações que se procedem nas relações que os sujeitos conseguem subsidiar na organização espacial do bairro e nas pontuações que são construídas conforme os significados estabelecidos por estes dois no espaço do bairro do Socorro,

¹⁸ **O que o senhor acha importante para o romeiro visitar aqui na região do Socorro?**

R: *É tudo por tudo por que quando o romeiro vem a intensão dele é visitar tudo por tudo quanto ta feito aqui pra quando alguém pergunta ele ter o que contar né, se ele chegar ele num visita ele num passeia ele num conversa com a pessoa daqui nascido e criado aqui ou de fora que vem visitar então se ele num tem o que contar.*

O senhor leva uma imagem de Juazeiro para quem não veio?

R: *É pra quem não vei eu sempre aviso pra turma que num veio e ver a gente contar e tem aquela vontade de vim.*

em Juazeiro do Norte. Desse modo, é importante evidenciar que o imaginário se condiciona como um discurso sobre o recorte do bairro, esse não se restringindo somente ao Socorro, mas também se elevando a outras porções da cidade, já que para o romeiro ou mesmo para o morador, o sagrado em Juazeiro do Norte não se restringe somente a tal espacialidade.

Vale observar que as tessituras da cidade e do bairro são eleitas a partir do sagrado que se configura na cidade em torno da religiosidade emanada do patriarca da cidade, todos os sujeitos, todas as transformações na cidade em prol do sagrado ou mesmo a condição que Juazeiro se encontra hoje, são heranças deste fenômeno iniciado no final de século XIX para início do século XX.

É importante evidenciar que o sagrado a certa maneira é quem veio formando todas as tramas e tecidos da cidade e em consonância, o bairro do Socorro. Hoje as dinâmicas na cidade vão além do religioso, porém por grande parte da história os movimentos de romarias formaram o carro chefe do desenvolvimento de Juazeiro do Norte.

Se formos fazer uma análise geral da cidade de Juazeiro e seus bairros da formação inicial (como é o caso do Socorro), todos esses espaços são dotados de sentido religioso e se coadunam para as configurações pautadas na manifestação da romaria e seus sujeitos envolvidos. Tomando como base a hibridez do espaço, vale salientar a importância da sobreposição do mesmo na cultura da religiosidade popular e sua inserção através da sacralidade formal instituída pelo ente religioso ou a sacralidade informal instituída por costumes e práticas passadas de geração em geração se caracterizando como religiosidade popular, a exemplo disso, pode-se citar o caso dos beatos¹⁹ e das cantadeiras²⁰ presentes nestes espaços.

Pode-se, desta forma, afirmar que a religião vive dentro do espaço, no entanto, ela produz e reproduz espaços geográficos, bem como, institui um conjunto de relações e cria territorialidades, paisagens e lugares, condicionando transformações sobre todas

¹⁹ Homens trajando vestimentas longas com indumentárias como cruz, rosários e cantando em meio às multidões ou nas igrejas.

²⁰ Mulheres que cantam ladainhas no entorno dos locais de devoção em Juazeiro do Norte. Seus cânticos são sempre fazendo menção aos milagres atribuídos ao Padre Cícero ou aos envolvidos nos eventos históricos, como é o caso da Beata Mocinha (ou Beata Maria de Araújo).

essas dinâmicas do espaço, estando essas ainda entendidas como nuances do religioso no espaço, independente dessas serem vistas sob o aspecto comercial, econômico, sagrado ou popular.

As entrelinhas e tessitura do espaço do bairro do Socorro se fazem na essência da religiosidade de modo que todas as relações que os sujeitos estabelecem no bairro sacralizado, (seja no Memorial, na igreja do Socorro, ou nos ranchos) são promotoras das multiterritorialidades. Neste sentido, pode-se entender que as configurações estabelecidas por esse fenômeno promovem a uma:

Territorialidade religiosa, por sua vez, significa o conjunto de práticas desenvolvidas por instituições ou grupos no sentido de controlar um dado território. Sendo assim, a territorialidade engloba, ao mesmo tempo (fixo) e os itinerários que constituem seu território (ROSENDAHL, 2010, p. 195).

A manifestação religiosa entreposta no espaço é constituída por questões que permeiam o jogo de poderes existentes entre os sujeitos produtores deste, mesmo que esses sejam complementares e não disputem espaço no bairro, como é o exemplo do Socorro como seus moradores, romeiros e por algumas vezes as ações públicas.

A manifestação insere-se de modo fundamental para o desenvolvimento do espaço em que ela aparece com relevância e, neste sentido, as práticas que a conduzem promovem uma série de conectividades de reprodução da identidade sobre o espaço do bairro a partir da cultura da religiosidade, sendo importante observar que nos espaços dinamizados religiosamente deságuam em uma única direção, de maneira que até as ações da prefeitura na figura de Estado estão permeadas na busca de funcionalidade para este fenômeno entendido no contexto de evento, seja com a intensão de promovê-lo ou de produzir suporte com ações territoriais para que esse se difunda com mais fluidez no cotidiano do bairro ou da própria cidade.

Essa é a condição principal da política pública e dos ententes governamentais em cidades assim caracterizadas, que são conduzidas por uma série de demandas criadas pelos sujeitos romeiros. Vale observar que os equipamentos e ações podem ser assimilados pelos moradores, de maneira que essa ação política vai além do seu propósito inicial.

Todos estes contextos aqui eleitos são tramas do texto paisagem do bairro que é incrementada de enredos interpretativos que se consolidam na elaboração da malha urbana que é Juazeiro do Norte e seus bairros de formação inicial, como é tomado aqui,

o bairro do Socorro com sua condição de bairro geossimbólico, com seus elementos importantes para as manifestações romeiras.

O que se busca nestas linhas é um debate orgânico tal qual é o bairro, de modo que não seja mitigada a organicidade que se dá neste recorte da cidade de Juazeiro do Norte. As relações que os sujeitos promovem não podem ser deixadas de lado ao se debruçar sobre um espaço como esse, assim como as significações que esses elegem na paisagem e no aspecto de lugaridade existente sobre esse, pois só levando todos esses aspectos em consideração é que se pode entender o diverso que é uma realidade de um bairro em uma cidade, que mesmo dentro da sua complexidade ainda promovem refletância em relação a outros pontos da cidade se constituindo ainda mais diverso e dinâmico quando se fala das relações escalares que esse exercer com o resto da cidade.

As configurações que se refletem sobre o bairro se fazem no conjunto das dinâmicas sociais e culturais, e essas são relações que se implementam em um contexto de hibridismo no qual os sujeitos, suas ações, a prefeitura e a igreja se coadunam na elaboração, transformação e significação do bairro e sua condição geossimbólica de religiosidade.

O Socorro tem que ser ainda entendido além do recorte formal do bairro presente em um cartograma da cidade, pois ele se faz além dessas demarcações que se implementam na jurisdição da cidade. Esse se faz além de si enquanto bairro, pois nele permeia a função exercida como centralidade que promove parte do fenômeno de romarias existentes na cidade de Juazeiro Norte. Em um sentido mais amplo podemos evidenciar que o bairro é parte de uma imagem geral da cidade, ou seja, uma “metonímia da paisagem” (MACIEL, 2005: 2009) da cidade quando se fala em religiosidade ou romarias.

Essa metonímia aqui elencada estaria voltada no sentido de que o Socorro ao entrar em um discurso, seja do sujeito morador, seja do sujeito romeiro ou mesmo no da prefeitura visando a promoção de Juazeiro, o mesmo estaria sempre na condição de ser eleito enquanto imagem que representa parte de um todo da cidade.

Nesta perspectiva é que ao se eleger os aspectos paisagísticos do bairro como metonímia é importante entender que o rancho como parte de sua morfologia e significada por ambos os sujeitos também tem que ser levado em conta, principalmente

pelas ações promovidas pelo poder público, pois só assim é que essa condição, que de certa maneira é argumentativa, estaria sendo capaz de dar importância para esses elementos relevantes na paisagem do bairro indo além das metonímias tradicionalmente promovidas no Socorro.

A significação para os romeiros que são os sujeitos diretamente envolvidos já está dada na realidade, é preciso que essa seja incrementada de ações públicas visando não só a elevação do rancho como parte da paisagem do bairro e dos discursos proferidos sobre esse, mas também na melhoria das condições que esses apresentam. A sua colocação em visibilidade no construto do bairro tem que ir além da simples noção de casa de morador, pois na existência de uma transmutação ele perde o sentido elementar de ser casa no/do bairro.

Essa ideia é constituída no contexto da paisagem volátil. Por si só o rancho não é uma paisagem, mas sim um geossímbolo volátil presente nela, ele se condiciona volátil por se constituir dentro dessa dinamicidade de se transformar de tempos em tempos como a dinâmica do bairro em geral. Estaríamos aqui falando de um geossímbolo volátil que é dinamizado pelo romeiro e significado tanto pelo morador proprietário da casa quanto pelos visitantes que usufruem da casa enquanto rancho nos períodos de romarias.

O construto do bairro na cidade tem que eleger todos os seus aspectos importantes. Não se pode negligenciar alguns elementos em detrimento de outros ainda, mas quando esses estão interligados pelo mesmo fenômeno, como é o caso dos ranchos da capela do Socorro, do cemitério e do memorial. Esses são todos elementos geossimbólicos presentes na paisagem do Socorro que são dinamizados pela religiosidade na cidade de Juazeiro do Norte, em que ambos são de grande importância para o sujeito romeiro que vem e dinamiza toda essa espacialidade na cidade.

É obvio que os ranchos não são suficientes para atender toda a demanda de romeiros na cidade, nem se todo bairro fosse de ranchos seria suficiente, mas é importante condicioná-lo dentro do discurso como parte imante de uma paisagem de bairro que se codifica organicamente em prol do fenômeno das romarias, pois para os sujeitos que usufruem dos ranchos, esses são elementos importantíssimos que não podem perder sua validade nos aspectos característicos, como aqui já falados, presentes no Socorro.

CAPÍTULO III

Ações públicas sobre os Geossímbolos no Socorro: Intensões, Sentidos, Atores e Sujeitos no Paradoxo de Construção e Desconstrução do Bairro

Ao conduzirmos o debate por essa perspectiva das ações públicas sobre o espaço do bairro, delineamos um contexto em que consideramos essas intervenções configuradas na espacialidade do Socorro como sendo um conjunto de promoções que se implementam por sua característica de centralidade religiosa, haja vista todas as informações já mencionadas nos capítulos anteriores.

O que se quer ao iniciar uma nova frente de debate sobre essas noções é dar a visibilidade no cerne das interpretações sobre essa realidade que, em geral, tem suas características enquanto paisagem significada baseada em signos da religiosidade, estes propiciando deliberações para todos os entes envolvidos, seja ele, o sujeito sedimentado, seja o sujeito de dinâmica sazonal ou mesmo a figura do estado, responsável por intervenções que se baseiam a partir dos signos de religiosidade presentes no espaço geográfico do bairro do Socorro.

Vale neste sentido fazer um breve levantamento acerca das intencionalidades do ente estatal na promoção desta centralidade religiosa com uma série de ações que desaguam em uma estrutura bastante densa do ponto de vista das formas concretas. Quando se menciona o contexto das intencionalidades se busca o debate por vias de entender através de documentações e deliberações oficiais os aspectos que fundamentam e concretizam as demandas resultantes de todas essas ações pautadas no espaço do bairro tanto pelo governo municipal, quanto pelo governo do estado do Ceará, esses se caracterizando como as duas principais esferas a promover ações do ponto de vista das políticas públicas no bairro do Socorro.

Ainda nesta linha é importante deliberar entendimentos que estão substantiados sobre os aspetos de promoção dos geossímbolos através dessas ações do poder público, pois essas também se fundamentam na criação de equipamentos que acabam se transformando em ícones e marcas importantes no bairro adensando mais ainda a paisagem deste na perspectiva do religioso.

O capítulo, ora iniciado, vem ainda pontuar algumas situações sobre os aspectos da construção e desconstrução do bairro através deste conjunto de ações que essa espacialidade vem sofrendo ao longo da sua existência, ações essas instituídas pela promoção de condições ou melhorias para a realização do evento da romaria.

É importante observarmos que os sujeitos não são indivíduos passivos (no sentido amplo da palavra) neste contexto das ações, mas estes, a certa maneira, passam a ser influenciados por estes atributos criados no espaço do bairro Socorro em Juazeiro do Norte, haja vista o exemplo do largo criado ao longo da história da cidade e que veio sofrendo durante esse tempo intervenções de diversas maneiras com o intuito de oferecer uma melhor acomodação aos romeiros visitantes da centralidade do bairro.

O entendimento sobre a assimilação dessas obras pelos sujeitos se faz também importante, principalmente quando muitos destes espaços e equipamentos ganham atributos de espaços públicos na dinâmica do bairro, pois esse só aufere a devida validade quando estes envolvidos assim o consideram do ponto de vista da significação.

Ao sofrer essas intervenções do poder público o espaço do bairro é dinamizado e transformado conforme um grupo dominante, pois de certa maneira o aparato do estado enquanto promotor de igualdade é usado em prol de uma maioria dominante. Essa breve crítica se dá pela perspectiva de entender o estado independente da esfera como um ente laico e que portanto não deveria criar ou estabelecer ações públicas que fossem baseadas em um fenômeno religioso, pois agindo dessa maneira ele também tem o dever de promover melhorias para outros credos, isso levando em consideração o sentido de criar condições iguais ou equiparar para todos os cidadãos suas ações.

O capítulo que se inicia vem ainda entender se essas ações promovidas pelo poder público promovem a atividade turística, pois se essas ações visam atender o romeiro na sua condição de turista, essas devem ganhar outra conotação perante breve crítica feita acima.

Em um contexto mais amplo, o debate que tem como centro as ações do poder público via o entendimento das intencionalidades (se essas são de um grupo dominante ou são para promover o turismo) e em certo modo o impacto que essas tem no conjunto geossimbólico do bairro assim como da paisagem desse. O bairro é assim entendido como um suporte ou receptáculo de ações governamentais que se estabelecem promovendo a transformação da paisagem, dinamizando ou até mesmo interferindo diretamente no cotidiano dos moradores, seja pelas obras em si ou mesmo por remoções para a criação do largo. Vale aqui observar que essas ações estão baseadas em uma condição apresentada pelo poder do estado, mas as mesmas se instituem por um conjunto de demandas criadas por sujeitos e atores sociais.

3.1. Ações, tempo e historicidade: o setor público como agente promotor do espaço no Socorro

As transformações que se deram no bairro do Socorro em prol da sua vocação para com o fenômeno religioso nos últimos anos se consumaram na perspectiva de intervenções públicas baseadas em melhorias de acesso e visibilidade do espaço em geral do bairro. Essa afirmação é válida quando, em conversas com moradores, esses revelam tal significação.

A historicidade sobre essas reformas é bem exemplo quando se busca entendê-las do ponto de vista prático. Essas, segundo entrevistas realizadas com moradores do bairro, tiveram seu ponto inicial ainda nos anos cinquenta e seu prosseguimento nas décadas seguintes. Última intervenção feita foi iniciada no ano de dois mil e doze, tendo como base o projeto Roteiro da Fé, com implementação por meios da Secretaria das Cidades vinculada ao Governo do Estado do Ceará.

Quanto a outras ações produzidas no bairro, vale salientar a construção de equipamento como o já mencionado Memorial Padre Cícero e a torre do relógio ao lado da Capela do Socorro. Esses dois são exemplos de promoção do espaço do bairro que acabam conduzindo a um intento de contradição, já que para a sua construção promove-se uma série de situações a ponto de um patrimônio arquitetônico perder sua condição ou mesmo a derrubada de outros prédios que poderiam causar também a perda do patrimônio arquitetônico da cidade, mesmo essa tendo em sua característica principal o ecletismo em suas formas.

O que se observa principalmente na centralidade do bairro do Socorro, como já mencionada aqui (caracterizada pela função religiosa), é um contexto que se condiciona em um espaço público que tem seu principal uso voltado para as festividades das romarias que ocorrem na cidade de Juazeiro do Norte. Esse agrupamento de equipamentos geossimbólicos e espaços significados pela religiosidade são constantemente incrementados de novas predisposições criadas pelas políticas públicas, promovendo dinamizações das principais paisagens do bairro do Socorro.

Não é intenção deste trabalho construir um itinerário sobre o conceito central referente a políticas públicas, nem tampouco debater suas aplicabilidades ou mesmo suas anomalias, é tanto que estamos criando uma adjetivação para tal conceito a ponto

de não termos um comprometimento conceitual, neste sentido é que chamamos aqui estas de “ações públicas” ou “ações institucionais”. Essas derivações já vêm sendo faladas desde os outros capítulos, aqui elas irão ganhar um maior adensamento quanto à citação no decorrer das linhas a serem escritas.

Desde os anos cinquenta, esta ambiência sagrada do bairro Socorro sofre modificações severas, essas no discurso político promovido pelos governos são sempre no intuito da promoção de melhorias para a acessibilidade do bairro e conseqüentemente para o morador das imediações dessas centralidades.

A primeira intervenção, como já mencionado no primeiro capítulo, foi a derrubada de casas para a construção da praça do cinquentenário, essa localizada nas imediações do Grupo Padre Cícero, uma das primeiras escolas de Juazeiro e uma parte onde hoje se encontra do Memorial Padre Cícero.

Vale observar também que foram feitas outras intervenções do poder público ao eliminarem partes de algumas ruas para o alargamento do pátio da Capela do Socorro, a exemplo disso, podemos destacar as seguintes ruas: Rua São Francisco, Rua da Conceição, e Rua Santa Cecília e Monsenhor Joviniano Barreto.

esses sendo desde remoções de proprietários que moravam em residências nestes locais passando pelo acúmulo de poeira produzida a partir das construções e derrubadas de prédios.

O que se observa por meio desse contato e através da observação da paisagem assim como pelas conversas empreendidas é que o largo do Socorro com a incorporação de praças e de ruas e a posterior criação de equipamentos como o memorial é constituído em seio de dinamizações que são instituídas através de um intento de ações públicas que buscam subsidiar o fenômeno das romarias no local, assim como uma organização de itinerários dos sujeitos romeiros.

Em um relato dado por uma professora aposentada que mora ao lado do memorial Padre Cícero, identificamos que antes de todas essas reformas e remoções, a centralidade religiosa do bairro era bastante acanhada do ponto de vista estrutural, isso segundo a mesma, se dava por conta das ruas muito estreitas e o largo não contemplar de forma eficaz todos os visitantes. Ela, em seu relato deixa claro que apesar dos transtornos provocados devido às ações, as bonanças foram significativas e entre essas, segundo essa moradora, foi a saída dos romeiros da calçada de sua porta e das de seus vizinhos. Ela lembra que antes disso os romeiros acampavam muito em meio das calçadas e ruas nas imediações do bairro.

Outro ponto eleito por essa moradora no quesito de melhoria foi a organização dos feirantes/ambulantes em um só local do largo, antes de todas essas reformas esses indivíduos se instalavam nas ruas que já eram estreitas e, desse modo, ficava quase que intransitável para o morador, pois os comerciantes e o grande número de romeiros deixavam as ruas bastantes cheias.

Não cabe aqui fazer elogios veementes às ações públicas, mas essas, segundo a visão dos moradores, trouxeram bastantes melhorias para os aspectos paisagísticos do bairro, assim como a certo modo proporcionaram melhorias para os visitantes da cidade que se deslocam para o bairro em épocas de romarias. O que se vê na fala dos entrevistados é que, a ação pública, mesmo que produzindo alguns percalços, chegaram ao intuito desejado (esse segundo constatações visando o apoio às romarias e seus sujeitos na condição de turistas).

Numa breve linha histórica é importante delinear as ações que foram implementadas de maneira sequencial, tendo início como já mencionado nos anos cinquenta com remoção do tiro de guerra e de algumas casas para a criação da praça que antecede o Memorial.

O alargamento do largo da Capela do Socorro, segundo relatos dos moradores, veio ocorrendo gradativamente nas décadas de setenta e oitenta, já a construção do memorial se dá no final dos anos oitenta para início dos anos noventa, e segundo esses sujeitos, no governo do ex-prefeito Manoel Salviano.

A última grande reforma na centralidade do bairro foi no ano de dois mil e doze, como já introduzido aqui. Essa ação pública foi capitaneada pela esfera estadual e a mesma era parte de uma política maior que foi implementada em vários municípios da região metropolitana do Cariri. Esse projeto tinha por base subsidiar com reformas paisagísticas a vocação de cada um dos municípios dessa divisão e obviamente o Juazeiro foi beneficiado por sua vocação religiosa.

Neste conjunto de reformas a cidade foi contemplada com o projeto Roteiro da Fé, que foi delineado no âmbito de melhorias em espaços usados pelos romeiros que visitam a Juazeiro. Esse projeto teve ainda como princípio norteador a promoção turística da cidade e da região do Cariri cearense.

O grande foco das ações em Juazeiro foi a finalização do centro de apoio ao romeiro no bairro da Matriz e a reforma da pavimentação do largo da Capela do Socorro e das praças em seu entorno. Ainda nesse âmbito foram feitas as sinalizações com placas para melhor localização dos romeiros e dos visitantes turistas.

O projeto Roteiro da Fé se condicionou como uma ação pública de grande porte baseada na promoção de uma característica existente na cidade e essa promoção visou, de certa maneira, colher frutos para além das romarias e isso fica claro quando o próprio documento que trata da divulgação desse projeto cita o resultado pretendido pela administração pública estadual. Esse propósito pretendido é latente, haja vista o financiamento dessa obra ser do Banco Internacional para Reconstrução e Desenvolvimento (BIRD) que tem financiamentos que sempre buscam retornos significantes. Deste modo, segue-se abaixo o trecho em que identificamos tal proposição:

Em Juazeiro do Norte, a vocação religiosa e turística do município garantiu a inclusão do Roteiro da Fé no Cidades do Ceará. O roteiro inclui sinalização de áreas ligadas à manifestação religiosa que tem como destaque a figura do Padre Cícero. Além disso, as praças do Socorro, Salesiano, Joviano Barreto (dos Franciscanos), São Miguel, José Geraldo da Cruz, dos Ourives e da Estação estão contempladas no projeto. Depois de concluídas as obras, a Prefeitura de Juazeiro fica responsável pela limpeza e segurança das praças reformadas. O Roteiro da Fé, que tem investimento total de R\$ 8,5 milhões, inclui também obras de pavimentação, iluminação e acessibilidade. (CEARÁ, 2012, p.23).

Ao citar a revista Cidades e o Projeto Roteiro da Fé, vale observar no trecho em questão que essa ação pública tem uma amplitude macro dentro da Região Metropolitana do Cariri, assim como na própria cidade. Deste modo, visualizamos a ação pública estadual no contexto de escala, na qual essa se dá no Bairro do Socorro, mas está interligada em sua gênese com outros espaços da cidade e da região.

Ainda nessa via citamos mais um trecho da Revista Cidades, no qual a ênfase da substancial intenção do estado fica clara:

TURISMO E FÉ/A fé que leva milhares de romeiros, todos os anos, a Juazeiro do Norte, ***serve de motivação para outros milhares de visitantes que desejam se aproximar da tradição religiosa da cidade***. Isso estimulado especialmente por meio da figura de Padre Cícero. O projeto Cidades do Ceará Cariri Central contemplou a sinalização da cidade, facilitando a localização de moradores e turistas em torno do Roteiro da Fé. (CEARÁ, 2012, p. 25)

Observa-se na citação acima que a ação pública do estado tem o papel de dar subsídios a atividade turística²¹, ou seja, a hipótese²² colocada ao se iniciar este capítulo não se concretiza, pois o estado nesta política (Roteiro da Fé) entra mais como promotor de suporte na tentativa de gerar uma atividade a partir do fenômeno religioso existente não só no bairro do Socorro, mas em Juazeiro do Norte como um todo.

Abaixo observa-se essa representação presente na revista da Secretaria das Cidades que faz menção ao projeto ora citado:

²¹ É importante ressaltar que a nossa intensão não demonizar a atividade turística nem tão pouco sua promoção por parte do estado, mas é importante um debate pertinente sobre suas condições, tendo em vista a necessidade de políticas públicas na paisagem que atendam a todos os entes e sujeitos envolvidos na realidade de um bairro como o Socorro em Juazeiro do Norte.

²² Se o aparato do estado não for usado enquanto promotor de igualdade em prol das maiorias e também das minorias, esse perde a sua função social dentro de um estado democrático de direito, pois pela perspectiva de entender o estado (independente da esfera) como um ente laico esse não deve criar ou estabelecer ações públicas que sejam baseadas em um fenômeno religioso de um grupo social dominante, pois agindo dessa maneira ele também tem o dever de promover melhorias para todos os credos, isso levando em consideração o sentido de criar condições iguais ou equiparar essas para todos os cidadãos.

FIGURA 34- Foto da Revista Cidades do Governo do Ceará representando o projeto Roteiros da Fé



FONTE: Revista Cidades, 2012. Adaptado por ARAUJO, Marcos A. G. Outubro de 2015.

É importante salientar que todas as ações pensadas dentro deste contexto de bairro visaram estabelecer melhorias estruturais sobre o mesmo, “requalificando” as estruturas de acesso e permanência dos romeiros e turistas no bairro Socorro. Este tipo de ação supracitada, segundo os moradores, os beneficiam tanto quanto beneficiam os visitantes. Segundo uma entrevistada residente na Avenida Leandro Bezerra, as ações mesmo causando algum transtorno em sua execução, produz melhorias ao serem finalizadas trazendo benefícios ao bairro e aos moradores, dentre as quais destacam-se a valorização do imóvel, boa visibilidade e um ambiente arejado confortável tanto para os romeiros como para eles próprios residentes no local.

Ações públicas como essas são instrumentos bastante significantes do ponto de vista das intervenções em paisagens do espaço urbano. Essas tendem a ser um instrumento que é sempre utilizado em um discurso reformista que se estabelece na urbanidade brasileira. O contexto do Socorro, já relatado neste trabalho, cai bem sobre essa perspectiva, haja vista as sucessivas ações instituídas ao longo dos últimos cinquenta anos.

A construção deste contexto é histórico e se condiciona pelas concepções da instituição estado, é significativo observar que esse possui uma série de ações que são estabelecidas de forma vertical e conduzidas em muitas situações em um âmbito de arbitrariedade sem levar em consideração as concepções de sujeitos que estão

diretamente envolvidos nas determinadas realidades dessas ações públicas no espaço urbano.

Esse projeto Roteiro da Fé, implementado pela Secretaria das Cidades do estado do Ceará não foge a essa regra acima citada, pois a sua aplicabilidade se dá em consonância destes aspectos, sem ser levado em consideração as aspirações dos sujeitos romeiros e sujeitos moradores.

Mesmo esse projeto não levando em conta os argumentos dos sujeitos para uma aplicabilidade pautada pela observação de validade e importância no bairro, os indivíduos acima citados assimilam muito bem todas essas reformas promovidas no bairro do Socorro e também em outras partes da cidade beneficiadas com este mesmo projeto, ou seja, os sujeitos mesmo sendo tratados em muitas situações de maneira vertical acabam por se coadunarem com as condições preestabelecidas por este tipo de reforma que se institui na cidade de Juazeiro do Norte.

Este projeto foi iniciado no bairro do Socorro em fevereiro de dois mil e doze, tendo um prazo de execução de até seis meses. O Roteiro da Fé, como já mencionado, requalificou o calçamento do largo e das praças que fazem parte da centralidade do Socorro. Abaixo seguem algumas fotografias tiradas no período que se iniciaram os trabalhos.

FIGURA 35 – Reformas na centralidade do Socorro



FONTE: OLIVEIRA, P. W.A: 2012

Nas duas imagens acima observa-se o grau da ação pública na transformação dos aspectos paisagístico do bairro do Socorro. A reforma acima fotografada promoveu um impacto significativo do ponto de vista visual, haja vista o intuito do mesmo ser a requalificação do ambiente em que os romeiros promovem a sua manifestação neste bairro.

FIGURA 36 – Contraste entre o antes e o depois da reforma na centralidade do Socorro



FONTE: OLIVEIRA, P.W. A: Ano de 2012

No último quadro de fotografias observa-se a partir do piso o quanto a reforma foi brusca, pois há uma diferenciação bastante significativa da textura deste em relação ao que existia antes e o que existe atualmente no pós reforma. Na revista Cidades há menção em relação à manutenção das características existentes antes no local. O que se elege como prioridade dessa ação pública é a requalificação do ambiente visando acessibilidade dos romeiros que se manifestam na paisagem do bairro e também a promoção da ambiência sagrada de Juazeiro do Norte para a promoção do turismo extra religioso.

Os rumos e as intenções da ação pública no bairro do Socorro ficam claros que é a construção de um roteiro turístico importante na cidade de Juazeiro do Norte, haja vista que essas ações não se restringem somente ao Socorro. Com isso, o que se pode observar é que, dentro desse projeto há um grupo de beneficiados diretamente

envolvidos com o espaço do bairro, que são os seguintes: a Igreja católica que é beneficiada com a requalificação do entorno da Capela do Socorro, os romeiros que visitam a espacialidade do bairro e se beneficiam a partir de melhorias na acessibilidade em períodos de romarias, e os moradores que a partir de relatos elegem a nova ambiência como sendo visivelmente importante para os seus imóveis e a sua qualidade de vida, em outras palavras, essas ações públicas mesmo implantadas de forma horizontal cumpriu até o momento o seu papel social enquanto reestruturação paisagística do Socorro.

Quanto ao seu propósito subsequente, a promoção do turismo para além do religioso ou da peregrinação, não se pode observar ainda se o número de turistas que não podem ser enquadrados como romeiros aumentaram. Essa afirmação se dá no sentido da pesquisa não ter dados em relação a essa condição e nem ser esse um ponto que tenha nortado as questões que vêm dando suporte para as análises neste trabalho.

O que se vê nos campos produzidos no decorrer da pesquisa é que a cidade de Juazeiro recebe atualmente um número de visitantes bastante significativos em períodos que não acontecem romarias, mas esses visitantes podem não ser enquadrados como turistas, isso em vista de não se ter pesquisa sobre essa nova dinâmica que se estabelece sobre a sacralidade existente em Juazeiro do Norte.

Se essa nova dinamização acontece na cidade ou mesmo no Socorro, cabe às pesquisas futuras buscarem respostas sobre o papel desse sujeito (visitantes fora de época de romarias) ao fazer usufruto das paisagens significadas de Juazeiro do Norte. É substancial uma investigação que busque entender se esse aumento de visitantes em períodos que não têm romarias em determinadas épocas começou após este conjunto de ações públicas na promoção da sacralidade da cidade na perspectiva de ir além do religioso, propiciando condições para o espaço se condicionar como turístico para esses. Cabe aqui pensarmos elementos que levem a ações investigativas sobre tais dinâmicas que se processam no espaço da cidade de Juazeiro do Norte hoje.

O que é elementar nessa investigação é encaminhar um breve suporte a esse respeito, pois se as condições estão colocadas no espaço, nas paisagens e nos bairros, essas têm que ser interpretadas das mais variadas formas, pois a constituição dessa não fica segmentada a somente um mote de se fazer pesquisa.

Voltando à base deste trabalho, vale observar que o espaço do bairro do Socorro tem em seu processo de formação configurações que remetem a ações de terceiros que não dizem respeito aos sujeitos que significam o bairro. Isso se dá no que aqui chamamos de sua morfologia, caracterizada por uma série de elementos que desaguardam em contextos que apresentam-se exógenos aos sujeitos inseridos na significação da paisagem e do lugar no bairro.

É importante considerar que essas ações só têm validade por que tais sujeitos que significam esse espaço assim o fazem. Essa opinião se expressa no âmbito de colocarmos o sujeito como mola propulsora de conflito no espaço. Esse conflito pode ir desde a não aceitação de determinadas modificações, como a retomada de certos espaços requalificados sob outras perspectivas, que não era a esperada pelo promotor da ação pública.

A exemplo disso, pode-se observar no bairro Matriz, no qual foi feito como aqui já mencionado o centro de apoio ao romeiro. Nesse local há um conjunto de box para a alocação de vários ambulantes, e que segundo as falas não se poderia vender bebidas alcoólicas, porém o que se vê é a venda deliberadamente, principalmente em boxes que vendem também refeições para quem visita essas partes da cidade.

O que se tem com essa condição relatada acima é uma espécie de confronto sob um querer religioso e do estado enquanto prefeitura sendo burlado pelo sujeito que significa e reordenada o espaço ora citado. Neste caso, o comerciante que se condiciona como autor de seu roteiro enquanto sujeito, no qual esse vai de encontro ao que se colocar como imposição verticalizada pela Igreja e prefeitura.

O que se quer ao dar este exemplo que ocorre em outro bairro é condicionar uma observação sobre as ações públicas no espaço do bairro com o sentido de entender que essas nem sempre são bem aceitas pelos principais sujeitos envolvidos na significação do espaço.

No caso do Socorro, a partir das observações de campo assim como pelas conversas informais e entrevistas, tem-se uma aceitação das ações públicas neste ambiente, isso tanto pelos romeiros que se apresentam no espaço sazonalmente como também pelos moradores que vivenciam o cotidiano do bairro.

Em uma pontuação importante, o que se observa no Socorro é a ação do estado promovendo a sua paisagem em torno da sua sacralidade, visando atender uma demanda que não diz respeito somente aos moradores locais, ou seja, o que se modificou ao longo do tempo no espaço do bairro e em torno das suas sacralidades, foi no sentido de empreender suportes para os romeiros e em consonância o beneficiamento dos moradores desse entorno.

Essas ações são significadas a ponto de se concretizarem como um geossímbolo. O exemplo maior dessa característica é o Memorial Padre Cícero que é uma obra produzida pela prefeitura da cidade e que hoje se encontra caracterizada como um elemento geossimbólico de grande importância na paisagem do bairro, se condicionado como uma ressignificação de uma ação pública de transformação da paisagem do bairro.

O itinerário do sujeito ao promover a significação se apresenta bem elementar na paisagem assim como no lugar, pois esse tem um papel preponderante no sentido de encaminhar demandas, deliberações, assim como ressignificações a esse respeito. O Estado e as instituições como a Igreja têm certa força sobre esses, porém essa força não é uma conjuntura dominante ou determinista sobre esse sujeito, haja vista sua capacidade de se adequar, se readaptar ou mesmo dar invisibilidade às ações promovidas verticalmente.

A historicidade das formas espaciais não deixa mentir a esse respeito, pois por mais que tenham um conjunto de atores por trás envolvidos, esses não são suficientes na consolidação da significação do espaço e suas categorias, ou seja, as significações, o imaginário, assim como os conflitos só existem por conta dos sujeitos que se envolvem além da simples produção e promoção desses.

É preciso ver que o espaço de um bairro é um conjunto orgânico que se faz e se refaz no tempo e no espaço conforme seus sujeitos criam demandas ou mesmo são induzidos a criarem tais demandas para as modificações no espaço geográfico. A significação, assim como a ressignificação desse é um processo contínuo. A promoção geossimbólica é assim instituída conforme seus interesses dentro deste processo de certa linearidade.

3.2. O papel indutor na produção de espaço público: ações que levam ao desnudamento ou a “requalificação” das formas no Bairro

Quando aqui se afirma sobre a existência de um agente que induz a promoção das paisagens, afirmamos que os elementos dispostos e predispostos são antes de tudo um conjunto de intencionalidades promovidas por atores imbuídos de poder institucionalizado.

É significativo observar que a relação existente sobre estes aspectos se coadunam para o que o título elege acima, ou seja, a compilação de marcas no delineamento que as reformulações instituem no espaço do bairro. Em outras palavras as ações públicas que se estabelecem na paisagem do bairro são incrementos dos atores exercendo o seu papel e esses promovem tais condições por estabelecer a priori elementos de coação para os sujeitos que exercem a significação do espaço geográfico ora trabalhado.

Essa coação eleita acima não se constitui como determinante, mas se caracteriza como elementar na organização das paisagens em prol de um grupo de sujeitos no espaço do bairro do Socorro. Assim, é substancial contextualizar as informações que as marcas presentes no espaço do bairro apresentam. Uma dessas (significantes) seria a condição da paisagem contextualizada por ações públicas se codificarem e desaguiarem na capacidade de espaços públicos dotados de sentido religioso.

Se pontuarmos as ações promovidas no Socorro em meio as sua sacralidade da religiosidade católica estaríamos diante a construção, promoção e reverberação de espaços públicos, paisagens/espaço público que em suma se constroem sobre perspectiva de espaço simbólico como afirma Maciel (2005), e esse contexto estaria assim sobre aspectos de serem entendidos como formas que garantem profundidade no imaginário social.

Ainda em Maciel (2005, op. cit) este espaço seria uma reflexão significada a ponto de se entender o imaginário social que reflete em um real concreto de modo que o espaço público se encontra significado pelo imaginário coletivo e social, independente desse se construir no todo de uma paisagem ou em representações metonímicas desse, ou seja,

Todas as paisagens são metonímias espaciais, isto é, encerram uma forma de pensar e de desenvolver o saber de referencia ao espaço, articulando lugares particulares a totalidades territoriais. Isso se faz a parti do imaginário geográfico, de sentimentos identitários e de características materiais e culturais comuns que favorecem a sedimentação de certas representações ao longo do tempo. Além do mais, quando lidamos com paisagens revestidas de poder simbólico, como as imagens espaciais relacionadas ao espaço público, devemos levar em conta que sua conservação ou degradação adquirem significados éticos e políticos, antes que meramente estéticos, (MACIEL, op. cit. 2005, p. 12).

Por meio dessa citação acima pode-se entender que o espaço público assim como a paisagem que o faz é em suma um dispositivo que se constroi não só na sua totalidade mas também por meio de fragmentos que promovem um imagem macro desse ambiente.

A elaboração de aspectos interpretativos sobre tais demandas que se confluem em um caleidoscópio no espaço do bairro do Socorro se faz preciso por qualquer que seja a via tomada, isso porque até então os exemplos dados aqui nos levam a dinâmicas e fenômenos presentes nele que se apresentam no âmbito da complementariedade, ou seja, um mesmo ambiente é espaço público, paisagem geossimbólica, espaço sagrado para a religiosidade, paisagem metonímica de Juazeiro do Norte, assim como lugar da vivência cotidiana para o morador.

Ainda na conjuntura apresentada acima vale observar que o cotidiano desse ambiente do Socorro é antes de tudo lócus de retórica de uma paisagem significada ao longo do processo histórico existente na cidade, isso se consolida como importante do ponto de vista que tal situação se dá independente de imposições ou induções do setor público ou da Igreja enquanto instituição que tem poder no determinado espaço, ou seja, os sujeitos são os promotores do imaginário sobre o lugar a partir de sua visão de mundo numa relação simbólico cultural sobre a espacialidade do bairro do Socorro. As visões de mundo dos sujeitos se consolidam em um propenso itinerário do caleidoscópio que se apresenta na morfologia e imaginário desse.

Quando se observa este papel indutor promovido pelas ações públicas é importante entendê-lo como sendo uma pretensão que se incrementa como novas dinâmicas na direção de tornar a cidade um ambiente turístico, principalmente na última grande reforma, isso porque as ações que requalificaram o espaço do bairro do Socorro visaram um público além do romeiro. Essa afirmação fica clara no tópico anterior desse

capítulo quando se elegem as perspectivas a serem alcançadas pelo projeto Roteiro da Fé consolidado na cidade de Juazeiro do Norte.

Observa-se que o espaço do bairro do Socorro mesmo com tantas ações públicas recebidas ao longo dos últimos anos não perde a sua função principal dentro da cidade de Juazeiro, que é ser um lócus da religiosidade católica, significado por diversos sujeitos presentes na dinâmica do espaço do bairro.

Se considerássemos todas essas ações numa perspectiva mais técnica, as mesmas poderiam assim se configurar em um contexto de arranjos produtivos (PIRES, 2011) voltados para a promoção do turismo religioso, isso principalmente no contexto de promoção de uma imagem sobre os espaços requalificados e sinalizados para tal efeito. Quando se busca a promoção do turismo sobre este espaço se busca outros indivíduos que não necessariamente tenham que ser romeiros que venham contemplar as sacralidades da cidade e de seus bairros que por este fenômeno são dinamizados. O que se vê com isso é a criação de outras demandas para o espaço do bairro e na cidade como um todo.

As melhorias são sentidas por todos os indivíduos que no bairro exerce alguma função, ou seja, a requalificação no bairro não muda o papel dos sujeitos romeiros nem tampouco dos sujeitos moradores, mas essas ações tentam dentro deste mesmo ambiente atrair novos sujeitos que não necessariamente estejam envolvidos diretamente com a religiosidade.

Esse turista é enquanto sujeito um desbravador que busca consumir outras condições de espaço, levando em conta as assimilações estabelecidas pelo que lhe é oferecido no ambiente em que o mesmo compra no seu pacote turístico, ou seja, o turista compra antes de qualquer coisa a experiência do lugar, baseado no complexo contexto de se consumir uma cultura, ou se embrenhar em contexto histórico de algo que não pertence ao íntimo enquanto ser social no mundo.

Essas ações promovem ainda um espaço público versátil no ponto de vista do seu consumo, feito por sujeitos que empreendem consumindo-o significativamente, consolidando a ação desejada pela política nele implementada. Como já mencionado, aqui cabe a estudos futuros revelar se há grande elevação do número de visitantes sobre as sacralidades de Juazeiro que não necessariamente sejam romeiros.

O estudo sobre esse bairro tem que ver em tela as caracterizações que foram introduzidas ao longo da sua formação como lócus de veneração da religiosidade popular. As demandas promovidas sempre têm a intensão de consolidar novos entendimentos sobre o espaço do bairro a ponto de sempre haver uma espécie de perda histórica para a morfologia da cidade ou mesmo na sua história arquitetônica.

Se elegermos aqui tal noção estaríamos chegando à metáfora elencada no título desse tópico, em que nomeamos necessário um entendimento sobre o desnudamento da paisagem para a promoção de uma determinada atividade sobre o espaço mesmo no intuito de conduzir-se a novas demandas sobre a paisagem do bairro do Socorro.

O desnudamento da paisagem estaria no contexto de destruição das formas tradicionalmente estanques no bairro, que por um motivo ou outro é substituído por ações públicas que modificam o local que antes tinha outras acepções paisagísticas. É preciso entender que ações são essas que tentam qualificar um ambiente destruindo suas formações históricas.

É basilar observar que historicamente “o requalificar” mais destroi ambientes e paisagens históricas do que asseguram a permanência das formas existentes no espaço. No bairro do Socorro são muitos os exemplos de reformulação/requalificação que levaram ao desaparecimento de equipamentos importantes, como é o caso do antigo tiro de guerra e dentre outros prédios.

Segundo moradores entrevistados do bairro todos os equipamentos que se localizavam no espaço do memorial foram destruídos por seguidas reformas, como a criação de uma praça e depois a demolição dessa para a construção do memorial, que ironicamente é um equipamento construído por uma ação pública que visa manter a memória viva da cidade e de algumas personalidades.

Em suma, o que tem de efetivo na paisagem do bairro do Socorro é um conjunto de ações públicas que deliberam transformações drásticas na paisagem com um discurso de reformulação e requalificação do ambiente. Toda essa dinâmica constituída de um poder destrutivo sobre as formas arquitetônicas passadas do bairro se reproduz quase que de maneira natural ao longo do tempo no espaço do Socorro. Segundo uma moradora entrevistada que vive no bairro desde meados dos anos cinquenta, todas essas ações foram caracterizadas por grandes transtornos, principalmente as primeiras, como é

o caso das demolições e construção da antiga praça do cinquentenário e a posterior construção do memorial.

No tocante à última requalificação, feita a partir do projeto Roteiro da Fé, é importante observar que essa não promoveu tanta perda no ambiente histórico do Socorro, haja vista que a mesma procedeu basicamente na troca do piso do largo e das praças e também na instalação de placas indicativas no espaço da sacralidade do bairro.

Sua demanda maior enquanto ação pública foi dar mais condições de roteiro turístico na paisagem do bairro como já mencionado no decorrer do texto. A crítica maior que se faz aqui é baseada na forma que as autoridades procederam historicamente para organização da paisagem do bairro do Socorro, em que não se levam em consideração aspectos importantes nas reestruturações que foram implementadas ao longo do tempo.

O desnude do ambiente geohistórico se faz elementar na perspectiva paisagística do bairro Socorro, isso não só na demolição de prédios para a construção de outros, mas também na desqualificação de alguns como patrimônio histórico.

Um exemplo disso é a torre de relógio que fica ao lado da Capela do Socorro desqualificando-a enquanto patrimônio histórico e cultural a ser reconhecido por órgãos qualificados para tal. A torre em questão é uma homenagem feita por um empresário como marco em homenagem aos 70 anos da morte de Padre Cícero (PORTAL JUAZEIRO, acesso em 10/10/2015).

Abaixo temos a fotografia que mostra a desmedida desqualificação do ambiente histórico:

FIGURA 37 – Paisagem da Igreja ao Lado da torre do relógio



FONTE: ARAUJO, Marcos A. G. Julho de 2015.

Observa-se na arquitetura do monumento a dissonância com a forma da Igreja, desqualificando o seu entorno enquanto ambiente histórico e culturalmente significado. Essa ação mesmo não sendo de execução pública tem em seu intento a deliberação do poder público municipal, pois para o erguimento do referido monumento foi preciso a sua autorização, deste modo, o ente público se capacitando indiretamente na transformação do espaço do bairro, transformação essa que sempre leva a modificações drásticas na configuração histórica da paisagem do bairro.

Com todas essas deturpações sobre as imagens do bairro é importante afirmar aqui que essas têm pouca profundidade histórica em suas formas concretas, haja vista a série de ações promovidas no espaço de centralidade do bairro sem levar em conta a

acumulação que a paisagem construiu ao longo do tempo de sua formação. Assim, a nudez histórica de parte da paisagem do Socorro está baseada num sentido da perda de suas nuances históricas, desprovidas de memórias, ou mesmo de materialidade espacial por conta de tantas ações promovidas no decorrer dos anos.

O que se observa nas formas da sacralidade do bairro Socorro é a criação e promoção de um espaço público que gira em torno da religiosidade católica. A criação deste espaço público assim como algumas pontuações geossimbólicas como o memorial, são resultados de uma política de não preservação das formas urbanas da cidade de Juazeiro do Norte.

Este espaço público forjado no encalce da destruição de parte da história do bairro se configura dentro de um contexto amplamente contraditório, isso em vias de observarmos todas as condições presentes na promoção e criação deste ao longo do processo de formação histórico e cultural do bairro.

É importante observar também que as características da paisagem do sagrado no bairro é antes de qualquer coisa uma construção histórica, mesmo essa sendo marcada por uma série de drásticas modificações em sua essência enquanto acúmulo social. Os renques de críticas são feitos no sentido do tratamento nas constantes reestruturações promovidas no bairro.

Não cabe ao trabalho em questão promover receitas prontas acerca destes eventos e contexto produzido no bairro do Socorro, a intensão é substanciar o debate sobre o que ocorreu com a paisagem do bairro, para que ações futuras não sejam constituídas de desmandos e de ações verticais na consolidação ou requalificação da paisagem que se faz marca e cara do bairro. É preciso um contexto que busque entendimentos importantes sobre essas dinamizações promovidas pelo ente público, pois esse ao longo do tempo foi quem produziu e organizou este conjunto de transformações elencadas de maneira superficial neste texto.

O construto social tem que ser entendido não só pela perspectiva de demandas atuais, mas também por demandas originadas na história do sujeito e o seu papel na construção do espaço socialmente e culturalmente significado, ou seja, não se pode desfazer-se da história que está escrita nas formas da paisagem, pois ela é quem diz e promove a ação de entendimento dos grupos e sujeitos sociais. É preciso reconstruir e

resignificar os construtos sociais e sua história, mas não se pode perder de vista a sua essência primeira, suas formas assim como a memória atrelada a essas.

Todos esses argumentos acima encaminham ações deliberativas no sentido de que não se podem mitigar as formas de se atuar nas paisagens, ou seja, é preciso se levar em consideração todas as variáveis disponíveis para uma análise consolidada no espaço geográfico, assim como é preciso entender a atuação do ente público na aplicação de ações públicas sobre o espaço socialmente construído.

O Socorro, assim como outros bairros importantes de Juazeiro não podem mais sofrer mutilações em sua história como as acometidas tradicionalmente, e isso tem que ser fruto de debates constantes. É significativo observar em muitos casos a incapacidade do próprio estado na figura da prefeitura de se colocar como mediador de tal situação, é preciso mais debate e um conjunto de pesquisas que subsidiem isso.

O arcabouço que se coloca frente a essas demandas são bastante complexos possuindo nuances que se estabelecem por necessidades de variados sujeitos que significam a paisagem e seus geossímbolos. É preciso que entendamos que essa demanda não pode se caracterizar em sinônimo de destruição de um acúmulo culturalmente e socialmente constituído.

As relações entre os sujeitos têm também neste construto que serem levadas em conta haja vista a maioria das ações sempre sendo imposta e colocadas em prática no âmbito da verticalidade. Os sujeitos não estão inertes no espaço e portanto esse tem uma voz significativa na requalificação ou reordenamento da sua paisagem cotidiana. Neste contexto o principal sujeito interessado e detentor de vivências espaciais seria o morador local, dotado de sabedoria, experimentando em lócus a construção e as intencionalidades que há por trás das formas imanentes a sua realidade.

Poderíamos assim observar que esses sujeitos são os principais agentes que dinamizam a condição imaginária dos aspectos paisagísticos e geohistóricos do Socorro a ponto desses terem importância em qualquer ação que venha a ser concretizada neste ambiente. Isso tem que ser dimensionado na tentativa de se entender o imaginário da cidade personificada por esses agentes, mas sem esquecer que essa esfera transcende o individual tornando-se assim também coletivo, isso por conta das relações que os

grupos estabelecem dentro da sua gênese historicamente constituída no espaço geográfico.

As ações públicas com seu papel indutor na paisagem do bairro ou no espaço público por elas criado não podem exercer o papel majoritário na construção e organização das paisagens, pois os sujeitos com sua condição imaginária constituída de historicidade e cultura não podem ser demasiadamente deixada de lado. É preciso uma revisão significativa no âmbito das ações públicas a serem implantadas no bairro do Socorro em futuro próximo, ou seja, é necessário compreender a significação que os sujeitos estabelecem tradicionalmente para a fisionomia dos bairros e suas paisagens do convívio cotidiano.

3.3 - O bairro como locus político: um objeto transformado continuamente na cidade

O bairro em sua gênese é antes de tudo um retalho da cidade promovido e significado pelas ações humanas, sejam elas estabelecidas na coletividade dos sujeitos que vivem nele, sejam pelas ações institucionais de atores e sujeitos que exercem ações sobre esse, ou seja, o bairro é diante disso um condição que emana de variadas significações ou ações estabelecidas ao longo do tempo.

Essa afirmação toma por base a busca de esclarecimentos que se colocam numa perspectiva de entender este recorte presente na cidade como um aporte necessário para a consolidação de uma série de arcações que desaguam em acepções de grupos sociais de sujeito inerente a essa realidade, mas também não somente nessa perspectiva, já que entende-se a cidade como um ente ativo e construído historicamente por sujeitos que visam em um espectro mais significativo nas relações que são interpostas por todos perante as contribuições que a sociedade enquanto coletiva se coaduna a promover uns para com os outros assim como para os bairros da sua cidade.

O que se coloca em vista é a condição política (SOUSA, 1989) que o bairro exerce dentro dessas ações, a mesma se coloca como um suporte de promoção das características que se sobressaem no recorte que de certa maneira essas se caracterizam hierarquicamente sobre a realidade enquanto construção social que é estabelecida na sua constante transformação, em outras palavras, o bairro é condicionante político por ser fruto de ação política de todos os agentes que se configuram como ativos nesse.

As contiguidades na construção do bairro como espaço real na cidade se apresentam como um conjunto de marcas que são promovidas pelos sujeitos sociais presentes nessa realidade, que se caracteriza em um prisma que reflete a vida social que no espaço está inserida, ou seja, o bairro vivido. Este é no âmbito de contiguidades, um recorte na cidade que se caracteriza por sua capacidade de contextualizar-se conforme os sujeitos que significam sua materialidade, configurando assim o reflexo do social no espaço.

As acumulações dos sujeitos são os resultados observados na paisagem, e esses resultados são dentro deste contexto, expressões que tanto podem caracterizar aceitações ou repulsas por parte dos sujeitos incrustados na realidade. No caso do Socorro, em Juazeiro do Norte, o que se pode evidenciar nesse é uma aceitação por parte dos sujeitos que estão envolvidos com o bairro, pois esse não tem caracterizações de conflitos na paisagem nem tampouco na sua lugaridade.

O que se tem em voga numa realidade de bairro em uma cidade do porte de Juazeiro do Norte é um contexto que se promove em torno do sujeito social que está inserido na paisagem deste recorte, seja ele fixo ou volátil, isso levando em consideração a cidade e sua realidade pautada pelo fenômeno religioso.

É importante observar que o sujeito mesmo não sendo observado nos processos que contextualiza uma realidade histórica, esse é quem constroi na perspectiva do seu imaginário social as realidades que se materializam nas suas ações e significações consubstanciadas na paisagem do bairro, ou seja, o bairro é uma realidade social que tem dentro de sua essência o sujeito como promotor de sua paisagem enquanto parte da cidade e isso em essência se caracteriza em ação política, mesmo que as ações do estado sejam também imperativas sobre essa realidade, pois ela caracteriza-se assim por que os sujeitos diretamente envolvidos com ela permitiram sua difusão.

Por mais que essa realidade seja remodelada conforme as vontades do poder público, haja vista o caso do bairro do Socorro, constantemente dinamizado por estes contextos, o bairro como espaço vivido é sempre fruto de uma ação contínua e demarcada dos sujeitos que o vivenciam no seu cotidiano de intimidade. Isso em suma caracteriza um ímpeto político, pois uma ação consubstanciada em um sentido de intimidade conformado por uma realidade do sujeito é em sentido amplo, uma ação política por excelência.

O irrestrito papel do cidadão condicionado como sujeito é antes de qualquer ação a essência da promoção e transformação do espaço seja esse na escala da cidade ou do bairro. O que não se constroi às vistas de um contexto como esse é essência do que a cidade e seu recorte de bairro se constituem como imagem macro dimensionada por ações que em seu arcabouço são representações do estado político que há sobre essas.

Por mais que o sujeito não se dê conta da sua ação sobre as paisagens de um bairro, essa se configura com um ativismo político (SOUSA, op cit, 1989) sobre o bairro sem precedentes, pois sua ação delibera outras ações significativas sobre esse espaço, um exemplo claro disso é a ação dos romeiros promovida no bairro do Socorro que em essência delibera um conjunto de outras ações do poder público ou mesmo dos sujeitos moradores que vivenciam o bairro cotidianamente, ou seja, a condição que o romeiro estabelece sobre essa realidade com sua devoção e visitação nos geossímbolos do Socorro desencadeiam todas as dinâmicas aqui já relatadas.

A conjuntura que se estabelece na realidade do bairro vai além da simples aparência que se coaduna em sua forma física. As ações políticas estão pautadas nessa realidade tanto quanto sua forma física. A política está presente desde pontuações do poder público passando por elucidações mais deliberativas como, por exemplo, as associações de moradores.

O político é parte inerente à construção da paisagem do bairro, sem essa condição estaríamos diante de uma forma morta sem vida, sem condições de significação, ou seja, parte da promoção significação de um construto social é antes de qualquer coisa uma ação política, seja essa de um grupo dominante ou de um grupo requerente de visibilidade.

A ação política existente no bairro pode se caracterizar de variadas maneiras, desde contextos comunitários a condições organizativas dos afazeres do estado, na figura da prefeitura, haja vista a realidade ora estudada (no caso, o Socorro). A ação política é assim estabelecida por nuances que se caracterizam desde um contexto de reivindicações a contexto de aceitações de realidades exógenas existentes diante dos diversos sujeitos.

A condição inerente a isso tudo coaduna-se no sentido amplo de se entender a cidade como um ente político por excelência e em consequência os seus bairros se

caracterizando como tal. A configuração de todos esses aspectos é por si só uma negociação, sendo assim por essência uma situação política, pois essa é antes de tudo um arcabouço que substancia realidade volátil caracterizada por um contexto negociável, seja ele por sujeitos ou agentes estatais caracterizados como atores que dinamizam uma realidade.

O bairro e paisagem têm assim por essência quase que natural a política como parte de sua forma, seja essa no sentido de preservação patrimonial, seja no sentido intervencionista do estado ou mesmo dos indivíduos ou sujeitos que significam a pretensa realidade.

A condição política sobre esse recorte na cidade (o bairro) se capacita de maneira quase que ininterruptas tanto na sua subjetividade como na sua objetividade, afinal, o bairro como toda realidade urbana se condiciona como realidade por excelência dialética e diversa.

O entendimento do bairro como um ente político na cidade é dever das ações que se debruçam sobre referido espaço geográfico na cidade. A realidade que se insere sobre esse é atributo, é seu itinerário social e material, isso no contexto histórico que há por trás de tal realidade, ou seja, qualquer que seja o fato investigado essa vai estar revestida de imbricações que levam a sua condição política, isso no sentido de entender a essência da formação material da referida contextualidade.

O material, o imaterial é por condição quase que um ente elementar e político, pois esses na construção social se caracterizam como sendo atos que são dinâmicos e se conformam como político, já que suas capacidades elucidativas e formativas remetem a essa ação social que as sociedades tradicionalmente constroem.

O bairro é assim por excelência esse construto acima caracterizado, pois uma realidade dinamizada e entendida pelos sujeitos como importante é por si só condição, capacidade e essência. A repetição desses termos se dá por que os mesmos são ilustrativos destes parâmetros ora apresentados.

O resultado desta junção acima referenciada é um espaço do bairro ou em uma condição de paisagem materializada por sujeitos e instituições (isso em um arcabouço histórico). Vale neste sentido fazer mais uma referência aos contextos existentes no bairro do Socorro em Juazeiro do Norte que se caracteriza em ambos os sentidos.

É importante observar que a realidade condicionada no bairro do Socorro é um construto socialmente dinâmico que tem em sua condição como parte da cidade tem atributos que reluzem a constituições históricas e sócias, não só no presente, mas também no passado que se fez sobre este bairro em Juazeiro do Norte.

O resultado destas nuances se dão sobre a perspectiva de significação que os sujeitos deliberam sobre tal realidade no percurso da história da cidade, ou seja, em sentido histórico a cidade é sempre um comportamento que é produzido por ações políticas, sejam essas promovidas em uma condição de visibilidade real ou mesmo em condições de subjetividades inerentes a todas as ações que são configuradas por todos os sujeitos e agentes que se apresentam em tal realidade.

O sentido político assim pode estar visível ou não à realidade, ou seja, a ação política pode se apresentar na materialidade do espaço geográfico ou mesmo na subjetividade desse, isso porque a realidade pode estar subjacente a um sentido ideológico ou de dominação por parte de alguns entes envolvidos na condução do bairro como realidade que caracteriza-se como importante.

Assim, é importante reluzir aos sujeitos que significam o bairro como espaço geográfico, pois esses indicam as nuances que podem não estar aparentes na realidade de um bairro como recorte citadino, pois os mesmos são os que significam essa realidade inerente à subjetividade presente neste recorte. O construto social do bairro pode ser assim revelado por estes vieses do político, isso tanto pela ações como pelas características presentes na realidade do bairro como forma que reluz e se dinamiza nas variadas escalas da cidade.

É significativo observar que o bairro vai além da sua realidade material ou geossimbólica, pois o político não necessariamente em sua condição basilar precise dessas duas, essas podem ainda em sua essência serem políticas e se conciliarem paulatinamente na realidade e em sua constituição como híbrido. O político é forma, condição e essência. Quando se analisa uma realidade de um bairro é preciso assim fazer menção a todas essas performatividades, isso porque o construto entendido como híbrido delibera variadas ações que podem não ser apresentadas como relevantes.

A realidade em si é diversa e portanto consubstanciada por diversos sujeitos que por essência têm em suas convicções o entendimento político sobre a realidade, seja

essa convicção latente ou não. Quando se observa isso não se quer dizer que todos os sujeitos saibam do seu papel político perante as transformações da realidade, mas é importante observar que o sujeito independente de ser ciente do seu papel ou não esse exerce função significativa sobre a realidade na qual o mesmo insere uma série de significações.

O real, o imaginário, o subjetivo, ora relatados aqui no transcurso deste escrito são resultados de processo que subtendem uma construção que é deliberada ao longo do tempo e que portanto é construção social, essa organizada por sujeitos e ações instituições na complexa malha que é a sociedade e portanto deliberadas por arcabouços políticos na realidade construída, ou seja, nada se constroi sem a relação política inserida na essência das formas e das ações que são materialidades ou mesmo subjetivada no espaço geográfico, seja ela da cidade ou mesmo do bairro.

A política na estrutura da cidade pode ser neste arcabouço um ato de discurso veementemente proferido no cotidiano dos sujeitos, seja de maneira singular por eles próprios, seja por um grupo que pretende exercer ações sobre a realidade enquanto forma construída historicamente.

A ação política se materializa não só pela ação do poder público, mas também por contextos que remetem a subjetividade, ou seja, ela extrapola o cerne materialista da paisagem, das formas e dos lugares sendo assim um erário que se consolida por diversas vertentes quando inseridas sobre a perspectiva de uma sociedade historicamente consolidada.

O entendimento ou mesmo o ato da pesquisa sobre o construto social que é um bairro não pode ser entendido sem o aspecto que se refere à política, pois essa não pode cair em um vazio de entendimento, ou seja, o espaço geográfico (independentemente da categoria que esteja sendo usada para sua análise) é fruto de ações políticas que se dão no seio social, que se configura dinâmico e diverso.

A organização das sociedades na estrutura de cidade historicamente se deu com base em negociação entre grupos constituídos no espaço e consequente a essa negociação se estabelece o ato político, esse é o responsável em gerir a polis. Vale observar que desde a Grécia antiga a cidade é um ato de negociação entre os sujeitos

nela constituídos, ou seja, essa é por essência configurada de volatilidade nas suas formas e organizações.

Os sujeitos envolvidos na gestão da cidade ou do bairro, independente de estarem em cargos eletivos da administração pública, exercem papel significativo nas ações sobre estes recortes, seja diretamente ou indiretamente através de uma representação social como, por exemplo, uma associação comunitária ou mesmo de classe. Todas essas se constituem em representação de sujeitos sociais e nesta alcova representa a vontade desses constituídos em agrupamentos organizados.

Assim, é significativo entender o bairro também por essa essência, afinal ele é atributo do negociável na cidade, ou seja, é político por excelência, pois em sua base há questões que remetem aos conflitos ao apropriável, essas características que aludindo-se ao ato gestacional que imbrica-se sobre a cidade no cerne da sua história.

As instituições presentes no contexto do bairro também provém sua ação política neste recorte e isso se dá no sentido de constituírem ações que sinalizam para discursos legitimados sobre os espaços. No caso do Socorro em Juazeiro do Norte os espaços sacralizados, significados e entendidos como representações do simbolismo de uma fé proferida por seus seguidores, ou seja, essa legitimação desse espaço sagrado se dá por uma ação que em sua essência pode ser entendida como política, haja vista a sua capacidade de se configurar como uma negociação em um espaço que ela divide com outras esferas do social.

As marcas produzidas no espaço são negociações políticas, pois essas são caracterizadas pelo contexto de aceitação (como se fosse uma espécie de contrato social), isso independe da forma em que essa se aplica na consolidação do espaço geográfico. Em outras palavras, a ação humana se constituindo em um ato negociável, ou seja, a política sendo a negociação e também sobreposição de ações, haja vista os contextos que são entendidos sobre vários vieses no mesmo recorte de espaço geográfico.

O contexto de negociação é criado no dia a dia. A ação de cada sujeito no bairro se consolida no elaborado sobre as nuances em que esse é fruto dos aspectos culturais que se constroem no seio do agrupamento social, fortalecendo ainda mais as

competências que dizem respeito às realidades subjetiva e objetiva desse recorte citadino.

Sobre todos estes contextos aqui levantados é importante se fazer vista na densidade dessas características aqui eleitas como inerente aos aspectos formativos do bairro e em consequência da cidade. Essa vista tem que ser promovida no intuito de entendermos as relações estabelecidas politicamente nesta estrutura, já que por essa ser diversa a mesma pode apresentar situações variadas a ponto de evidenciarmos subjulgamentos de um grupo de sujeitos sociais em relação a outros, ou mesmo vontades políticas sendo impostas por determinados grupos sejam esses de sujeitos ou mesmo de agente sócias como, por exemplo, o mercado imobiliário ou o comércio.

É importante deliberarmos e entendermos quais ações ou proposições políticas estão sendo produzidas na realidade do bairro como paisagem na cidade, no sentido de condicionarmos críticas significativas sobre essas dinâmicas que se apresentam como anomalias e desigualdades nas demandas sociais ou mesmo culturais existentes na malha do bairro. Pode-se assim contextualizarmos a indicação de Maciel (2012), na qual ele adverte sobre uma democracia de sujeitos desiguais ao tratar de espaço público, política pública e democracia, isso no sentido de entendermos este espaço como diverso em sua essência e promoção.

A realidade pode em suma camuflar as verdadeiras situações que fazem parte da forma, ou seja, a paisagem do bairro pode em excelência não evidenciar o seu caráter político e desta maneira não configura a realidade como ela é intencionada pelos sujeitos e agentes que a promovem como fruto de um querer político.

O político ou a política estão na ordem do dia na construção social que é o bairro na cidade, em graus elevados ou não esses aprestam-se na constância da realidade, ou seja, é elementar e essencial quanto as dinamicidades existentes nesta porção da cidade e mesmo nessa como escala complexa, indo por sua vez além do bairro.

Essa complexidade que caracteriza a robustez que se faz na materialidade ou mesmo na subjetividade do bairro é fruto de todas essas pontuações feitas acima, e é preciso que tenhamos enquanto investigadores do bairro a noção e a capacidade de significarmos o holismo que existe sobre este recorte da cidade.

Quando se alerta para essas condições não se pretende dar receitas nem tampouco incitar o aparecimento de estudos generalistas sobre o bairro, mas sim dar ênfase neste elemento importante presente no bairro. Independente do objeto de estudo nele presente é elementar saber que este, em qualquer cidade, é pontuado por todo um contexto que se faz na política, ou seja, esse recorte não está a par das realidades que se insere sobre essa acumulação da humanidade chamada política, portanto não se pode ser ingênuo o suficiente para não se fazer o mínimo de menção a essa.

3.4 - Contextos Identitários e lógicas no espaço do Bairro Socorro

Ao pontuarmos este tópico chegamos no momento em que coadunamos para com uma ideia substancial que se consolida ao longo do tempo no bairro do Socorro, em Juazeiro do Norte. Essa ideia tem sua base na manifestação do religioso que se processa sobre a realidade ora estudada. A ideia que se organiza em torno do religioso é um construto social que se dá no contexto identitário do bairro, ou seja, nele se constroi um ambiente que pode ser compreendido no âmago das identidades, tanto do ponto de vista territorial, como do ponto de vista social como afirma Haesbaert (2013).

Ainda com suporte em escritos de Haesbaert (2013) pode-se afirmar que no bairro do Socorro se configura um contexto de identificação simbólica que permeia os aspectos do positivo no tocante aos sujeitos envolvidos com essa realidade. O caso do bairro é significativo, pois nesta escala erguem-se várias possibilidades na ação de moradores e romeiros sobre a realidade. Assim é preciso ter noção do quanto é híbrido o bairro, perfazendo um conjunto de nuances sociais e territoriais.

É preciso levar em conta os aspectos que compõem a realidade no seu sentido total, mesmo quando certas noções de pesquisa não fazem tanta referência para todas as performances do bairro. Quer dizer, estudar um bairro como o Socorro e não levar em conta as suas principais características é antes de mais nada cair em um erro significativo, pois não se entende essa realidade pelo que a sua paisagem mostra como verdade concreta. É preciso ir além da forma, do concreto e desvencilharmos a essência que formula a realidade por completo revelando em certos casos os preceitos das identidades nele presentes, transfiguradas e marcadas como símbolos na paisagem ou mesmo no âmbito do lugar.

Torna-se importante construir uma noção que se embase no contexto das intencionalidades existentes nas paisagens, nas formas e nos geossímbolos. Por conseguinte deve-se ir além do que está posto à primeira vista e embasar um consistente argumento que eleve o debate sobre o recorte do bairro e suas identidades.

É preciso promover a capacidade de entender as condições que as intencionalidades da política promovem sobre a gerenciamento do bairro e como essas são impressas ou reforçadas pelos aspectos identitários nele presentes. Ainda é significativo entender que a realidade das ações públicas sobre esse recorte mostra-se constante e por isso merece um melhor entendimento, tanto em sua essência quanto em sua ação que dinamiza a cidade politicamente falando ou mesmo na ações identitárias. Desta feita, pode-se afirmar que:

quem compreender hoje a política deve começar por se inclinar não sobre a economia ou a geopolítica, mas sobre **a identidade religiosa**, nacional, regional e étnica de cada sociedade [...] **a construção da vida, das instituições e da política em torno de identidade culturais coletivas é historicamente a regra, e não a exceção.** A exceção, na verdade, são as sociedade forjadas a partir dos estados-nações, que surgiram a favor do capitalismo e do estatismo na época industrial e que se estenderam a todo o planeta em sua expressão colonial (CASTELLS, 1998b, *apud* HAESBAERT 2013, p.234), grifos nossos.

Nessa perspectiva é interessante construir vias que nos levem às nuances que estão dadas sobre o caleidoscópio chamado bairro e neste sentido é significativo entender que o seu arcabouço é promovido por inúmeros agentes e sujeitos, uns mais, outros menos ativos, uns levando em consideração alguns aspectos outros levando em voga problemáticas que enviesam por outros sentidos – e assim se faz o espaço do bairro do Socorro em Juazeiro do Norte. É importante observar que não só esse lócus possui tal dinâmica complexa, mas também outros bairros da cidade, ou mesmo outras cidades com os seus bairros dinâmicos por diversos sentidos.

Como já mencionado, este recorte da cidade não é um dos mais representativos em sua extensão territorial. Mesmo não sendo significativo em dimensão esse exerce um papel importante na história de Juazeiro do Norte, assim como exerce também determinações importantes quanto aos aspectos que remetem às romarias que ocorrem sazonalmente na cidade de Juazeiro, ou seja, esse é um recorte que no imaginário dos romeiros passa a ser imprescindível para a consolidação do rito de romaria.

O Juazeiro e seus bairros marcados pela manifestação do sagrado passam pela perspectiva de uma construção que vai além da escala do real, do local, perfazendo assim outras escalas que remetem a realidades exógenas da cidade, do chamado real concreto, assim como as subjetividades ou mesmo das identidades existentes neste lócus de vivências significados por vários sujeitos e atores.

Muitas dessas condições e identidades sobre e no Socorro são exógenas, porém completamente imbricadas com a realidade local. Neste contexto pode ser dado o exemplo dos romeiros que produzem suas demandas, seus anseios para com a cidade e suas sacralidades, mas estão “fora” dela enquanto sujeitos do cotidiano. Esses vêm do além/fronteira da cidade, mas todas as ações que se confluem no sagrado sobre essa se materializam em sua realidade enquanto lócus do seu cotidiano.

É preciso observar que as ações que se promovem na realidade do bairro enquanto paisagem dinâmica (que ao mesmo tempo é forma fixa, volátil e viva) se promovem por todos os contextos mencionados e que são em sua gênese intencionados por sujeitos e atores sociais que na realidade exercem seus papéis perante a plenitude do espaço sacralizado e significado como identidade.

O atributo sagrado potencializa as ações que são desenvolvidas sobre o bairro, sejam elas no campo do cotidiano dos moradores, na significação dada pelos romeiros visitantes ou mesmo pelas ações públicas que são aplicadas a essa realidade. Ou seja, a identidade principal que significa o bairro é o sagrado, que permeia e codifica todo este ambiente.

A realidade do bairro enquanto forma que reluz na cidade como imaginário é em suma uma construção que é um ato de negociação histórica, haja vista os processos que neste ambiente ocorreram nos últimos cem anos. Em exemplo disso pode-se citar a polêmica construção da Capela do Socorro que por divergências entre o bispo da diocese de Crato com o Padre Cícero foi interrompida inúmeras vezes e essa após ficar pronta só foi elevada a categoria de templo católico nos anos trinta, mesmo com sua construção tendo sido finalizada no ano de 1908.

Vê-se, neste sentido, que a cidade, o bairro e suas paisagens são negociações constantes e circunstanciadas em relações de troca, de poder, ou mesmo em discurso que promovem ou desdizem sobre determinado fato presente em qualquer que seja a

escala da realidade trabalhada, ou seja, essa é uma realidade que remete ao entendimento da negociação constante.

As relações que se materializam no bairro do Socorro são diversas e se constroem na esteira do social, do negociável, e neste ir e vir do pacto produzem-se marcas que são significadas na realidade do espaço geográfico da cidade enquanto acumulação humana. Marcas que falam sobre a cidade, ou que revelam um contexto identitário para os sujeitos envolvidos com essa condição cotidiana que é a cidade e os seu bairros.

O sentido social que é incrustado numa realidade como a do bairro Socorro é diverso e rico, se constituindo desta maneira como o resultado da construção histórica e social que a cidade e seus entes produziram ao longo do seu centenário. O bairro se caracteriza dentro da cidade como uma parte que se faz viva e dinâmica no sentido mais lato possível, isso porque o seu espaço é fruto de uma história que se faz na esteira do constante, haja vista as romarias que esse espaço recebe anualmente ou mesmo recebendo os visitantes fora de períodos do evento maior.

A prerrogativa do bairro enquanto “paisagem viva” ou “espaço volátil” se dá em via de nele inserirem-se sujeitos que passam a integrar um fragmento vivo e ativo no espaço geográfico do lugar, como também de Juazeiro. Esses sujeitos são os principais rotores nas dinâmicas intra-bairro, tanto no campo da visibilidade quanto no sentido de uma presumida imaterialidade construída pelo papel ativo nestas perspectivas de paisagens eleitas acima.

Isso não significa dizer que estes sujeitos não promovam condições sobre outras visões do espaço, ou seja, eles também têm condições de promover olhares que se debrucem nas perspectivas de lugar e territórios ou mesmo identidades territoriais, haja vista a hibridez que este ente na cidade de Juazeiro demanda.

Revelam-se ainda alguns detalhamentos das diversas formas de se inserir e fazer parte da paisagem do bairro. As formas são usadas e interpretadas pelos sujeitos sociais, ou seja, pontuam os seus atos enquanto sujeitos ativos e promotores dessas paisagens do bairro, na perspectiva da volatilidade.

O bairro, em linhas gerais, é a consolidação de ações de três grupos sociais bastante incisivos na cidade de Juazeiro do Norte, no caso, os “moradores, os romeiros e

os agentes do setor público”, este último responsável pelas ações públicas que tanto transformam as paisagens do Socorro. Estes três agrupamentos são os que negociam as inserções do político no bairro, que reconfiguram suas ações conforme as demandas construídas ao longo de sua edificação social como indivíduo pertencente a um dado segmento na cidade juazeirense.

Todos os responsáveis por essas configurações são tanto promotores de ações como também são receptores de ações uns dos outros, ou seja, os sujeitos não estão inertes a ações promovidas pelo poder público, assim como esse setor pode vir a agir a partir de deliberações advindas dos sujeitos que vivenciam e dinamizam a espacialidade do bairro do Socorro.

O resultado deste conjunto de situações e de sujeitos se sobrepondo ou se colocando em equivalência constrói a existência do bairro que se “camufla” na cidade como um local de tranquilidade que em períodos predeterminados se modifica em torno da manifestação de um movimento sagrado das romarias, e por si só as condições preestabelecidas nesta realidade se configuram como híbridas. Esse bairro, ao se reconfigurar de tempos em tempo é assim por essência e por legitimação dos sujeitos que validam essa realidade, afinal, quando não se tem um conflito dentro desse recorte da cidade os seus sujeitos passam a dinamizar a realidade conforme suas demandas promovendo as multiterritorialidades no construto do bairro.

O resultado de todo esse processo deságua em um conjunto identitário que remete a um processo reflexivo na condição do bairro enquanto experiência humana que é, esse se configurando em realidade e se constitui além do concreto se configurando em uma regulamentação elaborada pelos sujeitos e atores que fazem parte dessa. Vale assim observar que este itinerário é um processo que podemos entendê-lo com um pensamento que transcende os aspectos figurativos sobre o espaço, fazendo dos seus sujeitos agentes significativos que possuem ações que modificam o espaço enquanto vivido e significado.

É importante observar que podemos ver este conjunto de fatores que se destacam numa perspectiva de um discurso coletivo sobre a paisagem do bairro, constituindo assim a paisagem que tanto pode ser entendida como existência material a partir de uma leitura de mundo como parte de uma perspectiva retórica ou mesmo em uma trama narrativa (MACIEL, 2009; BERDOULAY, 2012).

Assim, vale entender que a paisagem do Socorro tanto é imaginação como é uma realidade palpável, isso numa correlação da ação cultural que esses sujeitos exercem sobre o contexto do bairro, assim podemos afirmar que essa é no Socorro um meio de compreensão das ações e intencionalidade dos sujeitos e atores que exercem suas funções sobre o construto social que é essa realidade. Podemos afirmar ainda que este recorte é tanto um construto coletivo tanto quanto individual, ou seja, os sujeitos e os atores são tanto consciência de sua ação como ação de sua consciência na estruturação tanto imaginária quanto material da paisagem deste lócus na cidade.

Os estudos sobre o bairro e seus sujeitos moradores ou transeuntes, propiciam um entendimento do espaço geográfico num jogo interestelar, de maneira que a elucidação sobre essa realidade não se condiciona somente no recorte estrutural ou rígido do bairro já que neste contexto a análise se fundamenta em condições que remetem do singular ao complexo, da cidade ao lugar, da rua à casa, do indivíduo à sociedade com o Socorro se constituindo tanto como uma realidade intimista dos sujeitos que o significam como uma realidade que faz conexões com agentes e aspectos exógenos tanto quanto nas suas condições como paisagem, forma e condição subjetiva.

Como já mencionado no decorrer do texto, é importante considerar que os imaginários são partes substanciais da realidade existente no bairro, pois esses são, ao mesmo tempo, frutos e repositório dos significados produzidos por sujeitos que deliberam suas ações no espaço, na paisagem ou mesmo no lugar.

Essa noção a ser considerada consubstancia deliberações no sentido de dar voz às características produzidas pela dimensão subjetiva dos indivíduos. É importante salientar que o bairro do Socorro propicia confluência para esses vários debates, uma vez que se apresenta como resultado do imaginário religioso dos romeiros e imaginário das práticas cotidianas dos moradores e de ações do poder público que visa catalisar as diferentes dinâmicas que ali têm lugar.

Obviamente que há outras realidades parecidas na cidade, essa não sendo única. Desta feita, é importante mencionar que existem bairros com potencial de estudo tão significativo quanto o aqui eleito, independente do mesmo fazer menção aos aspectos de religiosidade na sua paisagem e significação ou não.

Todavia, com elementos singulares em sua essência o Socorro ganha visibilidade no estudo ora relatado, isso porque esse remete a uma imagem que faz parte do discurso sobre Juazeiro do Norte. Pensar essa cidade sem a imagibilidade do recorte trabalhado é mitigar parte do seu entendimento histórico e geográfico, pois o bairro não só faz parte da essência da cidade e da religiosidade nela presente, como é a própria essência na formação cultural e territorial da cidade. É importante que seja feita algumas pontuações por outras possibilidades de análise, pois a paisagem e suas formas podem forjar a perspectiva do híbrido, fazendo com que sua interpretação se condicione também por outras circunstâncias ou modos de se ver o espaço.

À par do breve debate sobre o Socorro, ampliam-se as maneiras de empreender caminhos de modo a conjugar o importante fortalecimento sobre o entendimento da realidade de Juazeiro do Norte. Essas empreitadas promovem ainda contribuições que levam a outras possibilidades de se trabalhar com a Geografia Cultural, implementando interlocuções sobre a relação entre imagem e paisagem no plano do lugar, atentando aos sujeitos envolvidos diretamente com a realidade, constituindo neste entremeio com possibilidades de entendimentos conjuntos nas pontuações eleitas acima.

De modo singular, entender a organização do simbólico na paisagem é desvelar as relações de todas essas caracterizações acima eleitas. É importante entender que todas as possibilidades de debates aqui desenvolvidas se caracterizam como pontapé inicial do entendimento de uma realidade historicamente negligenciada nos estudos da geografia na cidade, assim como na Região do Cariri e suas outras cidades.

As lógicas na organização do espaço do bairro são diversas e ao mesmo tempo complexas, e dentro dessa situação enquadradas, disputadas politicamente ou culturalmente, assim como transformada e significada por uma gama de intenções. Desta feita, é substancial entender o que o ambiente vem falando enquanto realidade subjetivada e ao mesmo tempo materializada. No decorrer deste capítulo foram feitas ponderações sobre essa realidade, porém é de suma importância observar que essa construção não esgota a possibilidade de interpretação sobre essa realidade em Juazeiro.

Ainda na perspectiva acima levantada é importante salientar que as pontuações eleitas no trabalho não têm a premissa de se tornar uma receita para aplicação em outros bairros da própria cidade de Juazeiro, haja vista o quão é dinâmica e diversa a realidade de cada bairro presente nesta urbanidade. É importante observar que os escritos aqui

produzidos podem mediar parâmetros para interpretações e realidade parecidas com essa ou mesmo destoantes do recorte eleito, isso por que como já mencionado, não é intenção da pesquisa se colocar como algo acabado e pronto que se impõe como condição e produto absoluto na ajuda de interpretação da realidade de bairros e suas paisagens ou mesmo em sua perspectiva de lugar visto no cerne do cotidiano.

Ainda na condição de se debruçar sobre as paisagens do bairro, ou mesmo sobre outras perspectivas, não se pode esquecer que essa realidade é incrementada do jogo de interesses, e esses são desde intenções simplórias como o direito de ir e vir, passando pelo direito de segurança pública e chegando até as disputas entre grupos de sujeitos sociais.

O conteúdo político na realidade do bairro é por natureza condicionado pelas relações entre sujeitos, atores e instituições, ou seja, não se entende essa realidade na cidade sem sequer fazer algumas anotações sobre a política, seja ela no ativismo de bairro, seja no condicionamento do bairro enquanto arranjo territorial na gestão pública, na cidade ou mesmo na construção de um discurso coletivo sobre sua imagem fundante ou paisagem (SOUSA, 1989; MACIEL, 2012; RIBEIRO, 2013).

Essa condição está intrínseca na morfologia, nos usos e discursos que se constroem sobre este recorte na cidade, e todas essas condições revelam o conteúdo político do bairro. O bairro é tanto receptáculo da política e de políticas como é promotor de ações sob estas perspectivas sociais de ações gestacionais.

O conflito ou entendimento na condição de bairro é uma constante. Esse recorte não existe sem tal par dialético. Ao exemplificar com o caso do Socorro, pode-se afirmar que neste ambiente há o entendimento quanto ao seu conteúdo político, haja vista os principais sujeitos envolvidos com a realidade conviverem de modo paralelo na paisagem local, ou se encontrando no mesmo escopo de paisagem ou lugar, como por exemplo, nos locais de devoção religiosa e nas casas que são oferecidas como ranchos para os sujeitos romeiros. Quanto ao conflito, podem ser lembrados os ruídos entre os moradores e as reformas urbanas levadas a cabo pela prefeitura e que nem sempre são totalmente aceitas. Mesmo moradores e romeiros podem às vezes se colocar em polos opostos, quando muitos habitantes locais não frequentam a igreja na época das romarias em função da lotação dos logradouros.

Em um entendimento geral pode-se afirmar que as lógicas presentes no Socorro possuem conteúdo diverso e dinâmico caracterizando-se assim em uma realidade plural significada por diversos sujeitos na condição que esse exerce dentro da cidade de Juazeiro do Norte. Essa paisagem de bairro é por si só um emblema que faz vivo no seio social que o significa geossimbolicamente.

Considerações finais

Ao chegarmos ao término do trabalho, temos que ter em mente que as pontuações que serão feitas na sequência são construídas como desenvolvimentos futuros se condicionando como afirmações em construção e que nunca podem ser entendidas como postulados definitivos e rígidos no tempo e no espaço. Neste ímpeto de deliberarmos as considerações finais, vale lembrar que o ensaio, ao propor como norte as apreciações sobre o bairro e a paisagem, se constituiu enquanto proposta de interpretação da espacialidade de Juazeiro do Norte condicionada pela religião.

O debate que se empreendeu visou construir demandas sobre as perspectivas do bairro e suas variadas maneiras de se apresentar no espaço geográfico da cidade. Esse bairro visto aqui enquanto porção substancialmente experienciada por sujeitos e atores sociais no transcurso da história, tanto do ponto de vista das transformações como no ponto de vista das significações construídas neste recorte da cidade.

O que se conclui em relação aos entendimentos prévios sobre o bairro é que este se consolidou ao longo da formação histórico-social como sendo um lócus que tem em sua paisagem a essência da formação da cidade de Juazeiro do Norte e também dos sujeitos que paralelamente se fazem como ente na paisagem ou mesmo na significação do bairro do Socorro enquanto espaço vivido e geossimbólico.

O debate que por hora se encerra possibilitou o entendimento do bairro e sua paisagem como entes vivos e dinâmicos na cidade, esse ainda se configurando no dia a dia dos sujeitos e da vivacidade promovida em épocas de romarias em Juazeiro. É importante afirmar que esse bairro é uma paisagem que se consolida como personificação da religiosidade em Juazeiro, sendo desta maneira um construto que se estabelece a partir e pelos sujeitos sociais que nele se estruturam, ou seja, esse recorte se estabelece pela figura tanto do sujeito romeiro como do sujeito morador.

Assim, afirmamos em sentido de pontuarmos o trabalho que a paisagem do Socorro em Juazeiro do Norte é dinâmica e viva, nela estão inseridos esses dois sujeitos acima referenciados, pois esses são os que propiciam a capacidade deste bairro se fazer enquanto referência na cidade, referência essa entendida aqui como marca que forja tanto o imaginário como a materialidade do que é Juazeiro do Norte enquanto espaço de religiosidade popular.

Entender e buscar os nortes sobre um tema dentro da ciência se faz mais que preciso, pois só assim haverá uma condição preestabelecida para o fortalecimento do debate sobre os bairros, suas paisagens e seu sentido de lugar. Esse itinerário é uma construção contínua. As afirmações aqui citadas são do ponto de vista prático, resultados que se dão em movimento e que portanto é preciso ensejarmos mais pesquisas sobre esta perspectiva tão importante para o entendimento de urbanidades.

A ciência geográfica necessita a cada dia assimilações e contribuições de vertentes mistas e variadas, portanto a problemática do bairro tem força significativa para a ciência do espaço. O bairro é assim um lócus de estudo que em muito contribui para resolução de problemas na cidade, desde condições materiais do espaço vivido historicamente até acepções imaginárias refletidas no real.

A condição que a Geografia do bairro oferece para interpretação da cidade é volumosa no âmbito da informação e importante no sentido dessa propiciar aos estudos revelações que por outros meios ficam mais difíceis. Essa noção se dá na esteira da pesquisa e da significação que o bairro exerce sobre os seus sujeitos e suas paisagens geossimbólicas, e neste sentido é importante entender e buscar significações que implicam na condição de solucionar problemas da atualidade e que o bairro tem forte capacidade de apontar vias para o verdadeiro entendimento.

O estudo propiciou, ao mesmo tempo, construir um debate que se faz necessário para o entender de Juazeiro do Norte enquanto cidade significada por sujeitos no âmbito da religiosidade católica, pois só com esse é que as amarras que circundam as transformações dessa passam a ser desenroladas de modo que quando isso acontece é que podemos ver a evolução de entendimento sobre as variadas faces da cidade e de seus bairros.

Acredita-se que este estudo enquanto pesquisa sobre a realidade de um bairro significado massivamente pela religiosidade católica teve a premissa de pontuar os contornos que dizem respeito a uma revisão dentro de um cunho histórico e, por fim, a pontuação dos vários enfoques aqui eleitos, esses a fim de consolidar afirmações sobre os vários tipos de paisagens que o bairro do Socorro pode se configurar em determinadas épocas do ano.

O trabalho investigativo se deu assim na busca de afirmações no sentido de subsidiar ou mesmo contribuir para a consolidação do debate no tema conciliando e propondo um trabalho investigativo, provocando para uma problematização contínua sobre a realidade de um bairro, suas dinâmicas e seus sujeitos.

Em uma consideração final mais incisiva do que as que fizemos até aqui, podemos dizer de maneira direta que o bairro do Socorro, em Juazeiro do Norte, apresenta como características principais em suas dinâmicas (seja ela diariamente ou em determinadas parte do ano), três condições principais:

- ***Uma condição de Paisagem volátil (ou paisagem com característica de volatilidade)***
- ***Uma condição de Paisagem da Sazonalidade***
- ***Uma condição de Paisagem Viva***

Cada uma dessas condições se configuram no espaço do bairro Socorro tanto isoladamente quanto paralelamente ou se complementando, essa em um sentido mais amplo promovendo o que podemos chamar de paisagem significada ou experienciada por sujeitos e atores sociais que se constituem no espaço da cidade de Juazeiro e também no bairro supracitado.

Especificando cada uma dessas condições, vale observar que elas são deliberações que não podem ser vistas como prontas e absolutas, mas sim como parte de um debate que apenas se inicia sobre o entendimento dos recortes de bairros.

Assim, vale observar que a “Paisagem Volátil ou a volatilidade de paisagem” é a condição que no bairro se apresenta enquanto forma que se mostra dinâmica e se dá no cerne das imbricações que se referem ao sujeito enquanto agente geográfico no espaço da cidade, ou seja, a romaria que ocorre no Socorro o torna uma paisagem volátil, pois essa é preenchida e esvaziada conforme a periodicidade do evento, em outras palavras, a paisagem do bairro é dinamizada pela ação dos romeiros que passam assim a consolidar este espaço conforme sua manifestação e de tempos em tempos, vale ainda observar que o morador pode neste âmbito exercer essa volatilidade na paisagem quando o mesmo faz uso deste espaço para o seu usufruto cotidiano, se diferenciando assim das demandas conduzidas pelo sujeito anterior.

A condição de paisagem da sazonalidade se dá pelo viés de se entender o espaço do bairro do Socorro conforme a condição de espaço que possui características marcantes quanto a sua ocupação pelos sujeitos romeiros, ou seja, esses na sua ação romeira promovem de tempos em tempos mudanças bruscas na paisagem configurando resultados diferentes na interpretação e consolidação da paisagem geográfica do bairro. Essa ideia se aproxima muito da outra já explicada acima, mas se diferencia no sentido da paisagem ter em si a capacidade de se mostrar de maneiras diferentes em curto espaço de tempo.

A condição de paisagem viva passa pela capacidade de entendermos os romeiros e os moradores desse bairro como parte desse ente, ou seja, o sujeito é aqui um protagonista que se consolida enquanto materialidade da/na paisagem, ou seja, é uma paisagem que se faz a partir da manifestação da religiosidade, e pelo agente dessa manifestação, o romeiro ou mesmo o morador local, essa paisagem viva é entendida assim por se construir geossimbolicamente como representação da cidade de Juazeiro do Norte elevando o imaginário dessa além da noção do bairro como recorte simples.

De maneira geral, o trabalho buscou o debate sobre as possibilidades que o bairro na cidade e seus sujeitos fornecem para o seu próprio entendimento, constituindo neste viés uma problemática na categoria espacial que é o bairro. Ao concretizar um debate sobre o problema do bairro e da sua paisagem é significativo destacar as singularidades que revelam aferições importantes sobre o Socorro, em Juazeiro do Norte.

Os estudos sobre os bairros e seus sujeitos moradores ou transeuntes, devem possibilitar um entendimento do espaço geográfico num jogo interestelar, já que neste contexto a análise se fundamenta em condições que remetem do singular ao complexo, da cidade ao lugar, da rua à casa, do indivíduo à sociedade, ou seja, é substancial o estudo sobre o bairro e sua capacidade de ajudar na interpretação da cidade, independente da linha a ser tomada.

O construto imaginário é parte importante na relação que se estabelece ao buscar entendimentos sobre as realidades existentes nos bairros, pois esses são, ao mesmo tempo, frutos e repositório de significados de sujeitos que deliberam suas ações no espaço, na paisagem ou mesmo no lugar. O Socorro como estudo de caso, se caracterizou sobre esta perspectiva condicionando para o seu entendimento deliberações

que nos levou a buscar possibilidades além do sentido de bairro em si, ou seja, foi preciso buscar outras possibilidades de entender o bairro como, por exemplo, a sua capacidade de se colocar enquanto paisagem que faz referência para cidade como um todo ou mesmo sobre a perspectiva de entender este lócus pela intersecção entre a sua paisagem e o seu sentido de lugar.

É importante salientar que o bairro do Socorro propicia confluência para esses vários debates, uma vez que se apresenta como resultado do imaginário religioso dos romeiros, das práticas cotidianas dos moradores e de ações do poder público que visam catalisar as diferentes dinâmicas que ali têm lugar, ou seja, este bairro se imprimiu na malha de urbanidade de Juazeiro do Norte como um conteúdo diverso que se apresenta por variadas vertentes se metamorfoseando conforme o sujeito ou mesmo a instituição.

Os resultados observados aqui nestas linhas são ainda incipientes, mas esses também problematizam a realidade do bairro de diversas maneiras com intuito de ao se debater estes termos, mais cuidado ao observar o que a paisagem fala de imediato, ou seja, as formas e morfologia não conseguem por si só revelar as intencionalidades dos sujeitos envolvidos com este tipo de realidade, é preciso mergulharmos em uma interpretação que não pode abrir mão dos sujeitos.

Estudos de caso como esse devem ser construídos mais e mais, pois são esses que suscitam e promovem aprofundamento na realidade de um bairro enquanto espaço vivido e paisagem geossimbólica. Então, se faz necessária a continuidade do debate sobre a temática, de modo a ampliarmos esses sobre a categoria do bairro e suas possibilidades interpretativas, fortalecendo, assim, as contribuições da Geografia e sua vertente Cultural, isso sobre a relação entre imagem, imaginário e paisagem no plano do lugar, atentando aos sujeitos envolvidos diretamente e com isso condicionarmos meios diferentes de entendemos a geografia urbana das cidades.

Referências

ALDERMAN, Derik. H and INWOOD, Joshua. F.J. **Landscapes of Memory and Socially Just Futures**. In: The Wiley-Blackwell Companion to Cultural Geography, First Edition. Edited by Nuala C. Johnson, Richard H. Shein, and James Winders. John Wiley e Sons, Ltd. Published 2013 by John Wiley & Sons Ltd.

ARAUJO, Marcos. A. G e MACIEL, Caio. A.A. **Um entendimento da cidade pelo recorte do bairro: dos sujeitos aos seus imaginários**. Anais XI Encontro Nacional da Anpege. A diversidade da geografia brasileira: Escalas e dimensões da análise e da ação. Presidente Prudente –SP 2015. INSS 2175-8875.

BARBOSA, David Tavares. **Novos Recifes, velhos negócios: política da paisagem no processo contemporâneo de transformações da Bacia do Pina – Recife/PE** : uma análise do Projeto Novo Recife. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Pernambuco, CFCH. Programa de Pós-graduação em Geografia, 2014. 244 f. il; 30cm.

BASÍLICA Menor da Mãe das Dores. **Campanha dos romeiros da Mãe das Dores**. Disponível em <http://maedasdorejsuazeiro.com/campanha>. (Acesso em 05/08/2015).

BAUMAN, Zygmunt, 1925- **Globalização e as consequências humanas**/ tradução, Marcus Pechel. _ Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 1999.

BERDOULAY, Vincent. **El individuo como sujeto geográfico: interés y modernidade de las concepciones de Elisée Reclus**. Laboratório SET, Centre National de la Recherche Scientifique (CNRS), UMR 5603, Pau/ Centro de estudios mexicanos y centroamericanos, 2011 p. 95-11. Disponível em [http:// www.openediton.org/6540](http://www.openediton.org/6540)

_____. **El Sujeto, El Lugar e la Mediación de Imaginario**. In: Alicia Lindón e Daniel Hiernaux, diretores. **Geografías de lo imaginario**. Barcelona/Iztapalapa México : 1ª ed. Antrophos Editorial/ Universidad Autónoma Metropolitana Iztapalapa;. 2012 p.49-65.

_____. **Sujeto y acción em la Geografía Cultural**: el cambio sin concluir. Boletín de la A.G.E.N nº 34- 2002, p. 51-61.

BERGER, P. **O dossiê sagrado**. Elementos para uma teoria sociológica da religião. São Paulo: Editora Paulinas. 1995.

BERQUE, Augustin. **Paisagem-marca, Paisagem-matriz**: elementos da problemática para uma geografia cultural. In: Geografia Cultural: uma ontologia. (1) / organização, Roberto Lobato Corrêa, Zeny Rosendahl- Rio de Janeiro: Eduerj-2012, 344p.

BESSE, Jean-Marc. **Ver a Terra/ seis ensaios sobre a paisagem e a geografia**. Tradução Vladimir Bartalini. _ (Coleção estudos; 230/ dirigida por J. Guinsburg). São Paulo Perspectiva, 2006.

BONNEMAISON, Joël. **Viagem em torno do território**. Geografia Cultural Uma Ontologia. Volume I. Roberto Lobato Corrêa, Zeny Rozendahl (org.) Eduerj Rio de Janeiro 2012.

CAMPANHA DA MÃE DAS DORES. <http://maedasdoreljuazeiro.com/campanha acesso em 05/08/2015>).

CAPEL, Horacio. **El desarrollo de los estudios de morfologia urbana**: hacia una convergência interdisciplinaria. La morfologia de las ciudades. Barcelona: Ediciones del Serbal, 2002; p. 19-66.

CEARÁ. **Roteiro da Fé/ projeto cidades do Cariri central fortalece o turismo religioso em Juazeiro do Norte**. Revista cidade do Ceará. Edição 02 ano 2013.

CLAVAL, Paul. **A Contribuição Francesa ao Desenvolvimento da Abordagem Cultural na Geografia**. In. Introdução a Geografia Cultural. CORRÊA, Roberto Lobato e ROZENDAHL, Zeny (Org.) 3ª edição Rio de Janeiro 2010.

_____. **A paisagem dos geógrafos**. In: Geografia Cultural: uma antologia/ volume (I) organização Roberto Lobato Corrêa, Zeny Rosendahl. – EdUERJ, 2012. P.344.

_____. **O papel da nova de Geografia Cultural na compreensão da ação humana**. In. Matrizes da geografia cultural. ROZENDAHL, Zeny CORRÊA Roberto Lobato e (Org.) Eduerj Rio de Janeiro 2001.

CORRÊA, Roberto Lobato. **Carl Sauer e a Escola de Berkeley - Uma Apreciação**. In: Matrizes da Geografia Cultural/ organizadores, Zeny Rosendahl, Roberto Lobato Corrêa. – Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001. 146 p.

COSGROVE, Denis E JACKSON, Peter. **Novos rumos da Geografia Cultural**. In. Introdução a Geografia Cultural. CORRÊA, Roberto Lobato e ROZENDAHL, Zeny (Org.) 3ª edição Rio de Janeiro 2010.

COSTA, Otávio José Lemos. **Os lugares sagrados e a imaginação geográfica**. In: Multiterritorialidades e novas práticas culturais. Organização, Raimundo Elmo de Paula Vasconcelos Júnior, Otávio José Lemos, Josier Ferreira da Silva, Keila Haiashida e Stanley de Oliveira- Fortaleza: RDS, 2012.j

DELLA CAVA, Ralph. **Milagre em Joazeiro**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.

DUNCAN, James. **O supraorgânico na Geografia Cultural americana**. In: Introdução a Geografia Cultural. CORRÊA, Roberto Lobato e ROZENDAHL, Zeny (Org.) 3ª edição Rio de Janeiro 2010.

DURKHEIM, E. **O problema religioso e a dualidade de natureza humana**. In: Religião e sociedade (2) São Paulo: HUCITEC 1997.

ELIADE, Mircea. **O Sagrado e o Profano: A essência das religiões**; [Tradução Rogério Fernandes] – Martins fontes São Paulo 2001.

FERNANDES, Francisco *et al.* **Dicionário, Brasileiro Globo**. 56ª ed. – São Paulo Globo, 1996.

GIL FILHO, F. S. **Geografia da religião: estudos da paisagem religiosa**. <http://www.ensinoreligioso.seed.pr.gov.br/arquivos/File/simposio2011> - acesso em outubro de 2014.

_____. **Por uma Geografia do Sagrado**. In: Elementos de epistemologia da Geografia contemporânea. (org.) Francisco Mendonça, Salete Kozel. [Revisão de texto Maria José Mario Fernandes Naime]. – [Curitiba]. Ed. Da UFPR, 2002. Reimpressão 2004. 1º ed. Ver. 2009, 270 p.

HAESBAERT, Rogério. **Identidades Territoriais**. In: Geografia Cultural: uma antologia, volume II. (org) CORREA, R. L.; ROSENDAHL, Z. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2013, 296p.

_____. **Território e Multiterritorialidade: um debate**. In: Multiterritorialidades e novas práticas culturais. Organização, Raimundo Elmo de Paula Vasconcelos Júnior, Otávio José Lemos, Josier Ferreira da Silva, Keila Haiashida e Stanley de Oliveira-Fortaleza: RDS, 2012.

HALLEY, B. M. **O bairro e os enredos do lugar**. Geograficidade – (Niterói. online), v.4, n.1, p. 43-57 Verão 2014.

_____. **Bairro rural/bairro urbano: uma revisão conceitual**. GEOUSP – Espaço e Tempo, (São Paulo. online), v. 18, n. 3, p. 577-593, 2014.

HALBWACHS, Maurice. 1877-1945/ **A memória coletiva**; tradução de Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2006 224p.

HIERNAUX, Daniel. **Los imaginários urbanos: una aproximación desde la Geografía urbana y los estilos de vida**. In: Alicia Lindón e Daniel Hiernaux, diretores. Geografías de lo imaginário. Barcelona/Iztapalapa México : 1ª ed. Antrophos Editorial/ Universidad Autónoma Metropolitana Iztapalapa 2012, p. 88-105.

JUAZEIRO DO NORTE. **Lei nº 2.569, de 08 de setembro de 2000.** Limites do município de Juazeiro do Norte.

_____. **Lei Nº 2.570, de 08 de setembro de 2000.** Plano diretor de desenvolvimento urbano do município de Juazeiro do Norte. 2000.

KOZEL, Salete. **As representações no geográfico.** In: Elementos de epistemologia da Geografia contemporânea. (org.) Francisco Mendonça, Salete Kozel. [Revisão de texto Maria José Mario Fernandes Naime]. – [Curitiba]. Ed. Da UFPR, 2002. Reimpressão 2004. 1º ed. Ver. 2009, 270 p.

LYNCH, Kevin. **A imagem da cidade.** [Tradução] Jefferson Luiz Camargo-São Paulo: Martins Fontes, 1997. 2ª tiragem novembro de 1999.

MACIEL, Caio. A. Amorim. **A Geografia política da paisagem: imagens, narrativas e sensibilidades culturais em disputas no espaço público recifense.** In: Abordagens geográfica do urbano e do rural/ organizadores, Caio Augusto Amorim Maciel, Claudio Ubiratan Gonçalves, Mônica Cox de Brito Pereira. – Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2012. 252 p. : il.

_____. **A retórica da paisagem: um instrumento De interpretação geográfica.** Espaço e cultura, Uerj, RJ, n. 26, p. 32-48, jul./dez. De 2009.

_____. **Espaços públicos e geo-simbolismos na "cidade-estuário": rios, pontes e paisagens do Recife.** Revista de Geografia da UFPE (Recife), v. 22, p. 12-20, 2005.

MATTE, Nadja Regina e MOSQUER, Eli. **Deleuze e Guattari e a Desterritorialização.** In: SAQUET, Marcos Aurélio e SOUZA, Edison Belo Clemente de. (orgs). Leituras do conceito de território e de processos espaciais. 1º ed. São Paulo: 2009 expressão popular.

MARINHO, Alba. L.S. **O sagrado na teia das redes geográficas do turismo em Pernambuco/Um estudo sobre o Santuário de São Severino, Paudalho – Pernambuco.** Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Pernambuco. CFCH. Geografia, 2008.

OLIVEIRA, Paulo Wendell Alves de. **Memória da cidade. Transformações e permanências na produção espacial do núcleo de formação histórica da cidade de Juazeiro do Norte- CE.** Dissertação de (Mestrado) – Universidade Estadual do Ceará, Centro de Ciência e Tecnologia, Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa, Programa de Pós-Graduação Em Geografia, Curso de Mestrado Acadêmico em Geografia, Fortaleza, 2014.

_____. **Memória da cidade, uma proposta metodológica a parti da compreensão de cidades novas- estudo de caso em Juazeiro do Norte- CE (1911-2011).** In. Multiterritorialidades e novas práticas culturais. Organização, Raimundo Elmo de Paula Vasconcelos Júnior, Otávio José Lemos, Josier Ferreira da Silva, Keila Haiashida e Stanley de Oliveira- Fortaleza: RDS, 2012.

PIRES, E. L. **Governança Territorial. Conceitos, fatos e modalidades.** São Paulo, UNESP, Cap. 2 - Os Processos de Desenvolvimento e a Governança Territorial, 2011, p. 59-148.

PEREIRA, C.J. & GIL FILHO, S. F. 2012. **Geografia da religião e espaço sagrado: diferenças entre as noções de locus material e conformação simbólica.** Ateliê Geográfico (Goiânia – online), V. 6, n. 1 p.35-50. 2012.

PEREIRA, Cláudio Smalley Soares. **Centro, centralidade e cidade média : o papel do comércio e serviços na reestruturação da cidade de Juazeiro do Norte/CE-** Universidade Estadual Paulista. Faculdade de Ciências e Tecnologia. - Presidente Prudente- SP : [s.n], 2014 328 f.

RIBEIRO, Rafael, W. **Paisagem, patrimônio e democracia: novos desafios para políticas públicas.** In: CASTRO, I. E.; RODRIGUES, J. N.; RIBEIRO, R. W. (org.). Espaços da Democracia: para a agenda da Geografia Políticas Contemporânea. 1ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013 p. 225-250.

ROSA, Wedmo Teixeira. **As implicações sócio-espaciais das romarias no espaço urbano e regional de Milagres - BA /** Dissertação de mestrado do Programa de Pós Graduação UFBA. _ 2007.215 f.: il.

ROSENDHAL, Z. **Espaço cultura e religião: dimensões de análise.** In: CORRÊA, R. L e ROSENDAHL, Z. **Introdução a Geografia Cultural.** 3ª edição Rio de Janeiro Bertrand Brasil, 2010.

_____. **Espaço e religião: uma abordagem geográfica.** 2.ed. Rio de Janeiro: Eduerj, 2002

_____. **Geografia da Religião Uma Bibliografia.** Espaço e cultura, (Rio de janeiro. online) N. 7, p.75-80 1999.

_____. **Uma proposição temática.** In: Elementos de epistemologia da Geografia contemporânea. (org.) Francisco Mendonça, Salete Kozel. [Revisão de texto Maria José Mario Fernandes Naime]. – [Curitiba]. Ed. Da UFPR, 2002. Reimpressão 2004. 1º ed. Ver. 2009, 270 p.

SANTOS, Elisangela. **Edificações antigas quase não existem em Juazeiro.** (Reportagem) Diário do Nordeste - Caderno Regional domingo, 22 de julho de 2012. Acesso em junho de 2015 <http://www.portaldejuazeiro.com/p/nao-existe-mais.html>.

SANTOS, Milton. **A Natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção.** São Paulo Hucitec, reedição 2006.

SAQUET, Marcos Aurélio. **As Diferentes Abordagens do Território e a apreensão do movimento e da imaterialidade.** Geosul, Florianópolis, v. 22, n. 43. P 55-76, jan. 2007.

SAUER, Carl O. **Geografia Cultural.** In: CORRÊA, R. L e ROSENDHAL, Z. **Introdução a Geografia Cultural.** 3ª edição Rio de Janeiro Bertrand Brasil, 2010.

SERPA, Ângelo. **Paisagem, lugar e região: perspectivas teórico-metodológicas para uma Geografia humana dos espaços vividos.** GEOUSP – espaço e tempo, São Paulo, Nº33, pp. 168- 185, 2013.

_____. **Lugar e centralidade em um contexto metropolitano.** In: A produção do espaço urbano, agentes e processos, escalas e desafios. Ana Fani Alessandri Carlos (Org.), Marcelo Lopes de Souza (Org.), Maria Encarnação Beltrão Sposito (Org.)- São Paulo Editora: Contexto -2011, 240p.

SOUSA, Marcelo Lopes. **Lugar e (re[s]) significação espacial.** In: Os conceitos fundamentais da pesquisa sócio-espacial/ Marcelo Lopes de Sousa- 2013. 1 ed. – Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013. 320 p. 23 cm.

_____. **O bairro contemporâneo: ensaio de abordagem política.** Revista brasileira de Geografia, Rio de Janeiro, 51 (2): abr./jun 1989- p139-172.

SPÓSITO, Maria Encarnação Beltrão. **Cidades Médias: reestruturação das cidades e reestruturação urbana.** In: ____ (org) Cidades Médias: espaços em transição. São Paulo: Expressão Popular, 2007, p. 233-255.

TUAN, Yi-Fu. . **Espaço e lugar: a perspectiva da experiência.** (Tradução de Livia de Oliveira). São Paulo: Difel.1983.

_____. **Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente.** São Paulo/Rio de Janeiro: Difusão, 1980.

VAN DEN BRULE, David Melo. **Territorialização como apropriação dos espaços públicos pelos camelôs nas romarias de Juazeiro do Norte-CE.** 2011. Dissertação

(Mestrado em Geografia), Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa.

WAGNER, Philip. L. e MIKESELL, Marvin. W. **Os Temas da Geografia Cultural**. In. Introdução a Geografia Cultural. CORRÊA, Roberto Lobato e ROZENDAHL, Zeny (Org.) 3ª edição Rio de Janeiro 2010.

WALKER, Daniel. História da Independência de Juazeiro do Norte. Juazeiro do Norte: HB editora, 2010.

_____. **Não existe mais**. Juazeiro do Norte- CE. 08 de fevereiro de 2013. Disponível em - <http://www.portaldejuazeiro.com/p/nao-existe-mais.html>>. Acesso em: 20 de agosto. 2015. Blog: Portal Juazeiro

_____. Capela Nossa Senhora do Perpétuo Socorro 100 Anos de História, Fé e Devoção 1908 – 2008. Disponível em <http://www.portaldejuazeiro.com/2011/05/historico-da-capela-do-socorro-daniel.html> > . Acesso em 22 de Agosto de 2015. Blog: Portal Juazeiro.

WYLIE, J. **Short Loan/ Landscape**. Routledge, Oxon UK 2007.

Apêndices



Entrevista com o sujeito romeiro/semiestruturada: Campo/Romaria das Candeias de 2015

Pesquisa de Mestrado PPGEQ/UFPE 2014-2015
Mestrando Marcos Allan Gonçalves de Araujo

P1] Qual o seu estado de origem?

R_____

P2] O senhor (a) frequenta as romarias desde que época e a quantos anos em Juazeiro do Norte

() ano(s)?

P3] O senhor (a) sempre visita as imediações do bairro Socorro?

Sim () Não ()

P4] Quais as diferenças que surgiram ao longo do tempo desde que as visitas do senhor (a) foram feitas?

1Praças () 2Barracas () 3Apoio da prefeitura () 4Memorial ()

5Reformas na capela () 6 Não houve mudanças ()

P5] O que faz o senhor (a) lembrar-se do bairro Socorro?

P6] O que seria importante para o Bairro do Socorro para melhorar a sua estadia aqui como romeiro?

Nome do entrevistado opcional: _____

Idade e Cidade de origem: () Cidade _____



Entrevista com o sujeito morador/semiestruturada: Campo fevereiro de 2015
Pesquisa de Mestrado PPGEU/UFPE 2014-2015
Mestrando Marcos Allan Gonçalves de Araujo

P1] Quais as principais alterações sofridas aqui no bairro do Socorro?

R_____

P2] O (A) senhor (a) frequenta as romarias no momento em que elas acontecem aqui em Juazeiro do Norte ?

P3] O (A) senhor (a) sempre visita as instalações como a igreja, o memorial e as imediações? Quais os lugares mais importantes na sua visão?

Sim () Não ()

P4] Quais as diferenças que surgiram ao longo do tempo na centralidade do Socorro ?

1Praças () 2Barracas () 3Apoio da prefeitura () 4Memorial ()

5Reformas na capela () 6 Não houve mudanças ()

P5] Quais foram as principais alterações que ocorreram no últimos cinquenta ano no bairro do Socorro? O senhor (a) lembrar-se de como era essa paisagem do bairro Socorro?

P6] As mudanças e as transformações que ocorreram no Socorro foram importantes ou não têm importância para sua vida e para a vida do bairro ?

P7] O que seria importante para o Bairro do Socorro para melhorar a sua estadia aqui como romeiro?

Nome do entrevistado opcional: _____

Idade: () _____